



ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA PARA TODOS!

Volume XVIII

Deise Nanci de Castro Mesquita
Maria Alice de Sousa Carvalho Rocha

Organizadoras





Larissa Rodrigues Ribeiro Pereira

Diretora Comercial

Winstom Erick Cardoso Pereira

Diretor Administrativo

CONSELHO EDITORIAL

ACADÊMICO

Prof. Me. Adriano Cielo Dotto (Una Catalão)

Prof. Dr. Aguinaldo Pereira (IFRO)

Profa. Dra. Christiane de Holanda Camilo (UNITINS/UFG)

Prof. Dr. Dagoberto Rosa de Jesus (IFMT)

Profa. Me. Daiana da Silva da Paixão (FAZAG)

Profa. Dra. Deise Nanci de Castro Mesquita (Cepae/UFG)

Profa. Me. Limerce Ferreira Lopes (IFG)

Profa. Dra. Márcia Gorett Ribeiro Grossi (CEFET-MG)

Prof. Dr. Marcos Pereira dos Santos (FAQ)

Profa. Dra. Maria Adélia da Costa (CEFET-MG)

Profa. Me. Patrícia Fortes Lopes Donzele Cielo (Una Catalão)

Profa. Dra. Rita de Cassia de Oliveira Reis (Cepae/UFG)

Profa. Dra. Rosane Castilho (UEG)

Prof. Dr. Ulysses Rocha Filho (UFCAT)

CONSULTIVO

Nelson José de Castro Peixoto

Núbia Vieira

Welima Fabiana Vieira Borges

Deise Nanci de Castro Mesquita
Maria Alice de Sousa Carvalho Rocha
Organizadoras

ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA PARA TODOS!

Volume XVIII

1ª edição

Goiânia - Goiás
Editora Alta Performance
- 2025 -

Copyright © 2025 by
Deise Nanci de Castro Mesquita
Maria Alice de Sousa Carvalho Rocha

Editora Alta Performance

Rua 128, nº 67, Qd. F-29, Lt. 05, 2º Andar - Sala 03
Setor Sul - CEP: 74.093-100 - Goiânia/Goiás
CNPJ: 21.538.101/0001-90
Site: <http://editoraaltaperformance.com.br/>

Contatos:

Larissa Pereira - (62) 98230-1212

Revisão ortográfica: Doralice Jacomazi
Editoração: Franco Jr.

CIP - Brasil - Catalogação na Fonte
Dartony Diocen T. Santos CRB-1 (1º Região) 3294

SE74 Escola de Educação Básica para Todos! Volume XVIII. / Nanci de Castro Mesquita,
Maria Alice de Souza Carvalho Rocha (Org.). — 1ª ed. — Goiânia: Editora Alta Performance,
2025. [Ebook]
94p.: il.

ISBN: 978-65-5447-418-4

1. Educação Básica. 2. Ensino. 3. Práticas. 4. Pedagógicas. 5. Escola. I. Título.

CDU: 37.02

O conteúdo desta obra é de total responsabilidade dos autor(es).

DIREITOS RESERVADOS

É proibida a reprodução total ou parcial da obra, de qualquer forma ou por qualquer meio, sem a autorização prévia e por escrito dos autores. A violação dos Direitos Autorais (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	7
---------------	---

Parte I

A ESCOLA BÁSICA PARA TODOS – UM SONHO ANTIGO, AINDA A VIRAR REALIDADE...	10
MEMORIAL ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA PARA TODOS!	13
HISTÓRICO	15
HOMEM JESUS: AMOR REVOLUCIONÁRIO.....	16
UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS: FORMAÇÃO DOCENTE	18
EDUCAÇÃO BÁSICA: DESEJO REALIZADO	25
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA: PRÁXIS DESAFIADORA	28
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO: GESTÃO PARTICIPATIVA.....	31
INCLUSÃO ESCOLAR: DIFERENÇAS SINGULARES	34
FÓRUM NACIONAL ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA PARA TODOS!: LUTA RESILIENTE	38
MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL: FOMENTO RURAL.....	44
PUBLICAÇÕES.....	47
FORMAÇÃO <i>STRICTO SENSU</i>	48
ATIVIDADES DE ENSINO	49
PROJETOS DE PESQUISA	50
VIVÊNCIAS DE EXTENSÃO	52
ESPERANÇAR.....	53
REFERÊNCIAS.....	55

Parte II

EDUCAÇÃO, PARA QUÊ?	59
MEMORIAL A CAUSA DA EDUCAÇÃO	61
LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....	62
A CAUSA DA EDUCAÇÃO.....	63
Inconsciente, Linguagem e Formação	63
Responsabilidade, Encontros e Participação	66
PUBLICAÇÕES.....	89
Atividades de Formação	89
Atividades de Ensino.....	90
Projetos de Pesquisa	91
Projetos de Extensão.....	91
REFERÊNCIAS.....	93

PREFÁCIO

Receber o convite para escrever o prefácio do Volume XVIII com o conjunto de obras que discutem a Educação Básica para Todos é, no mínimo, uma responsabilidade muito grande. Quando se trata de um volume produzido por duas grandes amigas e trabalhadoras da educação, como Deise Nanci e Maria Alice, a responsabilidade se intensifica.

Profissionais extremamente apaixonadas pelo que fazem, o resultado não poderia ser diferente do que dois memoriais repletos do fazer docente com responsabilidade, crivo político e ético aguçado, como sempre foi o desenvolvimento de suas práticas educativas. Para além disso, o fazer pela metade jamais fez parte do projeto de nenhuma das duas.

Alguns poderiam perguntar o porquê do lançamento desta obra com o memorial da Deise e da Maria Alice em um mesmo volume. A resposta não é simples, mas ousaria dizer que ambas se encontraram e se encantaram uma pela pessoa e pelo trabalho da outra e desse encontro surgiram vários trabalhos em parceria que duram até o presente. São textos, filmes, aulas conjugadas, projetos e histórias que podemos dizer se tratar de um reencontro.

Toda a sensibilidade e compromisso podem ser observados nos projetos de ensino, pesquisa, extensão e internacionalização realizados. O conjunto da obra soma mais de 60 anos de trabalho na educação, sendo a maioria deles na educação básica, mas também na graduação e pós-graduação, contribuindo de forma efetiva para a formação docente. A experiência na educação pública também é um destaque nas trajetórias das duas profissionais, procurando sempre trabalhar de forma inclusiva e respeitando a diversidade dos sujeitos que se apresentam com toda a sua história de vida.

Nas obras iremos encontrar, nas linhas e entrelinhas, muita poesia e muito compromisso político, aliás; quem disse que a política também não pode ser poética e que a poesia não é política?

As duas profissionais realizaram estudos da Língua Portuguesa e passaram por experiências internacionais, Deise, em Moçambique, e Maria Alice, em Portugal, o que internacionaliza e qualifica, ainda mais, o trabalho desenvolvido por elas na Universidade Federal de Goiás, pois convergem em atividades de interesse não somente de questões discutidas no Brasil, mas também em outras partes do mundo.

Posso dizer que o trabalho apresentado pelas duas profissionais compõe um conjunto de memórias que não dão conta das memórias esquecidas, das entrelinhas não preenchidas que a profissão não nos permite acrescentar: duas mulheres, duas filhas, duas mães, duas donas de casa... Isso não aparece detalhado, com a mesma intensidade e tempo dedicados a esses afazeres. Como sabemos, para as mulheres, a vida dedicada ao cuidar da casa e dos outros é engolida pela vida profissional.

O amor é o que move essas duas profissionais, e tenho certeza que continuará a mover, após este capítulo que está sendo contado nos memoriais aqui apresentados e que novamente acrescentará muito para aqueles que mergulharem nos dois textos, que com escritas diferentes poderão inspirar muitos profissionais da educação a seguir se qualificando, pois é em tempos de ataques que precisamos nos armar de conhecimento e poesia, pois sempre nos fazemos de um e do outro. Temos

que nos esperançar juntamente com Paulo Freire, na obra *Pedagogia da Esperança*, que ainda vive nas linhas de seus escritos:

Pensar que a esperança sozinha transforma o mundo e atuar movido por tal ingenuidade é um modo excelente de tombar na desesperança, no pessimismo, no fatalismo. Mas prescindir da esperança na luta para melhorar o mundo, como se a luta se pudesse reduzir a atos calculados apenas, à pura cientificidade, é frívola ilusão. Prescindir da esperança que se funda também na verdade como na qualidade ética da luta é negar a ela um dos seus suportes fundamentais. O essencial, como digo mais adiante no corpo desta *Pedagogia da esperança*, é que ela, enquanto necessidade ontológica, precisa de ancorar-se na prática. Enquanto necessidade ontológica, a esperança precisa da prática para tornar-se concretude histórica. É por isso que não há esperança na pura espera, nem tampouco se alcança o que se espera na espera pura, que vira, assim, espera vã (Freire, 2013).

Essas duas mulheres, que sempre tiveram esperança e moveram o/no mundo para que esperançar continuasse a ser um verbo, merecem aqui os nossos mais sinceros agradecimentos, pois a educação se tornou mais rica pela passagem delas, pelas suas histórias.

Neisi Maria da Guia Silva (Cepae/UFG)
Goiânia, 9 de setembro de 2025.

Parte I

A ESCOLA BÁSICA PARA TODOS – UM SONHO ANTIGO, AINDA A VIRAR REALIDADE...

Agradeço à Professora Deise Nanci de Castro Mesquita o convite para escrever esta apresentação, pois, tendo participado da banca de seu concurso para Professor Titular da Universidade Federal de Goiás, ao lado dos Professores Jane Fraga Tutikian, Tania Celestino de Macêdo e Alcir Horácio da Silva, pude ler e avaliar o rico material de seu memorial, transformado, agora, neste e-book que, com certeza, poderá inspirar muitos outros professores das várias regiões do Brasil, realizando, assim, o antigo sonho de grandes educadores brasileiros, como Paulo Freire, Darcy Ribeiro, Carlos Rodrigues Brandão, Rubem Alves, entre outros.

A docente Deise é senhora de trajetória profissional exemplar, possuindo experiências educacionais diversificadas e primorosas, cujo teor e a criatividade proporcionam aprendizagens e reflexões instigantes acerca da educação brasileira. Darcy Ribeiro, Paulo Freire, Moacir Gadotti são importantes pensadores em que Deise se baseia, além de outros notáveis filósofos, como Didi-Huberman, Marilena Chauí e muitos mais.

Darcy Ribeiro, no livro *Nossa Escola é uma Calamidade* (1984), foi uma das primeiras vozes a denunciar a escola brasileira como racista e elitista, pois discrimina a maior parte da população negra e indígena, a que vive em condições subalternas. Paulo Freire, em *Pedagogia do Oprimido* (1970) e em outras obras suas, também questionou a nossa escola por usar uma pedagogia opressora, que marginaliza os alunos mais pobres e carentes. A Professora Deise, defensora de propostas que, como as de Paulo Freire e Darcy Ribeiro, seguem trilhas educacionais emancipadoras, luta por uma educação crítica e inclusiva, ou seja, por uma “escola básica para todos”.

Conheci Deise, em 2018, quando ela me procurou para supervisionar seu pós-doutorado, experiência que foi muito enriquecedora, pois também aprendi muito com ela, com suas vivências e viagens a Moçambique, onde desenvolveu trabalho importante na aldeia de Muzumuia, na província de Gaza, ao sul do território moçambicano.

A epígrafe escolhida para o livro, “O amor é revolucionário”, frase retirada de uma canção de Chico César, me agrada bastante por ter a ver com o afeto que também é revolucionário, sendo uma potência capaz de afetar profundamente o ser humano, colocando-o em questão. Pensando criticamente a educação brasileira, os capítulos de ***A Educação Básica para Todos*** nos afetam, nos colocam em tensão, apontando falhas, críticas, opressões, porém sugerem, também, caminhos e experiências educacionais libertadoras.

Deise é uma professora e uma cidadã brasileira imensamente politizada, preocupada com a liberdade e com a reconfiguração crítica dos rumos pedagógicos seguidos pela maioria das escolas básicas do Brasil. Ela teve uma formação católica ditada pela teologia da libertação; foi aluna da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, participou das comunidades eclesiais de base durante a ditadura brasileira instalada em 1964. Suas leituras de cabeceira foram de autores questionadores, como Dom Pedro Casaldáliga, Marcelo Rubens Paiva, Fernando Gabeira, Leonardo Boff, entre outros já citados, como Paulo Freire, Darcy Ribeiro e Marilena Chauí.

Como educadora consciente do papel da escola pública, Deise passeia por inúmeras obras que discutem o processo educacional brasileiro, valendo-se de bibliografia rica e atual sobre ensino, pedagogia, escola básica, metodologias criativas e qualitativas. Aborda sua formação acadêmica, suas inúmeras publicações, seus projetos, suas atividades de ensino e suas criativas vivências de extensão.

Licenciada em Inglês, Deise também se interessou, no mestrado e no doutorado, pelos estudos da Linguística e da Língua Portuguesa. Durante seu pós-doutorado, em 2018 e 2019, quando esteve em Moçambique, pesquisou algumas línguas africanas, tendo, nesse campo, a orientação do professor moçambicano Bento Siteo, estudioso de línguas moçambicanas, autor do livro *Nkaringana ua Nkaringana* e do dicionário Changana-Português e Português-Changana.

Além de docente dedicada em sala de aula, Deise ocupou vários cargos acadêmicos e administrativos na UFG. Foi vice-diretora do CEPAE/UFG, Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação. Foi ainda coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica.

As investigações realizadas pela docente são densas, não apenas teoricamente, mas, em especial, no que tange a pesquisas de campo, em que propõe a construção e a interpretação de textos (estórias, poemas), fotomontagens, vídeos criados por estudantes (negros, indígenas e/ou em situação de vulnerabilidade), acerca de suas respectivas experiências. A seguir, destaco algumas atividades extensionistas desenvolvidas por Deise que me chamaram atenção:

a) As Narrativas Moçambicanas e o Mundo do Trabalho (tema do pós-doutorado da docente, na UFRJ, que incluiu viagens à aldeia de Muzumuia, no sul de Moçambique, na Província de Gaza): contos e cantos ancestrais revisitados em vídeos, poemas, fotos produzidos por alunos da aldeia, como o poema da aluna Quelda Ubisse, intitulado “Carolice”, neologismo para “Calorice”.

b) A questão da inclusão, discutida a partir dos Festejos ao Povo Kalunga, sendo abordadas tradições de uma comunidade quilombola.

c) O projeto “Churinga”, termo de origem australiana, que significa “costurar o tempo”. O presente revisita tradições ancestrais, trazendo, para momentos de hoje, estórias, mitos e reflexões críticas acerca do outrora, evitando, assim, que se percam no tempo.

d) A proposta “A Educação do Olhar: A Criação Artística Estudantil”, por meio da qual os alunos são instigados à construção de foto-narrativas, foto-memórias, vídeos-memórias, curtas-metragens que recriam o passado no presente. Com base em Didi-Huberman, essas produções dos estudantes devem provocar neles uma reeducação do olhar, ensinando-os a ver livremente, a olhar sem preconceitos e sem clichês, sabendo captar imagens que desconcertam e renovam a linguagem e o pensamento.

e) O projeto MoçambiquARTE, que reúne danças, fotos, costuras, quitutes, filmes, poemas, estórias, pinturas, batiques de estudantes moçambicanos da aldeia de Muzunuia.

Ao propor a inclusão de comunidades de indígenas, de quilombolas e de pessoas com deficiência, Deise incita seus leitores a acreditarem ser ainda possível fazer com que a educação brasileira deixe de ser uma calamidade. Termina bem, com lições de Darcy Ribeiro que retomam ensinamentos da Escola Nova de Anísio Teixeira e a indignação do Cinema Novo de Glauber Rocha, conclamando a necessidade urgente de passar a limpo o Brasil e o mundo. Fecha, literariamente, com a voz do mais

velho José Craveirinha, um dos maiores poetas moçambicanos, cujos versos do poema “Esperança” nos instigam a esperar, conforme lições de Paulo Freire.

Carmen Lucia Tindó Secco (UFRJ)
Rio de Janeiro, 22/07/2025

MEMORIAL ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA PARA TODOS!

O amor é um ato revolucionário, Chico César

O amor é um ato revolucionário
Quem vive amando, dando amor e sendo amado
Colhendo o que lhe é oferecido
E a si mesmo se coloca ofertado
Se este está nu, veste o manto sagrado
Que ao que ama o infinito faz vestido
De Deus e os deuses, sim, é o mais querido
Mesmo no escuro, seu sentir é iluminado
O amor é um ato revolucionário
Por estados e religiões temido
Quem pelo amor é pertencido
A si governa e só a ele é confessado
Quem ama, ao andar, cria sua estrada
Em seu voo vê as planícies prazerosas
E no cume das montanhas alterosas
Toca em gozo a rosa viva imaculada
Não será jamais pelo mal tocado
Seu eu profundo não é nunca profanado
Só mesmo o tolo nega do amor o apostolado
E a seus apóstolos diz que vivem em pecado
O amor é um ato revolucionário
A besta humana torna em anjo apascentado
Em amoroso afia o espírito mais irado
O corpo e a alma, um no outro, todo e tudo
Quem ama fala ao mundo mesmo mudo
Seu pulso é a pulsação do Universo em dança
Nas inquietações da guerra insana, a paz alcança
Quem traz a lança do amor e seu escudo
Não será jamais pelo mal tocado
Seu eu profundo não é nunca profanado
Só mesmo o tolo nega do amor o apostolado
E a seus apóstolos diz que vivem em pecado
Não será jamais pelo mal tocado
Seu eu profundo não é nunca profanado
Só mesmo o tolo nega do amor o apostolado

E a seus apóstolos diz que vivem em pecado

Oh-uoh-uoh-uoh

Oh-uoh-uoh-uoh

Oh-uoh-uoh-uoh-uoh

Para meus filhos, Daniel e Marcelo,
inspiração para o amor revolucionário
que eu nutro por todos, pela Educação!

HISTÓRICO

*"Só há duas opções nesta vida: se resignar ou se indignar.
E eu não vou me resignar nunca."*
(Darcy Ribeiro)

Neste histórico, faço um sucinto relato de minha formação escolar, desde o ensino primário (hoje ensino fundamental dos anos iniciais) ao pós-doutoramento. Ainda, descrevo o início de minha atuação profissional, em 1976, como professora de inglês em cursos livres de idiomas; falo sobre o meu trabalho como docente universitária após a graduação em Letras, na Universidade Católica de Goiás (UCG), hoje Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC/Go); e, finalmente, discorro como tem se dado o meu percurso de professora/pesquisadora de educação básica no Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás (CEPAE/UFG), há dezesseis anos.

Ao longo desse período, também desenvolvi várias atividades administrativas, mas, aqui, cuidei de expor apenas as que considerei fundamentais para o meu desenvolvimento profissional, realizadas como coordenadora pedagógica no Centro de Línguas Vivas da UCG (CLV/UCG), como coordenadora do Programa de Pós-graduação em Ensino na Educação Básica (PPGEEB/CEPAE/UFG), como vice-diretora do CEPAE/UFG e como presidente de Comissões Permanentes, Estágio Supervisionado e Educação Inclusiva, nessa Unidade.

Com dados referenciados em publicações de minha autoria e/ou em coautoria: artigos científicos, capítulos de livros e obras organizadas em formato e-book, explico como algumas dessas atividades acadêmicas que julgo mais relevantes nesses quase cinquenta anos de docência têm sido desenvolvidas de forma amorosamente revolucionária, influenciada principalmente por uma visão cristã (desagregada de qualquer filiação religiosa) que adquiri durante minha juventude, participando de Comunidades Eclesiais de Base, durante um período da Ditadura Militar.

HOMEM JESUS: AMOR REVOLUCIONÁRIO

*“Em Marx eu encontrei uma certa fundamentação
objetiva para continuar camarada de Cristo.”
(Paulo Freire)*

Não. Não sou neopentecostal nem me filio a qualquer instituição religiosa. Sou cristã. Cristã neste sentido estrito do termo: alguém que leu escritos bíblicos em forma de parábolas sobre algumas realizações de um homem chamado Jesus que, muito depois de sua morte, de Paulo (antes Saulo) de Tarso recebeu o título de Cristo. Identifico-me com o que contam sobre os seus feitos e frequentemente busco refletir sobre os possíveis significados das palavras presentes no “Sermão da Montanha”, em relação ao meu papel de “sal da Terra”: compromisso com a verdade, a justiça e o respeito de e para todos!

Sou muito grata à religião católica (credo de minha mãe que me ensinou a rezar quando criança), porque foi na juventude, quando frequentei as Comunidades Eclesiais de Base, em plena ditadura militar, na década de 70, que tive a oportunidade de saber sobre o sentido de desigualdade, injustiça, exclusão e violência; e aprender o valor de lutar pelo direito de todos, sem distinção de credo, raça, etnia, sexo... Foi durante esses encontros de estudo e de prática socioassistencial a famílias de comunidades periféricas e órfãos em casas de abrigo espíritas, que me dei conta de que eu vivia em uma bolha, de que havia vida difícil, dura, triste, miserável, muito diferente da minha de classe média habitando no centro de Goiânia.

Na infância, minha família e eu morávamos no Setor Sul, bem próximo ao Centro Administrativo. Estudava em uma pequena escola primária particular, o Instituto Betânia, que era de propriedade de Dona Ilma Isaac. Tenho uma memória extremamente afetiva dela e dessa época, pois foi por suas mãos que recebi e pude levar para casa, como presentes por me destacar como aluna, os primeiros livros de literatura: famosos contos de fada estrangeiros traduzidos para o português. Embora em casa eles passassem a servir de quadros que enfeitavam as paredes (sim, minha mãe cortava as figuras dos livros e as emoldurava!), lendo-os antes ou admirando-os depois fez com que eu desenvolvesse um gosto irresistível pela leitura.

Mas duas outras situações também me marcaram muito nessa época: tenho vívida memória dos tanques de guerra estacionados no campinho perto de nossa casa e de ouvir meu tio Arédio contar que havia metralhadoras e outros armamentos de guerra no terraço do Centro Administrativo onde trabalhava para o prefeito (depois cassado) Iris Rezende; e de minha prima, minha irmã e eu sermos buscadas e levadas às pressas da escola, para uma viagem a Catalão, cidade interiorana, pois a irmã de papai e seu namorado haviam sido presos por atividades “comunistas”, e lá, perto de nossos familiares, seria onde minha mãe, sua irmã e os filhos deveríamos permanecer resguardados, até que a situação de perigo devido à “instabilidade militar e civil” fosse controlada.

Também, aos onze anos, depois de aprovada na “Prova de Admissão” do Lyceu de Goiânia, passei a frequentar esta escola pública (sabidamente de elite na época), que me expôs a um novo universo! A começar pela biblioteca. Enorme! Imensa! (pelo menos aos olhos de uma menina franzina, com pouco mais de 1,20 m de altura). Os incontáveis livros ficavam guardados em estantes de madeira de lei (sabia reconhecer sua qualidade devido à profissão de meu pai: carpinteiro) fechadas com vidros. Para mim era mesmo como estar em outro mundo! Agora, havia descoberto que tinha muito mais para eu ler do que apenas os contos de fada dos Irmãos Grimm e do meu mais preferido “Pinóquio”, de Carlo Collodi.

A primeira coleção que devorei foi a de Monteiro Lobato, com quinze volumes. Os demais autores brasileiros iam sendo escolhidos segundo a orientação de um admiradíssimo professor de português, magnífico declamador de poemas, Aldair da Silveira Aires. Ele foi um de meus maiores incentivadores ao exercício da escrita. Sempre pedia para que eu lesse minhas redações em sala e, ao menos uma vez, selecionou meu texto para compor a prova mensal de português. Na verdade, não sei se minha escrita tinha qualquer qualidade ou se, de fato, a escolha se dava apenas como reflexo de um amor platônico que ele havia nutrido por minha linda mãe, quando os dois, ainda bem jovens, moraram em Catalão.

Mas outra mudança ocorreu, também devido ao período de “instabilidade militar e civil”: sem qualquer consulta ou aviso aos familiares, os alunos foram dispersados do Lyceu para diversas escolas públicas de Goiânia. E, nessa época, como eu já flertava com o Grêmio Estudantil, participando principalmente das atividades esportivas, artísticas e culturais, passei também a me interessar por outras discussões e manifestações, sempre inspiradas em leituras recomendadas por colegas mais velhos, participantes da União Nacional dos Estudantes, cujas obras podiam ser adquiridas, a princípio, no Bazar Oiô e, depois de fechado por não resistir às pressões da censura e da repressão, por um Clube do Livro que as enviava por correio aéreo.

Nesse período, o autor da maioria de meus livros de cabeceira era Carlos Marighella. Posteriormente, fui tendo acesso a outras obras de autores que também expunham o cruel e sangrento processo da ditadura militar brasileira: Dom Pedro Casaldáliga, Leonardo Boff, Frei Betto, Marcelo Rubens Paiva, Fernando Gabeira..., que me suscitavam grande indignação e revolta contra militares e políticos de direita. Desde o meu primeiro voto, já em idade adulta, sempre optei por aqueles que se dizem “de esquerda”.

Com quinze anos, como era comum às famílias de classe média com algum recurso (e bem ao encontro de meu imaginário adolescente de “desgarrar” da família), meus pais financiaram um intercâmbio estudantil para os Estados Unidos, com duração de seis meses. Outra realidade! Aperfeiçoei a comunicação oral e escrita em língua inglesa estudando com jovens de minha idade em uma “Junior High School” (pública) e convivendo com uma família de imigrantes porto-riquenhos que moravam em um bairro de East Chicago, Indiana, que fazia divisa com a cidade de Gary, Illinois, um local maciçamente habitado por pretos.

Ali, pela primeira vez, compreendi o que era racismo: “meu pai americano”, cuidador presente, atencioso, gentil e amoroso, com estereótipos nitidamente homoafetivos, me proibiu de “andar com os negros”, pois “não prestavam”, “não eram companhia para mim”. Foi um choque! No Brasil, eu nunca tinha percebido situações semelhantes, e acreditava que nossa sociedade era bem diferente daquela norte-americana (inocência e/ou pura ignorância e alienação?).

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS: FORMAÇÃO DOCENTE

*“Na realidade todos os espaços são educativos, desde
que haja troca de pluralidade.”*
(Tião Rocha)

Assim que voltei ao Brasil, mesmo antes de finalizar o colegial (ensino médio) no Pré-Universitário, dei início à carreira docente: comecei a dar aulas de inglês em alguns Cursos Livres de Idiomas, em Goiânia: Fisk, Centro Cultural Brasil Estados Unidos, New Frontier, entre outros. E, também por isso, senti-me motivada a desistir de ser jornalista e decidi prestar vestibular para Letras – Português/Inglês, na Universidade Católica de Goiás (hoje Pontifícia Universidade Católica de Goiás - PUC/Go). Identifiquei-me muitíssimo com a licenciatura e embora, algumas vezes, tenha deixado o magistério para dedicar-me à maternidade e a outras atividades familiares, jamais pensei em seguir outra profissão que não fosse a de “educadora”.

As aulas formais de línguas deram polimento ao meu falar, escrever e ensinar português e inglês, e as literaturas possibilitaram a ampliação de minha leitura de clássicos nacionais e estrangeiros que, obviamente, corroboraram o meu processo de fruição estética e senso crítico. E, para o meu Trabalho de Conclusão de Curso, como eu sempre estava mais inclinada a leituras e discussões que problematizavam questões relacionadas a injustiças, desigualdades, violências, preconceitos, exclusões, entre outras, decidi explorar os romances *O Guarani* (1857), *Iracema* (1865) e *Ubirajara* (1874), para sustentar a ideia de que José de Alencar era um “Falso Indianista”. Orientada pelo Prof. João Ernandes de Souza, fui aprovada. Terminei a graduação, viajei novamente para os Estados Unidos, voltei, casei-me com o namorado Marco, moramos no povoado de Luís Alves à beira do Rio Araguaia, tivemos os filhos Daniel e Marcelo, e depois voltamos para Goiânia, pois já era o momento de eles iniciarem os estudos e eu desejava retomar minhas atividades como estudante e professora.

Ao regressar, primeiro busquei trabalho em Centros Livres de Língua, mas logo fui admitida, via concurso, como professora substituta de Língua Inglesa no Departamento de Letras da UCG. No mesmo período, na própria universidade, iniciei minha formação continuada no Curso de Especialização em Ensino Superior, e sob a orientação da Profa. Ana Christina Kratz desenvolvi uma monografia sobre o porquê, sim!, de se ensinar inglês na educação básica da rede pública, tomando como referência discussões trazidas por Antonio Gramsci, Henry Giroux, Paulo Freire e outros. No ano seguinte, fui efetivada após ser aprovada em concurso público nesta instituição, onde permaneci por duas décadas.

Ao longo desse período, tive a oportunidade de dar continuidade à formação em nível de pós-graduação, primeiramente participando de um Curso de Especialização em Língua Inglesa no Programa de Pós-graduação *Lato Sensu* - Prepes, da PUC/MG, durante quatro períodos de férias. Pela primeira vez, pude realizar um estudo aprofundado sobre o Estruturalismo inaugurado pelo pai da linguística moderna, Ferdinand de Saussure, na perspectiva de autores da Escola de Semiótica de

Paris (Algirdas Julius Greimas e outros) e não apenas da Sociedade Linguística da América (Leonard Bloomfield e outros)¹. Inspirada nessas discussões, apresentei um trabalho de conclusão do curso problematizando o porquê, não!, ensinar gramática normativa em aulas de Língua Inglesa.

Iniciei a formação em nível *stricto sensu* na Universidade Federal de Goiás, no Programa de Pós-graduação em Educação Escolar Brasileira, em 1994, e depois no Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística, em 2004. Como nessa época eu me dedicava apenas ao ensino de Língua Inglesa, na licenciatura, nas disciplinas de Inglês, Didática e Prática e Estágio Supervisionado; no bacharelado, no Curso de Secretariado Executivo Bilíngue; e em outras Faculdades da UCG, nos departamentos que tinham interesse em oferecer turmas de *English for Specific Purposes* (Abordagem Instrumental de Leitura para Fins Específicos), a dissertação desenvolvida no mestrado e a tese concluída no doutorado trataram de temas relacionados ao ensino e à aprendizagem desse idioma estrangeiro.

Sob a orientação da Profa. Anita Cristina Azevedo Resende, e embasada em leituras de autores atreitos ao materialismo histórico-dialético de Karl Max (Friedrich Engels, Georg Hegel, Eric Hobsbawm, Milton Santos, Otavio Ianni, Renato Ortiz, entre outros) e à teoria crítica de expoentes da Escola de Frankfurt (Theodor Adorno, Max Horkheimer, Walter Benjamin etc.), entre outros, a pesquisa intitulada “Inglês: língua franca na sociedade global” buscou investigar se a globalização econômica dos grandes conglomerados internacionais promovida pelo advento da internet realmente colocava em risco as singularidades culturais das nações, transformando o planeta em um único e hegemônico bloco sociocultural.

Naquele final de século XX, a sociedade global (para alguns pós-moderna) estava sendo identificada como um mero movimento do perverso sistema capitalista que, em busca de novos mercados para se expandir, fazia com que as mercadorias circulassem por meio de fábricas globais conectadas por fios de cobre e via satélite espalhadas em regiões dos quatro cantos do mundo; e adotava o inglês como o idioma de comunicação e veiculação da mercadoria, a fim de garantir o funcionamento e o refinamento dessas relações capitalistas em âmbito global. E, para entender esse fenômeno, na pesquisa, o inglês foi apreendido em um universo de revistas que tratavam de entretenimento, de informática e de internet (publicações muito incipientes no Brasil, na época).

Analisado a partir das categorias mercadoria, meio de comunicação de massa e nação, este idioma revelou-se “franco”, não no sentido de ser “neutro”, mas de ser “plural”, o que motivava uma mudança gráfica deste *English* para *englishes*, em letra minúscula, por não pertencer a uma única nação culturalmente hegemônica, mas a nações pluriculturais e heterogêneas; e no plural, por adaptar-

¹ Sempre identificada com os postulados saussurianos, anos mais tarde, pude adensar e ressignificar suas formulações teóricas, dedicando-me ao estudo do inconsciente, segundo a Psicanálise em Freud, e em especial sobre as questões de língua e linguagem propostas por Lacan em sua (dita) releitura, reinterpretação e revisão do Curso de Linguística Geral (mas não, a meu ver, em uma atenta visitação e consideração a “Os Anagramas”, de Saussure). Em busca de compreensão para o significado do diagnóstico de “esquizofrenia” atribuído a minha mãe por seu competente e confiável psiquiatra, dediquei-me à formação psicanalítica na Fazenda Freudiana de Goiânia, sem qualquer pretensão profissional, mas com vistas a desenvolver uma pesquisa científica sobre o discurso psicótico. Realizei este intuito, inicialmente, no Programa de Doutorado em Estudos da Linguagem na PUC-SP, mas a efetiva investigação, empírica e sistêmica, da tese de que o “delírio” da pessoa em crise psicótica não é caótico ou sem sentido, mas estruturado em uma gramática cujo funcionamento se dá a partir do deslocamento e da condensação de certos *significantes que remetem a outros significantes*, a outros *signos arbitrários*, e não a um *significado*, ocorreu somente depois de minha participação no *Simposio Internacional de Comunicación Social*, em Santiago de Cuba. Por convite do *Centro de Linguística Aplicada (CLA) del Ministerio de Ciencia, Tecnología y Medio Ambiente*, voltei à Ilha para estudar psicanálise com um grupo de pesquisadores e acompanhar o Dr. Hermilio Vidal Anido em seu atendimento clínico, no *Hospital Psiquiátrico Provincial Docente Gustavo Machín*, durante todo o ano de 2001. As publicações advindas desses estudos, em Cuba, não estão disponíveis para acesso via internet.

-se e representar as linguagens (conceitos, pensamentos, valores, necessidades, desejos etc.) desses diferentes povos, por meio de signos adaptados do e ao *english*.

Quanto à análise desses dados em sua relação com a educação escolar brasileira, a conclusão foi que, em sendo o inglês uma língua estrangeira, e não uma segunda língua no Brasil, para a maioria da população, o idioma só poderia ser aprendido em instituições educacionais formais; e que, diante da configuração daquele movimento neoliberal capitalista, esta formação deveria garantir o mais adequado e pleno desenvolvimento intelectual do sujeito, sua autonomia e capacidade crítica de relação social, já que a participação das nações e seus cidadãos na produção de linguagens que fossem representativas dessa sociedade em processo de globalização só seria possível se existissem informações relevantes a comunicar, e se fossem veiculadas também nesse idioma universal, nesse *englishes*: língua franca da sociedade global.

Uma vez mais, eu persistia na discussão sobre a importância do ensino de inglês em uma perspectiva dialógica, interacionista (bem ao encontro das formulações de Mikhail Bakhtin, Luiz Antônio Marcuschi, Irandé Antunes etc.) e não meramente sob a égide da abordagem comunicativa (Henry Widdowson, José Carlos Almeida Filho, entre outros); e da necessidade de se trazer para a sala de aula textos “autênticos”: orais, escritos, visuais, audiovisuais, entre outros, de diversificados tipos e gêneros, que ajudassem a superar o ensino meramente gramatical normativo do idioma, única proposta presente nos livros didáticos de inglês adotados principalmente nas escolas públicas de educação básica, que comumente recebem e formam as comunidades pobres e nada privilegiadas deste nosso país das desigualdades².

Posteriormente, no doutorado, a Profa. Maria Cristina Faria Dalacorte Ferreira, da área de Língua Estrangeira - Inglês no PPGLL, se dispôs a me orientar sem intervir no percurso. Ela tinha plena segurança de que a Profa. Sílvia Lucia Bigonjal Braggio, com quem eu me afinizava inteiramente, tanto em nível teórico quanto pessoal, acompanharia cuidadosamente cada momento de meu processo de leitura, elaboração conceitual e escrita, enquanto eu participasse de seus “Seminários de Tese – estudos avançados sobre questões de linguagem”, organizados com o intuito de reunir um pequeno grupo de doutorandos.

De fato, cada capítulo da tese final “Estágio e Ensino e Aprendizagem de Inglês na Licenciatura em Letras”, defendida no ano seguinte, foi escrito como resultado de minhas apresentações orais no grupo e dos questionamentos críticos, debates consistentes e reflexões profundas propostos pela Profa. Sílvia e pelos colegas. O meu foco desta vez era a formação de professores, tendo como objeto de estudo o estágio supervisionado e o ensino/aprendizagem de inglês na licenciatura em Letras, a partir de uma pesquisa-ação desenvolvida com um grupo de estagiários de Didática e Prática de Inglês do curso de Letras da UCG.

Buscando uma aproximação possível entre essa metodologia antropológica de André Morin, o paradigma indiciário de Carlo Ginzburg e a visão emancipatória de Paulo Freire³, a ques-

² O primeiro artigo escrito com o objetivo de apresentar e discutir as conclusões dessa dissertação foi publicado no Periódico INTER-AÇÃO, da Revista da Faculdade de Educação, UFG, v. 1, n. 1, 1975. Goiânia: Editora da UFG, 1975, no v. 21, n.1/2, de jan./dez., em 1997, sob o título: Inglês: língua franca na sociedade global (p. 163-188). Autoria: Deise Nanci de C. M. Nascimento. Não há versão virtual disponível em e-book ou PDF desse volume da revista.

³ Na publicação de NASCIMENTO, D.N.C.M. Pesquisa-ação integral e sistêmica: estágio supervisionado e ensino-aprendizagem de inglês na Licenciatura em Letras da UCG. In: RODRIGUES, M. A. et al. Pesquisa em Linguagem I: métodos de abordagem linguísticas e literárias. Goiânia: Editora UCG, 2009, p. 33-70, apresento e analiso o desenvolvimento dessa pesquisa-ação a partir de um paradigma indiciário. Diferentemente do método de indução ou dedução que procura traços apriorísticos e generalizantes, esta perspectiva teórico-

tão que primeiramente impulsionou esse trabalho investigativo referia-se ao perfil das instituições educacionais que se prestavam de campos de estágio para os licenciandos em Letras – Inglês. O momento era de “Reforma Universitária” e, portanto, muito propício à discussão sobre as inúmeras consequências dos desdobramentos da Resolução CNE/CP/n.02-19/02/2002 (que instituía a duração e a carga horária dos cursos de licenciatura, de graduação plena) para a comunidade acadêmica de Letras – Inglês.

No entanto, durante a pesquisa-ação com esse grupo de estagiários participantes, o debate trouxe à tona uma série de interrogações que estavam relacionadas não apenas ao perfil desses campos de estágio, mas, principalmente, à competência linguística do licenciando nesta língua estrangeira e ao compromisso e à responsabilidade das partes envolvidas – universidades, licenciandos e campos de estágio – no desenvolvimento e socialização desse processo educativo.

Assim, sob a ótica de autores referendados na concepção emancipatória e dialógica de educação (Antonio Nóvoa, Boaventura de Sousa Santos, Ildeu Coêlho, Marco Manacorda, Marilena Chaui, Moacir Gadotti e outros) foi realizada a apreciação dos documentos federais que regulamentavam os parâmetros para a licenciatura plena, analisados os depoimentos dos alunos gravados em audiovisual durante os seminários I - O que é estágio, II - O estágio em questão e III - O estágio em projeto, e propostos caminhos para a superação das problematizações relacionadas as suas demandas linguístico-pedagógicas como professores de língua estrangeira.

A partir desse diálogo, três aspectos foram apresentados como sendo imprescindíveis para a efetivação de uma Reforma Universitária que garantisse a qualidade da formação docente na licenciatura em Letras-Inglês: 1. a revitalização das instituições de ensino superior, de forma democrática, conjunta e colaborativa, por servidores administrativos, docentes e discentes comprometidos com o ensino acadêmico e científico que enfrenta e supera o próprio dogmatismo e ostracismo universitário; 2. a adoção de uma concepção formativa que valoriza o humano e que supera razões pragmáticas de submissão ao mercado, ao capital, ao ter sobre o ser; e 3. o reconhecimento de saberes populares e a produção de novos conhecimentos extensivos à prática social, que possam garantir a qualidade de vida dos cidadãos e sustentar sua razão natural, ontológica de “ser mais”, na busca utópica da ética advinda também da práxis educacional formal. E como resultado prático dessa pesquisa, alguns projetos que visavam à formação contínua, não apenas pedagógica, mas também linguística, de licenciandos em Letras-Inglês foram iniciados.

Sob a direção da dinâmica e incansável Profa. Lacy Guaraciaba Machado, e com a participação de outros colegas das áreas de Línguas Estrangeiras – Inglês e Francês, o Departamento de Letras (LET/UCG) deu início ao Projeto de Extensão “Centro de Línguas Vivas da UCG”, que funcionava no contraturno, à tarde, em salas de aula do mesmo prédio, onde eram oferecidas aulas de inglês ministradas pelos próprios licenciandos estagiários que já tinham certa experiência docente e um bom conhecimento do idioma.

Por sua relevância e qualidade, em pouco tempo, o CLV/UCG ganhou um novo e maior espaço fora da Faculdade de Letras, no Setor Oeste, e hoje se situa no Setor Leste Universitário, agora sob o

-metodológica é abduativa, indireta, indiciária: o investigador reconhece que a práxis é dinâmica e não reproduzível, e que lhe resta, pois, apenas inferir as causas a partir de seus inúmeros efeitos; e que, por isso, os dados que analisa não podem simplesmente ser desvelados, des/cobertos, mas delineados, traçados, estruturados no diálogo, no discurso, na reciprocidade do contrato interlocutório. Não há uma versão desse livro em e-book ou PDF.

nome PUC Idiomas. Durante mais de dez anos, coube à querida amiga Profa. Natalina Emídio Rosa dirigir o Centro e a mim coordenar o trabalho pedagógico de promover a formação continuada de estagiários e de ex-alunos licenciados, agora contratados pela instituição, que atendiam à comunidade em geral, oferecendo aulas não apenas de inglês, mas também de alemão, espanhol, francês e italiano.

Outra ação realizada com o intuito de concretizar as sugestões apresentadas durante a pesquisa foi a parceria feita entre o LET/UCG e o Projeto Nacional de Integração para a Melhoria do Ensino de Inglês (PIMEI), na época coordenado pela Profa. Telma Gimenez, da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Juntamente com a colega Profa. Dilys Karen Rees, buscamos apoio institucional para realizar a parceria entre a PUC/Goiás e a Secretaria Municipal de Educação de Goiânia (SME) e Secretaria do Estado da Educação de Goiás (Seduce), para fundar o Núcleo de Apoio Pedagógico de Goiás (NAP-Go), cujo objetivo geral era identificar as demandas formativas dos docentes das escolas públicas e oferecer módulos pedagógicos e de ensino da língua que viessem ao encontro de seus reais interesses e necessidades docentes.

Os encontros eram realizados semanalmente na PUC/Go, na SME, na Seduce ou até mesmo em outros municípios do estado de Goiás, e se constituíam de módulos de formação continuada oferecidos em língua inglesa, sobre tópicos relacionados ao processo de ensino e aprendizagem dessa língua estrangeira (LE): questões teóricas e práticas de fonética e fonologia; aspectos semânticos e morfossintáticos da gramática discursiva; livro didático como recurso pedagógico na sala de aula; produção de material didático de diversos gêneros discursivos; abordagem de leitura de textos acadêmicos para fins específicos; entre outros.

A cada módulo concluído, esses professores recebiam certificados contendo horas de formação continuada que lhes davam o direito à promoção; e todo ano era realizado o Encontro de Didática e Prática de Ensino-Aprendizagem de Inglês, também com a participação de licenciandos estagiários e docentes da UFG, da UCG e de outras instituições brasileiras, convidados para ministrar palestras, oferecer cursos e desenvolver oficinas sobre temas solicitados pelos próprios colegas da Rede.

Por solicitação da direção do LET/UCG, alguns de nós, professores da equipe do NAP/Go, iniciamos um estudo sistemático e verticalizado dos princípios e prática da Abordagem de Leitura para Fins Específicos (ESP), nos filiando ao Projeto Nacional de Ensino de Inglês Instrumental, coordenado pela Profa. Maria Antonieta Alba Celani, do Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP).

No Centro de Pesquisas, Recursos, Documentação e Informação em Linguagem (Cepril/LAEL), buscamos o cabedal teórico necessário para a nossa formação, antes de iniciarmos a preparação da vasta quantidade de materiais específicos a cada área de conhecimento das graduações e pós-graduações da UCG e de outras Instituições de Ensino Básico e Superior, que solicitavam ao LET nossos cursos de Inglês Instrumental.

Diante dessa hercúlea, mas profícua experiência, incentivada pela direção do LET e patrocinada pela Pró-reitoria de Extensão e Apoio Estudantil da UCG, nossa equipe se responsabilizou por sediar o VII Seminário Nacional Projeto Ensino Inglês Instrumental em Universidades e Escolas Técnicas Federais Brasileiras, em Goiânia. O encontro aconteceu em um grande auditório e em algumas salas para eventos de um hotel no centro da cidade, a fim de que fosse possível acolher confortavelmente as centenas de inscritos de outros estados, interessados nas palestras, cursos e oficinas oferecidos

por convidados especialistas na Abordagem Instrumental de Leitura em Línguas Estrangeiras, procedentes do exterior e das regiões Sul, Sudeste e Nordeste do Brasil.

Nesses vinte anos como docente na UCG, concomitantemente às atividades de ensino e de extensão no LET, ministrei aulas e orientei mestrandos no Programa de Pós-graduação em Educação da UCG (PPGE/UCG), cujos temas e questões tinham estreita relação com os projetos de pesquisa sob minha coordenação:

Linguagem e Psicanálise: língua má/terna e estrangeira

Resumo - Nesta pesquisa, o objetivo é tomar os conceitos de linguagem, formulados por F. de Saussure e J. Lacan em sua leitura de S. Freud, e buscar uma outra direção para se pensar sobre a adoção de uma única língua - má/terna - na promoção e garantia da condição de cidadão/não; e sobre questões de aquisição de língua materna e estrangeira para todos, sem exclusão. Importa refletir sobre a autenticidade de um conceito de cultura, que toma como representação a linguagem de um grupo supostamente homogêneo, e que adota como referência de educação o ensino-aprendizagem normatizado para esta suposta hegemonia. Interessa perguntar como considerar aquelas outras linguagens, as produzidas pelos sujeitos aparentemente “com dificuldades de aprendizagem”, que “não aprendem”; com diagnóstico de “esquizofrenia”, “autismo”, “síndrome de Down”; que padecem de “afasia”, “agrafia” e outras tantas especificidades; e os quais têm, legitimamente garantida na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a cidadania também traduzida pela presença indiscriminada em qualquer sala de aula de língua materna e estrangeira. A análise dos anagramas escritos por um “sujeito em surto esquizofrênico” busca a formulação de um conceito de linguagem que explique questões relacionadas ao sistema estruturante da língua e, conseqüentemente, que aponte para outras formas de se pensar sobre o processo de aquisição do idioma materno e estrangeiro.

Ensino e Aprendizagem de Línguas Estrangeiras Presencial e a Distância e o Currículo de Diferentes Cursos da UCG

Resumo - Esta pesquisa-ação visa à continuidade das investigações sobre o ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras na Universidade Católica de Goiás, em programas de ensino, pesquisa e extensão, na modalidade presencial e a distância, com o intuito de identificar o processo de aquisição oral e escrita de diferentes grupos de graduandos dos Departamentos de Letras e Secretariado Executivo Bilíngue, Administração em Turismo, Ciências da Computação e Relações Internacionais, durante quatro semestres letivos. O objetivo final é testar e avaliar alguns materiais didáticos impressos e virtuais, bem como a abordagem de ensino e aprendizagem das línguas espanhola e inglesa mediados pelo computador, em salas de aula presencial e a distância, tomando em conta especificidades linguísticas e pedagógicas do processo.

Centro de Línguas, Estágio e Licenciatura em Letras - Língua Inglesa

Resumo - Esta pesquisa tem por tema o papel do Centro de Línguas Vivas da Universidade Católica de Goiás (CLV/UCG) na formação docente em língua inglesa, em nível superior. O objetivo é observar o processo de ensino e aprendizagem oral e escrito em inglês dos licenciandos atendendo aos estágios nesse Centro, a fim de identificar algumas de suas demandas e expectativas em relação à aquisição linguístico-pedagógica desse idioma estrangeiro. A proposta é perguntar ao aluno estagiário sobre a função que um campo de estágio deve desempenhar em sua formação, analisar o Projeto do CLV para reconhecer os princípios que regem as suas práticas e planejar atividades de estágio que (co)respondam às expectativas desses profissionais em formação. Essa escolha é motivada pelo desejo de avaliar sistematicamente a prática vivenciada como coordenadora pedagógica do CLV/UCG há mais de dez anos, com vistas a identificar os traços que devem compor seu novo perfil, nessas recentes relações que mantém com o Currículo dos Cur-

sos de Letras com habilitação dupla – português e inglês. Essa investigação busca corroborar os estudos sobre o ensino e aprendizagem do inglês em nível superior, em ambientes extradepartamento de Letras, e aprofundar as discussões sobre questões da formação docente em língua estrangeira nas universidades brasileiras.

Questões de Linguagem e Processos Pedagógicos: o ensino e aprendizagem de idiomas maternos e estrangeiros, presencial e a distância, em escolas e universidades de Goiás

Resumo - Esta pesquisa tem por tema o ensino e aprendizagem de leitura, escrita e compreensão oral de idiomas maternos e estrangeiros, em ambientes presenciais e a distância, em escolas e universidades do estado de Goiás. São objetivos desta investigação: 1) identificar o conceito de linguagem, língua e idioma que norteia a análise da situação linguística em instituições educativas no Brasil; 2) identificar processos pedagógicos de ensino e aprendizagem de idiomas maternos e estrangeiros presentes em salas de aulas de educação básica e ensino superior em Goiás; e 3) propor materiais didáticos alternativos (impressos e virtuais) para aulas de línguas indígenas, portuguesa, inglesa e espanhola, em nível básico e superior. A proposta é perguntar aos professores e seus alunos sobre as formas mais efetivas de ensino e aprendizagem de idiomas e, com eles, planejar atividades de sala de aula que ajudem a melhorar a escrita, a leitura e a compreensão oral das línguas também em seus padrões formais. Esta investigação dá continuidade aos estudos que venho desenvolvendo desde 2003 e busca aprofundar as discussões sobre questões de linguagem e os processos pedagógicos de ensinar e aprender padrões formais dos idiomas.

EDUCAÇÃO BÁSICA: DESEJO REALIZADO

“A dor que mais me dói é envelhecer temendo que os jovens de hoje tenham que repetir, amanhã, que o Brasil é um país que ainda não deu certo.”
(Darcy Ribeiro)

Depois desse longo período dedicado a projetos em sua maioria relativos à Língua Inglesa, em 2009 mudei a rota de atuação na docência: prestei concurso e fui aprovada na Universidade Federal de Goiás, pedi demissão da UCG, aposentei-me pelo INSS e passei a ministrar aulas somente de Língua Portuguesa, com dedicação exclusiva ao Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE/UFG). Quando soube do concurso para professor efetivo do departamento de português nessa instituição pública federal, fiquei totalmente animada com a possibilidade de atuar na Educação Básica, “a menina dos meus olhos!”, tendo, ainda, um contrato regido pelo plano de carreira do magistério superior. Eu já havia tido oportunidades de ingressar em faculdades da UFG e em escolas da SME e da Seduce, mas essas opções não me satisfaziam, pois meu interesse não era seguir a carreira apenas na graduação e na pós-graduação, e as condições de trabalho e salário nas redes de ensino básico nunca foram satisfatórias. Ser aprovada e admitida no CEPAE/UFG, de fato, era tornar realidade um antigo desejo.

Assim que tomei posse, iniciei as aulas no ensino fundamental dos anos finais, inteirei-me das atividades do departamento, aliei-me às propostas de trabalho das colegas e participei dos projetos de pesquisa e de extensão já em andamento. Não obstante, havia uma pauta que não atraía a minha atenção: em Conselho Diretor, a discussão mais polêmica e acalorada era sobre a opção da Unidade por iniciar um Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu*, em resposta à solicitação da Reitoria pela adesão da UFG ao Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni). Não que eu julgasse a questão inoportuna ou desimportante, mas meu maior, se não único, foco de interesse na mudança da UCG para a UFG era o trabalho em sala de aula com os estudantes da educação básica. Em votação, a maioria dos conselheiros decidiu pela criação de uma comissão que seria responsável por planejar e, depois, implementar esse grandioso projeto. Obviamente, eu não me voluntariei para participar desse grupo formado por mestres e doutores, apenas acompanhei e apoiei as decisões.

No mesmo ano de meu ingresso, iniciei o cadastramento e a coordenação de projetos de ensino, de pesquisa e de extensão sobre temas imbricados, relacionados as minhas preocupações cotidianas em sala de aula: ensino de português em uma perspectiva dialógico-discursiva, dificuldades de aprendizagem e inclusão escolar. Também, no dia da semana em que eu não precisava ir à escola, viajava até a capital federal, para realizar um estágio de pós-doutoramento no Programa de Pós-graduação em Educação na Universidade de Brasília (PPGE/UnB). Sob a supervisão da Profa. Stella Ma-

ris Bortoni-Ricardo, a pesquisa empírica foi desenvolvida no próprio CEPAE, no contraturno escolar, com a participação de um grupo de alunos, com e sem diagnóstico de deficiência, que apresentava dificuldades de leitura e escrita nas aulas do 7º ano do ensino fundamental⁴.

Mediação pedagógica, leitura e escrita na educação básica

Resumo - O objetivo deste estudo está alinhado ao propósito geral do projeto de pesquisa de sociolinguística educacional “Leitura e mediação pedagógica”, que tem por ênfase “a investigação do conhecimento enciclopédico de crianças provenientes de redes sociais de cultura predominantemente oral, vis-à-vis as exigências para a leitura com compreensão de textos que elas têm de ler de modo a acompanhar o currículo escolar” (Bortoni-Ricardo, 2008). O objeto de investigação deste estudo é a mediação pedagógica entre professor/a e aluno/a durante o processo de ensinar e de aprender a ler na escolarização básica. A partir da asserção de que, entre outros fatores, a experiência escolar, medida em anos de escolaridade, e a sua exposição a práticas sociais da cultura letrada têm influência no acervo de conhecimento enciclopédico de professores/as de leitura em formação e de alunos/as leitores/as novatos/as, o objetivo principal deste projeto é documentar e analisar rotinas interacionais em eventos de leitura nos quais o/a professor/a facilita a compreensão que o/a aluno/a tem do texto por meio de mediação.

Dificuldades de Ensino e Aprendizagem de Línguas

Resumo - Investigação sobre formas de acompanhamento e desenvolvimento de propostas específicas para o atendimento individual ou em pequenos grupos de alunos de educação básica que apresentam dificuldades de leitura e escrita.

Estudo Linguístico no Ensino Fundamental: a gramática em função do discurso

Resumo - Pesquisa desenvolvida por representantes do CEPAE/UFG e da Seduce. Investigação sobre o ensino da gramática discursiva no ensino fundamental, tendo como referência a linguística funcional de Michael Halliday e a teoria dialógica de Mikhail Bakhtin. O objetivo é identificar formas de explorar textos literários presentes em obras constantes do acervo das bibliotecas do CEPAE/UFG e da Seduce, em seu sentido estético, de fruição, tendo como recurso a análise dos elementos linguísticos (morfossintáticos, semânticos e fonológicos) que o organizam.

Entre 2010 e 2011, enquanto eu me dedicava a esses projetos, a Comissão de Estruturação do Mestrado seguia com suas reuniões ordinárias, recebendo assessoria da Faculdade de Educação e aconselhamento da Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação da UFG. E só depois da decisão de que seria submetido à apreciação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) um Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica, em nível de mestrado na modalidade profissional, cuja proposta curricular contemplaria os diferentes campos de atuação do ensino na Educação Básica de forma inter/multidisciplinar, é que foram iniciadas as discussões sobre quais seriam o/a coordenador/a e vice responsáveis por acompanhar todo o processo e participar das reuniões de estruturação da recém-criada Área 46 – Ensino, em Brasília.

Seguramente, todos os membros da Comissão eram aptos a assumir esses compromissos, mas coube a mim essa inusitada e assombrosa tarefa. O convencimento se embasava na argumentação de que, naquele momento, eu era a única docente do CEPAE/UFG que já havia concluído o pós-dou-

⁴ O artigo científico sobre o processo e a conclusão dessa investigação está publicado em: MESQUITA, D. Mediação Pedagógica, Leitura e Escrita na Escolarização Básica. In: BORTONI-RICARDO, S. (org.). Leitura e Mediação Pedagógica. São Paulo: Parábola Editorial, 2012, p. 113-138. Não há uma versão dessa obra em e-book ou PDF.

torado e que tinha experiência de atuação na pós-graduação; mas o que realmente pesou em minha submissão aos apelos da já definida vice, minha colega de departamento e parceira de projetos, Profa. Maria de Fátima Cruvinel, foi a promessa de que tão logo o Programa fosse institucionalizado, eu poderia deixar a coordenação. Ledo engano! A Capes aprovou o Programa, mas uma de suas exigências era de que o quadro administrativo e docente fosse mantido até pelo menos a avaliação do primeiro triênio. E assim foi! Não só me resignei a coordenar o PPGEEB/CEPAE/UFG durante todo esse período, como ainda, por opção, segui ministrando disciplinas e orientando pesquisas por mais seis anos.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA: PRÁXIS DESAFIADORA

“Temo muito ser recordado no futuro mais por meus empreendimentos que por minhas ideias, o que será uma injustiça. Quisera mesmo é mudar o jeito de pensar das pessoas, cavalgar milhões delas e dirigi-las a seu gosto e seu pesar, para a felicidade e a glória.”
(Darcy Ribeiro)

Durante essa coordenação, minha *práxis* no PPGEEB/CEPAE/UFG não se deu apenas no gratificante sentido comum do termo, “ação concreta e dialética que se estabelece entre teoria e prática e permite depreender e compreender a dinâmica da realidade”, mas, principalmente, sob o conflituoso conceito filosófico de “atividade teórico-prática advinda de controversas relações sociais e controvertidas decisões políticas, econômicas e éticas”. Devido a minha personalidade franca, direta e objetiva (para muitos austera, grosseira e não diplomática), tive que me haver com várias situações indesejadas durante as reuniões de reformulação da Área, na Capes, e ao longo do processo de implementação e manutenção qualitativa do Programa, na Unidade.

A trajetória inicial do PPGEEB/CEPAE/UFG se misturava à de (re)construção da Área de Ensino constituída pela Portaria Capes nº 83/2011, que a integrava à Grande Área Multidisciplinar. O triênio 2010-2012 havia sido muito conturbado, principalmente por causa da arbitrária indicação dos coordenadores efetivos e pró-tempore, sem consulta ou ampla discussão nos Programas e, portanto, não considerados legítimos representantes das diferentes instituições nacionais, que compunham os grupos de decisão dos intensos e concentrados debates para a construção do Plano Nacional de Pós-Graduação e do Plano Nacional de Educação (2011-2020) como estratégias de fortalecimento da Educação Básica, no Conselho Superior da Capes.

O primeiro passo dado pelas Diretoria de Avaliação da Capes e Coordenação Pró-tempore da Área 46, em 2013, foi preparar o 2º Seminário de Acompanhamento dos Programas para, com isso, abrir um espaço de confiança e construção de um pacto de trabalho entre os coordenadores. E para mediar o conflito, a profa. Tânia Cremonini de Araújo-Jorge (diretora da Fundação Oswaldo Cruz - RJ, gestões 2005-2009 e 2009-2013) foi convidada e presidiu todas as discussões que levaram a essa reformulação, o que só ocorreu no final do mesmo ano, após acirrados encontros de definição sobre os Programas que permaneceriam e os que migrariam para outras Áreas; e os instrumentos e critérios de Avaliação Trienal nucleada na antiga Área de Ensino de Ciências e Matemática, para o Qualis Periódicos e Qualis Livros da agora recém-criada Área de Ensino – 46. Sempre a convite da Coordenação Pró-tempore, como consultora integrei todas essas Comissões que se reuniram mensalmente em Brasília e uma vez no Rio de Janeiro, e tive a grande oportunidade de compreender os meandros políticos que norteavam os rumos da Pós-graduação em Ensino no Brasil.

Afora essas demandas, participei da Comissão Conjunta das Áreas de Educação e de Ensino, cujo objetivo foi gerar uma Carta que apontava as efetivas perspectivas de cooperação entre as duas Áreas, identificando suas convergências e especificidades. Superados os problemas concernentes a divergências e disputas de campo e esfera dessas duas áreas educacionais e das modalidades de programas acadêmico e profissional, finalmente puderam ser iniciadas as nossas profícuas reuniões de preparação para a consolidação da Minuta submetida ao Conselho Técnico-Científico do Ensino Superior e, posteriormente, a definitiva construção do tão almejado e imprescindível Documento da Área de Ensino - 46, referência principal de qualquer Área na Capes.

Ainda, em outro momento, pude vivenciar o processo de atribuição de notas aos Programas, compondo a Comissão de Avaliação da Área 46 (triênio 2010-2012). Como coordenadora do PPGE-EB, me dei conta de como era imprescindível eu ficar atenta aos novos critérios de avaliação exigidos pela Capes, e orientar corretamente os colegas e os mestrandos sobre os requisitos a serem seguidos para a revalidação do nosso Programa ao final do primeiro triênio (2013-2015). Majoritariamente, a qualidade era medida pela quantidade de produção intelectual dos docentes, isto é, a publicação de artigos em periódicos, livros, capítulos, entre outros, com Qualis validado pela Área de Ensino; e pela aplicabilidade dos produtos e processos educativos resultantes das dissertações dos discentes, em seus respectivos ambientes de atuação no sistema de ensino. Infelizmente, fazer cumprir essas demandas não é uma função fácil ou aprazível para um gestor, e a recepção e a resposta a essas solicitações não costumam ser muito afáveis ou propícias, pela equipe.

Como forma de contribuir para o atendimento a tais demandas, durante esses três anos foram organizados os seguintes eventos acadêmico-científicos, sob a responsabilidade do Programa: I Seminário de Dissertações e Produtos Educacionais do PPGEEB/CEPAE/UFG, cujos trabalhos apresentados ficaram disponíveis na página <http://www.pos.cepae.ufg.br>; I Seminário Internacional de Escolas Criativas, realizado em parceria com a Rede Internacional de Escolas Criativas (RIEC), tendo como fruto a publicação da obra: SUANNO, M. *et al.* Veredas Escolares: partilhando experiências criativas de ensino e aprendizagem do CEPAE/UFG. Goiânia: Editora América, 2014; I Fórum de Educação Sistêmica, que posteriormente foi transformado em um evento anual intitulado Fórum Nacional Escola de Educação Básica para Todos! (apresentado em uma seção à parte, neste Memorial); e I Seminário Nacional de Mestrados Profissionais da Área de Ensino, auspiciado pela Capes e pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (Fapeg).

Esse evento inaugural da Área de Ensino reuniu, em Goiânia, os Programas de Instituições de Ensino Superior das seis regiões do Brasil e possibilitou a publicação de suas dissertações e produtos educacionais em quatro Dossiês da Revista do PPGEEB⁵: MESQUITA, D.; FONSECA, G. (org.). Mestrado Profissional, Pesquisa Aplicada e Educação Básica: uma relação intrinsecamente social. Goiânia: Polyphonia, v. 24, n. 2, 2013; MESQUITA, D.; OLIVEIRA, I.; FARIA, V. (org.). Produtos da Pesquisa Acadêmica e Aplicada do Mestrado Profissional da Área de Ensino: cenário atual. Goiânia: Polyphonia, v. 25,

⁵ Desde a sua implantação, o PPGEEB ficou responsável pela editoração da Polyphonia, que substituiu a Revista anteriormente denominada "Solta a Voz". Na época, as publicações dos anos 2013, 2014 e 2015 estavam atrasadas e, por isso, os volumes dos Dossiês aparecem com datas anteriores ao Seminário. A partir de então, esta Revista do PPGEEB passou a cumprir regularmente o seu papel de garantir a inserção social do Programa, por meio de suas publicações semestrais que promovem a discussão acadêmica sobre o Ensino na Educação Básica. Suas edições contemplam artigos, resenhas e entrevistas, entre outros, que problematizam os saberes e as práticas escolares, os processos de ensino-aprendizagem, a formação de professores e outras implicações pertinentes às áreas de conhecimento que compõem o currículo do ensino básico. Acesso: <https://revistas.ufg.br/sv>.

n. 2, 2014; MOURA, E.; FERREIRA, E.; LYRA-SILVA, G. (org.). O Mestrado Profissional e a Área de Ensino: história de demandas, conquistas e desafios. Goiânia: Polyphonia, v. 26, n. 1, 2015; e SILVA, C.; CARVALHO, M.A.; CRUVINEL, M. F. Mestrado Profissional, Formação Permanente e Vivências na Educação Básica. Goiânia: Polyphonia, v. 26, n. 2, 2015.

O encerramento de meu compromisso junto a esta coordenação se deu com a conclusão e entrega do Relatório Sucupira PPGEEB/CEPAE/UFG (triênio 2013-2015) à Capes. No entanto, em parceria com diferentes colegas, continuei a oferecer disciplinas obrigatórias e optativas relacionadas à área de linguagens, e a orientar mestrandos: um total de onze dissertações concluídas e aprovadas⁶, até 2022, quando pedi o desligamento do Programa. Em relação às disciplinas oferecidas, vale a pena destacar a obrigatória “Organização de Contextos de Educação Escolar” e as eletivas “Fundamentos Teórico-metodológicos do Ensino na Perspectiva da Psicanálise Freudiana” e “Produção Acadêmica em Linguagem Visual/Audiovisual”, por se tratar de propostas que contemplam não apenas o estudo teórico em sala de aula e atividades práticas em escolas-campo, mas experimentadas e analisadas sob diferentes perspectivas e abordagens⁷.

⁶ Todas as conclusões dessas pesquisas foram publicadas em forma de artigo pelas discentes. As que foram escritas em coautoria comigo estão disponíveis para leitura, na seção “Publicações” deste Memorial.

⁷ Trabalhos resultantes dessas disciplinas que tratam sobre questões de inclusão escolar, saberes indígenas, educação Kalunga, cinema estudantil, produção acadêmica em diferentes linguagens, entre outros, foram realizados e publicados pelos mestrandos, em volumes organizados por mim e/ou em coautoria, na Coletânea “Escola de Educação para Todos!”. Acesso: <https://forumescolaparatodos.com.br/e-books/>.

CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO: GESTÃO PARTICIPATIVA

“Herdeira de um mundo ordenado segundo formas de vivência e normas de moral que não a comovem, a juventude começa por distanciar-se e protestar pela fuga catártica. Mas não poderia ela voltar sobre seus passos para assumir a missão de desfazer e refazer a sociedade segundo novos corpos de valores?”
(Darcy Ribeiro)

Quando finalizei essa empreitada, parti para outro desafio, desta vez por decisão própria, e não por pressão e submissão: ofereci-me para assumir o cargo de vice-direção do CEPAE/UFG na gestão do diretor Prof. Alcir Horácio da Silva. A colega que havia integrado a sua chapa como vice, ambos aprovados em eleição direta na Unidade, havia solicitado afastamento e o posto estava vago. Eu queria, na verdade, encontrar outra função administrativa que também não me privasse de seguir ministrando aulas na Educação Básica, e na qual eu não fosse a responsável imediata pelas conduções burocráticas e as tomadas de decisão. Até aquele momento, no CEPAE, o que eu entendia como “papel de vice” era apenas atender às demandas da Unidade, “na ausência do diretor”. Outro ledor engano, ao menos nessa gestão. De imediato, generosamente, o Prof. Alcir aceitou minha oferta, consultou o Colegiado e, diante do aceite da maioria, abriu a Sala da Direção para me acolher. Fui recebida com uma mesa, um computador e a total liberdade para ouvir, participar e opinar sobre todas as questões que chegavam até ele, vindos da Reitoria, das Pró-reitorias, do Ministério Público, da Associação de Pais e Mestres, das Coordenações Pedagógicas, dos Departamentos, do Mestrado, do corpo de servidores, de docentes e de discentes...

Em sua Carta Programa para a Gestão 2014/2018, a chapa vencedora intitulada Direção: Presente! se comprometia a “apresentar, estar presente e reivindicar a presença do CEPAE em todas as instâncias da UFG e, portanto, consolidar novos caminhos e desafios assumidos pela comunidade cepaeneana relacionados ao tripé indissociável Ensino, Pesquisa e Extensão”. Não arrisquei adicionar qualquer novo objetivo, pois sabia que só este já demandaria um trabalho hercúleo. Apenas coloquei-me à inteira disposição do diretor para acompanhá-lo ou representá-lo onde fosse necessário; e como em 2018 o CEPAE completaria 50 anos de existência, e haveríamos de programar e promover algumas celebrações, propus-me a organizar um livro em que pudessem ser divulgados a estrutura da Unidade (panorama e organização) e o cotidiano escolar (projetos e atividades). A obra com treze textos divididos em dois capítulos foi publicada em: MESQUITA, D. (org.). CEPAE/UFG - 50 anos de história. Goiânia: Gráfica UFG, 2018.

Uma tarefa delegada a mim pelo diretor foi representar o CEPAE no Conselho Nacional dos Dirigentes das Escolas de Educação Básica das Instituições Federais de Ensino Superior (Condicap), durante as reuniões ordinárias que aconteciam na sede em Brasília. Nesse período, algumas das discus-

sões e ações mais relevantes no grupo foram em relação à atuação do Condicap junto ao Ministério da Educação (MEC), reivindicando apoio e verba para a Inclusão Escolar e a contratação de docentes e especialistas na área de saúde e atenção à pessoa com deficiência; a melhoria das condições de trabalho e provento dos docentes da carreira de Ensino Básico Técnico Tecnológico (EBTT), maioria maior nos CAP, embora não no CEPAE; a implantação de Programas de Pós-graduação em nível *Stricto Sensu*, como o PPGEEB/CEPAE/UFG; a organização anual de Seminários de Institutos, Colégios e Escolas de Aplicação das Universidades Brasileiras (Sicea), por região e nacionalmente, de forma alternada; a ampliação da criação de revistas para divulgação de atividades de ensino, pesquisa e extensão dos CAP; e outras.

No próprio CEPAE, dessas questões, a mais problemática era a relacionada às condições de trabalho dos poucos docentes da carreira EBTT, lotados em espaço escolar preparado exclusivamente para atender estudantes/crianças. Ali, desde o mês de janeiro de 2013, o local que antes se denominava e se caracterizava como Creche passou a ser uma Unidade de Educação Infantil da UFG, funcionando como órgão complementar do CEPAE; e com a mudança no Estatuto da UFG e a aprovação do Regimento da Unidade, tornou-se o Departamento de Educação Infantil (DEI/CEPAE/UFG). Porém, não obstante o nome haver mudado, a concepção assistencialista dos seus primeiros anos de existência parecia estar enraizada e querer persistir. O fato é que, em 1989, sob fortes e persistentes reivindicações da comunidade universitária, a Creche havia sido inaugurada para acolher, sem restrições, filhos de professores, técnicos e alunos, integrando-se, pois, à política social de assistência da UFG. No entanto, passadas mais de duas décadas, esta e outras práticas vinham sofrendo mudanças significativas que acabaram respingando e gerando muitos conflitos entre a comunidade e a escola, também durante nossa gestão.

Uma das mudanças foi a forma de ingresso das crianças, que passou a ser organizada por meio de sorteio público, a exemplo dos outros níveis do ensino básico no CEPAE. Outra, decorrente desta, foi a necessidade de cancelamento das turmas de crianças de zero a um ano de idade, para a viabilização da criação de turmas que atendessem àqueles estudantes já matriculados que completariam cinco anos de idade e que, posteriormente, estariam aptos a ingressar no ensino fundamental dos anos iniciais. Até 2016, devido à falta de estrutura física, à quantidade insuficiente de professores e à própria forma de organização do trabalho pedagógico, o DEI não atendia essas crianças em idade estabelecida por lei e isso acarretava o afastamento e a transferência delas para outras escolas, por um ano.

Embora a equipe de profissionais do DEI fosse composta por um reduzido número de servidores técnico-administrativos, professores efetivos da carreira EBTT, professores substitutos e bolsistas de ensino que inapropriadamente eram requisitados para suprir o quadro docente deficitário, colegas do próprio CEPAE e familiares insistiam para que todas as turmas fossem mantidas e os horários de chegada e de saída das crianças fossem ampliados. Não pareciam ter compreensão da dimensão dos problemas, pedagógico (concepção do cuidar e do educar) e de infraestrutura (falta de espaço e pessoal adequado, em termos de quantidade e de qualidade), para que o DEI saísse da condição de Creche, local meramente de acolhimento assistencial, para desenvolver a educação infantil respaldada em bases referendadas em uma abordagem sócio-histórico-cultural.

Para que pudesse cumprir o que estabelece a legislação, o DEI precisaria organizar o seu quadro pedagógico de forma a garantir ao menos um professor efetivo, um bolsista de ensino e um es-

tagiário em cada agrupamento de crianças; o que era totalmente irreal naquele momento. Além disso, conforme exigia a Resolução nº 001, de 10/03/2011, como partes integrantes da UFG, todos os docentes do DEI deveriam cumprir atividades relativas não só ao ensino, mas também à pesquisa e à extensão. E, para atender a todas essas demandas, esses colegas seriam submetidos a um trabalho análogo à escravidão, e com isso a Direção não compactuou. Como consequência, infelizmente, Prof. Alcir e eu passamos grande parte do tempo que poderia ser dedicado a atividades mais concernentes à educação, respondendo reiteradamente a processos impetrados por famílias que diziam buscar seus direitos queixando-se ao Ministério Público.

O dia a dia da gestão diretiva é extremamente dinâmico. Chegam à Direção problemas de diversificados tipos e vindos de todas as instâncias, dentro e fora da Unidade. Mas, realmente, os que mais me causavam preocupação eram os relacionados aos alunos, principalmente quando incluíam graves atos de insubordinação que, segundo o nosso Regimento Disciplinatório, os levariam à expulsão, como: violência física, depredação do patrimônio público, assédio sexual, uso de drogas... A pacífica e colaborativa relação entre a Direção e a Vice era totalmente estremecida nesses momentos, de minha parte, principalmente, quando a questão envolvia acatar, fazer cumprir o previsto na legislação, ao invés de tentar mediar o impasse, reiteradas vezes, antes de levar o fato para a avaliação e decisão sumária dos Conselheiros.

Côncio de sua responsabilidade, obviamente o diretor não queria incorrer em qualquer ato de improbidade administrativa, por mais insignificante que pudesse parecer; mas a vice, mãe e esperançosa na força dos apoios familiar e especializado como motrizes de transformação das atitudes humanas, insistia para que a escola não desistisse do/a jovem, sob o argumento de que muito pior do que estar lá dentro “aprontando” seria ele/ela estar na rua sendo “disciplinado/a” pela polícia. Em todas as situações, os trâmites previstos no regimento eram seguidos: primeiro, a conversa individual com o infrator, ou com todos os implicados no ato; em seguida, diálogo entre o/s jovem/ns, o setor de psicologia e a direção; depois, reunião de todos com a presença dos responsáveis; e, finalmente, exposição do caso e definição da pena, no Conselho Diretor.

A cada decisão majoritária sobre a “transferência compulsória” do estudante, a minha vontade era deixar o cargo, mas a consciência sempre cobrava a responsabilidade de seguir atuando como gestora-educadora. Permaneci durante todo o período previsto, mas não embarquei com o Prof. Alcir em uma segunda gestão. Outros projetos ocupavam a minha cabeça⁸ e entendia que ali eu já havia dado a minha contribuição. E embora eu tivesse cumprido outras obrigações administrativas, como coordenadora do mestrado, chefe de departamento, presidente de comissões, entre outras, sem sombras de dúvida, tinha plena convicção de que esta havia sido a mais enriquecedora e gratificante oportunidade de aprendizado, em todos os anos de trabalho no CEPAE. Não foi fácil ou sem conflitos, muito pelo contrário, mas me oportunizou conhecer a Unidade em seu todo, a UFG por dentro e, principalmente, edificar uma profunda relação de amizade e irmandade com alguns colegas/parceiros.

⁸ Havia recebido um convite para viver em uma aldeia no sul de Moçambique e desenvolver um projeto com jovens em situação de vulnerabilidade. Estava considerando essa possibilidade e, em consonância, a saída para um estágio de pós-doutoramento lá. O projeto se concretizou e o resultado está descrito na seção “Publicações” deste Memorial.

INCLUSÃO ESCOLAR: DIFERENÇAS SINGULARES

“A diversidade promove a tolerância. Quando você não encontra pessoas diferentes, não percebe coisas, não percebe o quanto tem em comum com elas.”
(Malala Yousafzai)

Muito em função dos estudos realizados durante o doutorado, logo que ingressei no CEPAE, assumi a Presidência da Comissão de Estágio Supervisionado. Por essência, esta Unidade foi fundada para oferecer a educação básica e se apresentar como campo de estágio privilegiado da UFG. E como, naquele momento, em todas as faculdades da Universidade, estavam sendo discutidas questões relativas à matriz curricular das licenciaturas, à carga horária e às especificidades teórico-práticas da disciplina Didática, e o papel dos campos de estágio para a formação docente, em consonância com as orientações da coordenação de estágios da Pró-Reitoria de Graduação (Prograd) da UFG e em parceria com as chefias dos departamentos do CEPAE, a maior responsabilidade da Comissão foi elaborar documentos regimentais internos que visavam colaborar com a organização e o acompanhamento dos estágios com as coordenações de cursos das diferentes unidades acadêmicas da UFG e de outras instituições conveniadas⁹.

Nessa mesma época, como professora supervisora de estágio, ocorreu um fato que ampliou o meu leque de preocupações e interesses investigativos. Recebi uma licencianda da Faculdade de Letras (mas já graduada em Direito e naquele momento também cursando o mestrado em Letras e Linguística), que veio estagiar em uma de minhas turmas do 7º ano do ensino fundamental, onde havia uma aluna de 27 anos com Síndrome de Down. Nosso desafio foi pensar e desenvolver um plano de trabalho de estágio, cujo objetivo central fosse colaborar com a efetiva participação dessa aluna, nas aulas de português.

A estagiária Aline Gomes de Souza (hoje doutora em Letras e Linguística e professora da RME/Go) e eu iniciamos o projeto primeiramente observando e tomando em conta alguns aspectos da vivência da aluna na escola: a participação em sala durante as leituras e discussões de textos; a escrita dos conteúdos de outras disciplinas no caderno; a relação com os colegas na sala e no pátio, entre outros. Ao longo de nossas reuniões semanais, analisávamos os resultados e buscávamos as abordagens de ensino e aprendizagem mais adequadas aos seus interesses e necessidades especiais, os recursos didáticos e paradidáticos mais pertinentes a sua idade cronológica e maturidade mental, e as atividades de leitura e escrita mais apropriadas ao seu desenvolvimento social, cognitivo e cultural.

⁹ Como reflexo desse trabalho, foi publicado o artigo: MESQUITA, D. Teoria, Prática, Estágio Supervisionado e Formação Docente. In: Polyphonia, v. 21/1, p. 21-37, 2010. Com base na Resolução CNE/CP n. 02, de 19 de fevereiro de 2002, e nos Apêndices da Proposta de Diretrizes para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica, em cursos de Nível Superior, de maio de 2002, discuto como o conhecimento teórico pode referenciar a concepção de aprender-ensinar do aluno-professor e, assim, interferir nos procedimentos didáticos adotados em sala de aula. Este artigo está disponível para leitura em: <https://revistas.ufg.br/sv/article/view/21/9902>.

Em todas as situações, tínhamos como referência o entendimento de que incluir não é fazer com que os diferentes fiquem semelhantes aos demais, pois as características de cada pessoa definitivamente não são análogas e todos carregam maneiras de ver a vida de um modo diverso, podendo desenvolver habilidades que lhes são próprias para conduzir suas vidas com autonomia; a priorização de um aprendizado que se adianta ao desenvolvimento, ao que está intrinsecamente faltando no próprio desenvolvimento, que aposta na superação das deficiências inatas, valoriza e potencializa qualquer rudimento de pensamento abstrato que ainda possa existir; e a compreensão de que cada pessoa tem suas características particulares, físicas e psíquicas e deve ser considerada como um sujeito que ocupa parte da sociedade, alguém que quer ir ao supermercado, à igreja, à escola não só por direito ou aceitação, mas por vontade própria e socialização humana.

Quanto aos critérios didático-metodológicos, levávamos em conta: a utilização dos mesmos materiais adotados em sala de aula – livro didático, revistas e jornais impressos e virtuais e obras literárias de diferentes gêneros discursivos; o desenvolvimento das mesmas tarefas, de sala e de casa, solicitadas ao restante do grupo - pesquisas, produções textuais verbais orais e escritas e não verbais.

E, em relação às estratégias de ensino-aprendizagem, fazíamos a gravação em áudio das leituras de obras literárias, com o intuito de trabalhar a sua articulação fonético-fonológica; a análise de diferentes textos verbais e não verbais, com a finalidade de potencializar o seu raciocínio abstrato; a cópia de fragmentos textuais, com o objetivo de fortalecer o seu reconhecimento de segmentações, letras, sílabas, palavras e o efeito de sentido que provocam; e a produção de imagens e escrita alfabética como formas de ela grafar suas sensações¹⁰.

Essa experiência realizada durante o ano letivo de 2010 suscitou em mim o desejo de fazer parte da equipe da Comissão de Inclusão Escolar, na época presidida brilhantemente pela Profa. Silvana Matias Freire. Parte de seu planejamento anual incluía a realização de seminários com especialistas que apresentavam pesquisas e vivências sobre o processo educacional de pessoas com impedimento de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, suas potencialidades e formas de envolvimento social e desenvolvimento intelectual. Colegas de outras escolas de educação básica participavam e as trocas eram riquíssimas. Em outros momentos, a equipe se reunia para ler e discutir textos das áreas de psicologia, psicanálise e linguagem, e realizar estudos de casos específicos a alunos do CEPAE com dificuldades de aprendizagem, com e sem diagnóstico de deficiência.

Juntas, organizamos e publicamos o Dossiê “Inclusão Escolar: olhares especiais”, cujos artigos de pesquisadores, professores, legisladores e escritores literários traziam relatos de experiências, análises e problematizações sobre as diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica, gestadas sob a égide da Resolução CNE/CEB nº 2/2011. Em termos gerais, o documento definia genericamente *a educação especial, na modalidade da educação escolar, como um processo educacional definido por uma proposta pedagógica que assegura recursos e serviços educacionais especiais, organizados institucionalmente para apoiar, complementar, suplementar e, em alguns casos, substituir os serviços educacionais comuns, de modo a garantir a educação escolar e promover o desenvolvimento das potencialidades dos educandos que apresentam necessidades educacionais especiais, em todas as etapas e modalidades da educação básica*¹¹.

¹⁰ Em coautoria, foi publicado um artigo descrevendo essa experiência na Revista de Educação, Linguagem e Literatura da Universidade Estadual de Goiás (UEG – Inhumas): SOUZA, A.; MESQUITA, D. Trissomia, Leitura, Escrita e Inclusão na Escolarização Básica. In: Rivelli, v. 2, n. 2, p. 103-112, 2010. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/revelli/issue/view/142>.

¹¹ MESQUITA, D.; FREIRE, S. Inclusão escolar: olhares especiais. **Revista Polyphonia**, Goiânia, v. 22, n. 1, 2012. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sv/article/view/21239>.

Terminado o período de sua gestão, outra colega assumiu a presidência e eu continuei como membro da equipe. Nessa fase, o trabalho proposto pela Comissão ficou mais centrado no atendimento específico aos alunos com deficiência, em sala de aula, com a preparação e utilização de materiais didáticos adaptados. Quando a presidente solicitou um afastamento para cursar o doutorado, assumi o seu lugar e, em nossas reuniões ordinárias, a partir do resgate das concepções teóricas apresentadas pela Profa. Maria Teresa Eglér Mantoán, em sua polêmica e consistente obra “Inclusão escolar - o que é? por quê? como fazer?”¹², busquei principalmente atualizar nossos estudos e debates sobre o que vinha sendo problematizado nos grupos de trabalho nacionais sobre a nova Lei Brasileira de Inclusão (LBI), também conhecida como Estatuto da Pessoa com Deficiência.

Bem ao encontro da LBI, o radicalismo de sua proposta exigia não só uma mudança de paradigma educacional que extinguiu a subdivisão dos sistemas escolares nas modalidades especial e regular, mas em todos os níveis de ensino das escolas de educação básica, públicas ou privadas, demarcando nitidamente dois posicionamentos teórico-metodológicos divergentes: um baseado na concepção de inserção e o outro de integração; o que significava realizar uma educação inclusiva que não apenas recebesse, mas que incorporasse o estudante com deficiência na escola regular. Para tanto, era necessário que o contexto educacional atendesse às diferenças sem discriminar, sem trabalhar à parte, sem estabelecer regras rígidas de planejamento para o aprender e o avaliar; e que o direito que todos os estudantes têm aos conhecimentos científicos propostos nos currículos de educação básica não fosse negligenciado. Nesse sentido, não mais cabiam as adaptações infantilizadas e a supressão de conteúdos disciplinares; o que se demandava eram autênticas formas criativas de veiculação dos saberes e modos singulares de aferimento de sua apreensão.

No entanto, para a maioria dos membros da equipe, o trabalho que vinha sendo desenvolvido pela Comissão não deveria ser substituído por outro tão drástico, mesmo porque a assistência oferecida aos estudantes era muito bem avaliada pelas famílias e parecia estar em adequada sintonia com a política de inclusão da UFG sob coordenação do Sistema Integrado de Núcleos de Acessibilidade (SINAce). Porém, de acordo com os estudos realizados pelo grupo de pesquisa composto por mes-trandas do PPGEEB e por graduandos e secundaristas bolsistas que participavam de projetos de extensão e de ensino, sob minha orientação, essa era apenas uma visão capacitista¹³ de inclusão que, se revista, poderia colaborar não apenas para a socialização, mas, principalmente, para o desenvolvimento cognitivo do aluno com deficiência. Para evitar mais conflitos e desgastes, após a realização do VI Simpósio de Educação Inclusiva: educando na diversidade, que resultou na publicação do Dossiê “Inclusão: todos na escola de educação básica!”¹⁴, deixei a presidência e me afastei da equipe da Comissão.

Inspiradas nesses estudos, bem como em projetos coordenados pela Profa. Silvana e por outra grande companheira e amiga, Profa. Maria Alice de Sousa Carvalho Rocha, nós três idealizamos, preparamos e iniciamos o oferecimento da disciplina “Fundamentos Teórico-metodológicos do Ensino na Perspectiva da Psicanálise Freudiana/Lacanian”, no PPGEEB. Muitas dissertações relacionadas à Inclusão Escolar foram orientadas e/ou coorientadas por nós, a partir dos quatro conceitos fun-

¹² MANTOAN, M. T. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

¹³ Capacitismo no sentido da adoção de atitudes, práticas, tratamentos e formas de comunicação que impedem o pleno exercício da autonomia das pessoas com deficiência.

¹⁴ MESQUITA, D. et al. Dossiê “Inclusão: todos na escola de educação básica!” In: **Revista Polyphonia**, v. 28 n. 1, 2017. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sv/issue/view/1763>.

damentais da psicanálise formulados por Freud: inconsciente, repetição, transferência e pulsão; e, a partir desses, os relacionados à linguagem, por Lacan: real, simbólico e imaginário¹⁵.

Posteriormente, convidei outra colega que voltava ao CEPAE depois de um longo período de licença médica, Profa. Segismunda Sampaio da Silva Neta, para também se juntar ao nosso grupo. Tornamo-nos amigas e grandes parceiras em todas as atividades relacionadas à inclusão escolar no CEPAE: juntas, no PPGEEB, ministramos disciplinas sobre questões teóricas e práticas do ensino-aprendizagem de alunos com deficiência na educação básica; criamos Grupos de Trabalho (GT) que serviram de locais privilegiados para a coleta de dados de nossas orientandas; iniciamos o Fórum Nacional Escola de Educação Básica para Todos! (FNEEBT); e organizamos os primeiros volumes da Coletânea Escola de Educação Básica para Todos! Ela permaneceu na equipe até 2019, quando se aposentou.

¹⁵ Alguns volumes da Coletânea “Escola de Educação Básica para Todos!” foram organizados por nós, com o intuito de divulgar os resultados de pesquisas desenvolvidas pelos alunos matriculados nesta e em outras disciplinas sobre o tema, e/ou dissertações sob nossa orientação. Acesso: <https://forumescolaparatodos.com.br/e-books/>

FÓRUM NACIONAL ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA PARA TODOS!: LUTA RESILIENTE

“Quando falamos em socialismo falamos em reincorporar a sociedade, em reintegrar, em acabar com as classes, em fazer outra vez uma sociedade igualitária.

Dentro da qual a condição humana possa voltar a ser aquela de alegria, de harmonia, de beleza que nós vemos nos índios.”

(Darcy Ribeiro)

O primeiro Fórum Nacional Escola de Educação Básica para Todos! (I FNEEBT) aconteceu em 2017. Foi organizado por nosso Grupo de Pesquisa “Inclusão Escolar: teorias e práticas do ensino e da aprendizagem do aluno com deficiência” (PPGEEB/CEPAE-UFG) e patrocinado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (Fapeg). Desde sua idealização, o objetivo da equipe foi buscar congregar profissionais da área da educação, pesquisadores, docentes, discentes, familiares e público em geral, interessados em socializar seus projetos e, em parceria, promover ações que visassem ao desenvolvimento cognitivo e intelectual de todos os alunos de educação básica, com e sem deficiência. Várias experiências dessa natureza vinham sendo realizadas no Brasil e no exterior e, nesse evento, alguns de seus representantes, como a pianista Lilian Meire Silva Carneiro de Mendonça, diretora do Centro de Música e Línguas (Goiânia/Goiás), o ambientalista Thiago Berto, fundador da Cidade Escola Ayni: educação e sustentabilidade (Guaporé, Rio Grande do Sul), e o Prof. José Francisco de Almeida Pacheco, criador da Escola da Ponte (São Tomé, Portugal), foram convidados a divulgar suas práticas.

Também, foram disponibilizados “Espaços de Vivência Sistêmica” em locais abertos do CEPAE/UFG e de outras instituições de educação e de cultura, onde os participantes puderam desenvolver experiências intrinsecamente conectadas aos ancestrais, à natureza e à espiritualidade, como forma de congregar, disseminar e estender esses ideais a toda comunidade interna e externa ao CEPAE. A equipe do FNEEBT buscou parceiros e, com eles, programou atividades ligadas às artes populares, ao teatro, à leitura, ao cinema, à dança, à música, aos esportes, ao autoconhecimento, à ecologia, às ciências, entre outros, tais como: Alumiar - cinema e criação!; Pedagogia do Circo Social; Contação de Histórias e Brinquedos Cantados; Espaço/Tempo na Escola; Tecnologias Assistivas; Libras em uma abordagem discursiva; Pedagogia da Luta Escolar; Teatro Destinatário; Percepção Ambiental, Música e Desenvolvimento da Inteligência; Biodança; Aprendendo com os pássaros; Escola Resíduo Zero; Hora do Conto em Libras; Movimento Nós+Árvores; Projeto Fuxico; Projeto Revoadas; Teatro do Oprimido; Banda Vida Seca: lixo ritmado, batuque reciclado; Dança Circular Sagrada; Constelação Familiar e Escolar; Horta Medicinal; Gaia Mais; Movimento Phanchay: meditações nas escolas; Ponto de Leitura; Projeto Agrofloresta; Vôlei Sentado; RIEC - práticas pedagógicas inovadoras, entre outras.

Coube à Equipe de Apoio constituída por alunos dos ensinos fundamental e médio do CEPAE, bolsistas da Pró-reitoria de Extensão e Cultura (Probec, Proec - UFG) e de Iniciação Científica da Pró-reitoria de Pesquisa e Inovação (Pibic/EM, PIBIC/EF - PRPI/UFG), a importante responsabilidade de coordenar todas as Rodas de Conversa e Diálogos Abertos do evento, o que possibilitou um ampliado fórum de debates em um ambiente de participação e decisão de todos. Ainda, foram apresentadas as produções científico-culturais de colegas de outras instituições, que ficaram reunidas nos Anais do I FNEEBT (<https://forumescolaparatodos.com.br/anais/>) em forma de resumos simples e relatos de experiências; e de docentes e mestrandos do PPGEEB/CEPAE/UFG, que tiveram suas pesquisas publicadas no volume I da Coletânea "Educação Básica Para Todos!" (<https://forumescolaparatodos.com.br/e-books/>).

Mas, afinal, por que um Fórum de "Educação Básica para Todos" e não simplesmente de "Educação Inclusiva"? Responder à questão a partir das exposições e discussões feitas pelos integrantes de nosso grupo de pesquisa foi exatamente o objetivo da publicação desse primeiro volume da Coletânea, em seus doze artigos divididos em quatro capítulos. Formulado no campo da psicanálise de Sigmund Freud (1995) e Jacques Lacan (1996), o conceito de subjetividade e as implicações advindas da submissão do sujeito ao Inconsciente orientam a adoção de uma postura respeitosa às propostas educacionais fundadas na ética, sejam elas denominadas tradicionais, confessionais, progressistas, inovadoras, criativas ou outras.

Esse posicionamento sustenta as argumentações de que: 1) a instituição escolar é um sistema emaranhado de contradições, em constante transformação, cujos sujeitos que a constituem, em seus fazeres diários, buscam freneticamente (cor)responder aos seus próprios desejos e, em sendo assim, é imprescindível que haja diversificadas propostas de escolas com as quais os diferentes sujeitos possam se identificar; 2) se escolas são instituições constituídas de pessoas singularmente plurais, os efeitos que a educação formal pode causar nesses sujeitos marcados pelo desejo do Inconsciente não estão dados a priori.

Dessas questões e de suas consequências, tratam com mais vagar os textos "Escola de Educação Básica "para todos", por quê?", "Que escola é essa?", "Palavras, para todos, em Paulo Freire – opressão e (des)conhecimento da realidade" e "Pedagogia da Ocupação (e ocupação da Pedagogia): as escolas ocupadas e suas práticas de educação democrática no Ensino Básico". Sem classificar, desqualificar ou rotular pejorativamente qualquer instituição educacional existente, o valioso legado de Paulo Freire em suas diversificadas obras, consubstanciado no conceito de conscientização como construção dialógica, é trazido ao debate para problematizar a inclusão escolar e analisar experiências que, despidas de certezas, se movimentam com coragem, preenchidas por visões ampliadas do sentido de democracia e assentadas na proposta de ler os sinais do futuro, no presente, e de cultivar o que já existe de promissor.

Assim delineado, o processo educativo apresenta-se como algo imprevisível, sem garantias de causas e efeitos semelhantes em todos os sujeitos; e auto-organizável, obedecendo a uma ordem própria dentro da própria desordem. E uma das consequências que isso acarreta é a impossibilidade de se pensar uma escola com métodos, conteúdos, tempos e avaliações únicos que sejam capazes de atender à pluralidade de expectativas e transformações dos sujeitos que a constituem.

Sob o escopo da psicanálise, o sujeito não tem garantias de que seu objetivo de ensinar e/ou de aprender será alcançado, pois os resultados desse movimento não dependem apenas de vontade

de e ação conscientes, mas de nuances submetidas ao desejo do Inconsciente. Sendo assim, resta ao professor-sujeito do desejo renunciar à ilusão de que métodos de ensino adequados e/ou conteúdos inquestionáveis garantirão a almejada escolarização para todos, e apenas colocar o seu suposto conhecimento a serviço do aluno-sujeito. E este, ansioso por se fazer dizer, por se fazer representar nas palavras e nos objetos de sua cultura, acabará se identificando com o que lhe diz respeito dessa oferta, e, à medida que participar de diferentes vivências, traçará outros caminhos, vislumbrará novos horizontes e, de modo singular, seguirá na eterna busca por respostas criativas aos problemas expostos por suas realidades.

O princípio que orienta esta postura pedagógica parte do entendimento de que o raciocínio se configura em um objeto dinâmico e ao mesmo tempo organizado; de que esse processo se dá em uma relação complexa, inusitada e contingencial; e de que a organização dessa estrutura só acontece imersa em um processo real, dentro e fora dos muros escolares. Em outras palavras, tem a ver com a compreensão de que a cognição depende de inúmeros fatores que atuam como uma força que perturba uma situação estável e que provoca os movimentos, as transformações no próprio sujeito.

Isso implica reconhecer que, devido à ação de qualquer força (metodologia, estratégia ou técnica), esse complexo sistema entra em estado de desequilíbrio e, pela ação dirigida em sentido inverso, restabelece o estado de equilíbrio, fazendo com que, embora semelhantes, os resultados desses movimentos nunca sejam idênticos. Essa compreensão direciona à conclusão de que para aprender e ensinar basta que a zona estável do sistema do sujeito seja perturbada e, logo, que os efeitos significativos nesse/desse processo sejam gerados.

É nesse sentido que os textos “Atendimento Escolar de Educação Básica Diferenciado: aprendizado para todos!” e “Prática Bilíngue com Surdos: ensino/transmissão” analisam e discutem algumas experiências de formação, demonstrando que outra lógica de organizar e vivenciar a educação formal é possível: a que considera os diversos saberes criados e usados pela humanidade, para dar sentido à vida, enriquecer a existência e promover o autoconhecimento. Nessa direção, a Escola de Educação Básica para Todos, democrática e plural, tem a ver com um sistema cujas propostas se fundamentam no reconhecimento de que todo o mundo vivo é feito de totalidades, que suas propriedades essenciais formam um todo que nenhuma das partes isoladas tem, e que, seja de forma física ou conceitual, se separadas de seus elementos, suas propriedades são destruídas. Assim, devido ao fato de todos os sistemas vivos compartilharem um conjunto de propriedades e princípios de organização comuns, sua postura sistêmica torna-se eminentemente multidisciplinar.

Aproximar-se dessas realidades atento aos seus efeitos e lançando mão de alguns recursos de análise já elaborados teoricamente pela academia é comprometer-se com um saber sempre atualizado, revisto, redefinido. É perceber-se, ainda, incrustado neste saber. É sentir-se, também, responsável por seu desenvolvimento. A tarefa da ciência é, pois, propiciar que reine o bom senso, que toda decisão sobre o saber e em face do que fazer seja pautada na capacidade humana de adivinhar, de desconfiar, de duvidar, de se inquietar diante da historicidade do próprio saber.

Enfim, quando o sistema escolar reconhece que a natureza humana deve orientar sua história para a autonomia e a responsabilidade, o processo de ensinar e aprender assume uma postura de investigação, de experimentação dialética intensa de leitura com o mundo, com o discurso, com o diálogo. Essa relação dialógica refere-se a uma leitura, uma identificação, uma definição cada vez mais

adensada do mundo, de seu contexto singular, particular, e de sua implicação universal, sistêmica; ou seja, é uma forma pedagógica de falar com o outro.

E para explicar a relevância da ligação do sujeito com seus ancestrais e as nefastas consequências desse rompimento para sua vida escolar, o texto “Educação Sistêmica: uma conexão entre sistema familiar e aprendizagem na escola” apresenta e discute exemplos de atividades terapêuticas fenomenológicas desenvolvidas em ambiente escolar formal, cujo objetivo é propiciar experiências de retorno ao campo sistêmico familiar original. As análises apresentadas demonstram como essas vivências sistêmicas reverberam positivamente em todo o processo educacional, pois tratam do nó-dulo que causa a transgressão da ordem do amor e que gera sofrimento e/ou sobrecarga de função, para um ou mais membros do complexo sistema familiar.

Diante dessas formulações, nos sete eventos seguintes, a equipe buscou compreender ainda mais profundamente qual é o compromisso da educação para todos ante as legítimas lutas pela inclusão escolar, não apenas em relação ao capacitismo, mas também a questões de gênero, etnia, raça, cor, credo e outras. E, ainda, como tradição, anualmente, passou a preparar, publicar e fazer o lançamento de volumes da Coletânea “Escola de Educação Básica para Todos”, como forma de divulgar os projetos de pesquisa, de extensão e de ensino desenvolvidos pelos docentes e discentes das dez escolas parceiras do Fórum, bem como por outros colegas de instituições educacionais brasileiras e do exterior, simpatizantes da proposta. Até o final de 2024, foram disponibilizados quatorze e-books que podem ser acessados pelo link: <https://forumescolaparatodos.com.br/e-books/>. Também, os Anais com a programação completa e detalhada, e links de acesso às atividades dos eventos não presenciais realizados a partir de 2021, podem ser acessados na página virtual do FNEEB, pelo link: <https://forumescolaparatodos.com.br/anais/>.

No II FNEEBT, essas pautas foram tratadas sob a égide de uma visão sistêmica assentada nos pressupostos da complexidade, da instabilidade e da intersubjetividade, e tomadas em suas intrínsecas relações transcendentais e místicas com a natureza terrena e o universo cósmico. Para ampliar essa compreensão, foram convidados para apresentar e analisar referências teóricas e empíricas da aproximação entre os conceitos da física quântica e as concepções espiritualistas do mundo oriental (Capra, 2011) os autores de obras correlatas Maria José Esteves de Vasconcellos (São Paulo) e Samuel Gomes (Belo Horizonte) que, em termos gerais, propuseram um diálogo que não deslegitimou a característica laica da instituição escolar formal, mas o reconhecimento e contextualização da espiritualidade existente em cada sujeito que, consequentemente, reverbera em todas as relações existenciais.

O III Fórum integrou centenas de pessoas em cinco grandes rodas de conversa, seis mesas-redondas, três painéis, sete vivências sistêmicas, uma exibição audiovisual, uma encenação literária, um concerto de flautas, um espetáculo musical, uma mostra de fotos e o lançamento de três livros com textos escritos, filmados e fotografados por pesquisadores, professores do Rio de Janeiro, Mato Grosso do Sul e Goiás. O objetivo central foi problematizar a adoção da escrita alfabética como única forma de produzir e divulgar o conhecimento científico; afinal, o que dizer daqueles sujeitos com e sem deficiências que não se valem, exclusivamente, da palavra escrita ou falada para veicular suas ideias, argumentações e elaborações, e que lançam mão de outras linguagens, como as visual, audiovisual, tátil, de sinais..., para interagir com e no mundo?

Realizar o IV Fórum em 2020 foi extremamente desafiador. Devido à pandemia do Coronavírus, não foi possível promover o encontro presencialmente e pela primeira vez as atividades foram

desenvolvidas de forma remota, pelo software StreamYard, que funcionou como um estúdio virtual de onde foram transmitidas as lives compartilhadas na plataforma YouTube. A equipe chegou a pensar sobre o cancelamento do evento, mas manteve o compromisso de identificar, analisar, problematizar e propor atividades que pudessem corroborar a inserção e a permanência de todos na escola, principalmente naquele momento de pandemia mundial que agravava e escancarava ainda mais a perversa e inescrupulosa desigualdade entre irmãos. Na finalização do evento, foram realizados dois momentos de interação entre os internautas participantes e as idealizadoras dos projetos Crescendo Zen e Quantum Pedacin de Arte que, mesmo a distância, possibilitaram as experiências de meditação e de cuidados com a natureza, corroborando a transcendente religação humana com o cosmos.

Desde 2021, todos os Fóruns vêm sendo realizados virtualmente e transmitidos ao vivo pela TV UFG, em seu canal oficial no YouTube. Em sua quinta edição, para celebrar o centenário de aniversário de Paulo Freire, a equipe responsável pelos Projetos de Pesquisa “Imagem da Vida em Transição”, de Extensão “A Vida em Transição: diferentes olhares” e de Ensino “Práticas Interdisciplinares para Todos!” preparou uma programação referendada em seu legado de simplicidade, amorosidade, profundidade e atualidade de pensamento.

As Rodas de Conversa discutiram o significado do ato político de educar em tempos lúgubres: um movimento de lucidez, resistência, luta, sonho, esperança e transformação, que mira o presente e vislumbra a vida de forma estética, artística, poética, plena. A exibição de produções audiovisuais estudantis deixou à mostra a riqueza e a potencialidade dos cineclubes escolares dos sistemas público e privado de Goiás e de outros estados brasileiros. As Vivências Sistêmicas priorizaram momentos de experimentação da produção de Podcast, uma multimídia por áudio, e sua utilização em sala de aula para narrar histórias; e do uso da plataforma de design Canva para criar artes, gráficos, apresentações, pôsteres, cartazes, banners, entre outros. Durante a Matinê com Arte, foram apresentados e comentados alguns dos curtas realizados por mestrandos na disciplina “Produção Científica em Linguagem Visual e Audiovisual”, que compõem o volume VI da Coletânea Escola de Educação Básica para Todos!; e os artigos inspirados nas inúmeras obras de Freire, organizados no volume VII.

Ao VI FNEEBT foi integrado um novo evento, o I Ciclo Internacional de Debates, com novos protagonistas, mas antigas questões. Naquele 2022, devíamos estar celebrando os 200 anos da Independência do Brasil, no entanto, o que pudemos vislumbrar, em um estado quase catatônico, foi a guinada de um governo autoritário e fascista. Também, os 100 anos da Semana de Arte Moderna foi lembrada pelo viés da antropofagia, às avessas, para denunciar as manifestações artístico-culturais de alguns brasileiros que não nos representam, que não expressam nossas raízes, e que dissimulam valores e saberes que não são os nossos. E, para sobreviver lúcida e ludicamente a tudo isso, a equipe organizou todas as pautas de discussões inspiradas nas lutas encampadas e eternizadas nas obras de dois excepcionais brasileiros, Elza Soares (2022) e Lima Barreto (1922): resistência à aporofobia, à gordofobia, à lgbtqia+fobia, à invisibilização, à misoginia, à xenofobia, ao apagamento, ao capacitismo, ao classismo, ao etnocentrismo, ao patriarcalismo, ao patriotismo, ao negacionismo, ao racismo e a todos os outros ismos que insistem em nos envergonhar como povo e nação, e em nos transvestir de seres desumanos, incivilizados, insensíveis e brutalizados.

Já no VII FNEEBT / II CID, com a esperança que renasceu em nossos corações como resultado de uma incansável resiliência regada dia a dia com a retomada de políticas públicas que voltam a mirar o direito à vida, à liberdade e à segurança, pretendendo a equidade, buscamos celebrar o amor

traduzido em memória e justiça. Como forma de lutar e resistir contra todos os tipos de violência, visíveis e invisíveis, que interferem profundamente nas relações sociais, dentro e fora da escola, buscamos esclarecimentos e orientações em Rodas de Conversa, Diálogos Abertos, Ciclos de Debates e Vivências Sistêmicas compostos por representantes de povos indígenas, comunidades quilombolas, associações feministas, organizações afrodescendentes, congregações religiosas, pessoas com deficiência e outros.

Em 2024, a merecida homenagem foi para o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) no Brasil, que comemorou seus 40 anos de vida e resiliência. E, a exemplo dos anos anteriores, o VIII FNEEBT / III DIC serviu de palco para a apresentação de projetos de pesquisa, de extensão e de ensino desenvolvidos pela equipe organizadora e seus convidados, que trouxeram ao debate questões escolares em suas relações com a adolescência e suas subjetividades, com o cinema e a produção audiovisual estudantil, com as culturas periféricas locais e seus valores universais, com o sentido de inclusão traduzido em educação formal para todos e com religiosidades que causam tensões éticas, morais e políticas relativas aos gêneros e sexualidades; bem como algumas vivências artístico-culturais que de forma criativa e alterativa aformoseiam o cotidiano de instituições educacionais nacionais e internacionais.

Nesses nove preciosos anos, alguns colegas tiveram uma breve e sempre significativa passagem pelo Fórum. Outros parceiros continuam chegando e trazendo inovação, revitalização e inspiração ao grupo. Mas aqueles companheiros da primeira hora... estes sempre se mantêm: Profa. Maria Alice de Sousa Carvalho Rocha, Profa. Patrícia Maria Jesus da Silva, Profa. Ma. Mariana Cirqueira Ricardo da Silva, Profa. Márcia Cristina Machado de Oliveira, Profa. Andrea Hayasaki Vieira, Profa. Silvana Matias Freire, Profa. Fátima Cristina Silva Moraes, Profa. Mariusa Sartin, Profa. Élide Ferreira, Profa. Thaisy de Carvalho Rocha Gomes, bolsista CNPq Matheus Henrick Alves Oliveira e bolsista Proec Gustavo Henrique Gomes Barbosa.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL: FOMENTO RURAL

“Ser indígena é ter como referência primordial a relação com a terra em que nasceu ou onde se estabeleceu para fazer sua vida, seja ela uma aldeia na floresta, um vilarejo no sertão, uma comunidade de beira-rio ou uma favela nas periferias metropolitanas.”
(Viveiros de Castro)

Em 30 de janeiro de 2023, o presidente Lula assinou o Decreto nº 11.405, dispondo sobre medidas para o enfrentamento da Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional e de combate ao garimpo ilegal no território Yanomami, autorizando os ministros de Estado da Defesa (MD), da Saúde (MS), do Desenvolvimento Social e Assistência Social, Família e Combate à Fome (MDS) e dos Povos Indígenas (MPI) a efetuarem requisições de bens, servidores e serviços necessários para os seus Ministérios. Várias chamadas públicas foram divulgadas e eu me interessei em concorrer a uma vaga de cessão, pois tinha grande desejo de poder contribuir com esse novo Governo que precisava de muito apoio para conseguir superar as infinitas mazelas deixadas pelo antecessor. Três possibilidades se apresentaram e a que se efetivou foi para eu trabalhar como responsável das ações de monitoramento desenvolvidas no Programa de Fomento à Inclusão Produtiva Rural da Secretaria Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional do MDS.

Assim, de maio de 2023 a fevereiro de 2024, deixei a docência no CEPAE e passei a integrar a equipe da coordenadora Claudia Regina Baddini Curralero, em Brasília. Minha primeira tarefa foi resgatar, literalmente, todas as informações relativas ao Programa, pois a gestão anterior não havia deixado qualquer vestígio sobre onde, como, quanto ou quem estava vinculado às ações. Esse Programa de transferência de renda do Governo Federal denominado Fomento às Atividades Produtivas Rurais havia sido instituído pela Lei nº 12.512, de 14 de outubro de 2011 e, no novo Governo, foi regulamentado pelo Decreto nº 11.583, de 28 de junho de 2023. Seu objetivo era articular a oferta de assistência técnica e o repasse de recursos financeiros não reembolsáveis para apoiar a estruturação produtiva de famílias rurais – agricultores, indígenas, quilombolas, entre outros povos e comunidades tradicionais inscritos no Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal (CadÚnico).

Na época, para participar do Programa, a renda mensal per capita da família não podia ultrapassar R\$ 218,00, mesma linha de pobreza adotada pelo Programa Bolsa Família. E segundo dados da Consulta, Seleção e Extração de Informações do CadÚnico (Cecad), realizada em maio de 2023, 5,7 milhões das famílias cadastradas moravam no meio rural (22% do total de famílias pobres) e, dessas, 5,1 milhões (90%) eram extremamente pobres (renda per capita até R\$ 109,00). As famílias quilombolas somavam 234 mil e as indígenas, 171 mil, estando 90% delas em situação de extrema pobreza. Além disso, cerca de 4,2 milhões do total de responsáveis pelas famílias cadastradas no Cadastro Único eram mulheres.

E, diante desses dados, o que o Governo Federal demandava dessa Secretaria era que o Programa Fomento Rural buscasse meios de reduzir a vulnerabilidade das famílias em situação de extrema pobreza, ampliar sua segurança alimentar nutricional, aumentar sua renda e seu patrimônio produtivo, permitir o desenvolvimento de sua capacidade produtiva e incentivar a sua busca e seu acesso a outras políticas públicas. Para isso, não era necessário o Programa restringir o uso do benefício no valor de R\$ 4.600,00 à implantação e/ou implementação de projetos produtivos em atividades apenas agropecuárias, mas também possibilitar que o recurso fosse utilizado em uma ampla gama de atividades produtivas pelo estabelecimento familiar no campo, entendendo que áreas rurais não são meramente um lugar de produção, mas o lar da família, o local a que pertence, que lhe proporciona abrigo, onde vive e suas crianças crescem.

Depois de uma longa e minuciosa busca, feita via mensagem de e-mail e contato telefônico, consegui coletar e atualizar as informações necessárias e passei a cumprir a segunda demanda: organizar três encontros virtuais com os coordenadores e representantes das entidades executoras da assistência técnica rural (ATER) de todas as regiões do Brasil, cujos órgãos já haviam firmado o Acordo de Cooperação Técnica (ACT) com o Ministério, em anos anteriores. Essas reuniões aconteceram entre maio e junho de 2023, quando consegui finalmente identificar se e como as ações do Programa Fomento Rural estavam sendo realizadas; e, a partir daí, iniciar o planejamento das visitas de monitoramento, in loco, a um percentual representativo dessas famílias beneficiadas, que deveriam ocorrer entre os meses de julho e novembro do mesmo ano.

Para tanto, antes, criei o “Plano de Monitoramento - Procedimentos de Execução - Família Beneficiada”, contendo vinte questões a serem feitas às famílias, e cujas respostas contribuiriam para a elaboração de um Dossiê com a identificação e o detalhamento de cada ação. Todas as visitas só aconteceram efetivamente depois de definidos os locais que poderiam ser alcançados por via terrestre, já que o acesso dependia de conjunturas climáticas e condições das estradas, e para isso foram realizadas reuniões de acerto entre o MDS e os representantes ATER, depois de consultados os seus próprios técnicos que transitavam regularmente pelas áreas rurais, em atendimentos de assessoria às famílias.

Estabelecidos os municípios das regiões, coube ao MDS escolher aleatoriamente as famílias que deveriam ser entrevistadas e fornecer as listas de possibilidades. Mas as escolhas finais só foram feitas quando eu cheguei presencialmente a cada uma das ATER regionais e, com a ajuda de seus representantes, verifiquei quais famílias continuavam no mesmo domicílio, em que rota estavam esses endereços e quais eram os projetos produtivos desenvolvidos, de modo a viabilizar o acesso a um maior número de beneficiários e a atividades rurais diversificadas, no exíguo espaço de tempo de dois ou três dias, em cada uma das diversas viagens. Conhecer inóspitos rincões do interior do país e me deparar com distintas e inacreditáveis realidades vividas por alguns povos brasileiros foi uma experiência ímpar.

Infelizmente, devido a problemas familiares, foi preciso eu solicitar a interrupção de minha cessão, voltar a Goiânia e às atividades docentes no CEPAE, antes de realizar um outro trabalho previsto para o ano seguinte: a publicação de um livro em homenagem a todos os agricultores familiares beneficiados pelo Programa Fomento Rural, ilustrando e narrando suas lutas, suas conquistas e seus grandes feitos em prol do combate à fome e da preservação do meio ambiente no Brasil. Assim, em dezembro de 2023, entreguei à Coordenação do Programa Fomento Rural os relatórios oficiais

de todas as viagens realizadas, que se encontram arquivadas nos Processos ACT, no Sistema Eletrônico de Informações (SEI/MDS), para consulta pública; e, antes do meu retorno à UFG, em parceria com a coordenadora Cláudia (que também acabou sendo transferida do MDS para outro órgão), produzimos um pequeno recorte do material que viria a ser o livro, descrevendo e analisando os bastidores de algumas dessas visitas em artigo intitulado “Crônicas Rurais Femininas: a força da terra”, publicado no Vol. XII da Coletânea Escola de Educação Básica para Todos!¹⁶.

No entanto, apenas a exposição dessas histórias com alguns fatos ilustrados em imagens não parece ser suficiente para expressar a emoção e a potência que cada narrativa trazida pelas mulheres do campo visitadas e entrevistadas é capaz de causar em quem vai até o seu encontro, observa seu dia a dia e respira o frescor de suas sinceras, singelas e singulares vivências. Trata-se de experiências cheias de verdade, traduzidas em expressões naturais, com tanta autenticidade que causam rubor, de vergonha mesmo, pela inútil preocupação que nós, urbanos, mantemos em relação ao que não vale a pena, com o que não agrega ao “bem viver”. Como nós, ditos civilizados e modernos, ainda não conseguimos apreender a grandeza de suas existências, pessoas do campo? Dessa breve e honrosa experiência oportunizada pela cessão da UFG ao MDS, o que fica ressoando em mim a cada lembrança que retorna é “perdão!” por tanta ignorância, “gratidão” por me mostrar como ver e “paciência”, pois não desisto de seguir tentando. Afinal, com Darcy Ribeiro, também aprendi!

Havemos de florescer como a mais bela nação! Não sou bom no sentido cristão, de bondade caridosa. Essa de contentar-se em dar uma escolinha boa ou uma sopa para os famintos. Odeio essa postura dadivosa, que só serve para consolar os culpados da ignorância e da pobreza generalizadas. Quero é fartura para todos comerem, para crescerem sadios e manterem seus corpos. Quero é boas escolas, para a criançada toda, custe o que custar, porque não há nada mais caro que o suceder de gerações marginalizadas pela ignorância. Quero é lotear essa metade do Brasil possuída pelos fazendeiros que nunca plantaram, nem pretendem plantar, para entregá-la em milhões de fazendinhas familiares à gente que se estiola desempregada e decaída na pobreza e na criminalidade. Encanta-me sonhar com o que seria a Amazônia, com a mata devolvida aos caboclos, que são o povo da floresta, para ali se assentarem tão sabiamente como os franceses se assentam na França para produzir queijo de cabra e vinho (Ribeiro, 1997, p. 525-526).

• Referência

RIBEIRO, D. **Confissões**. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

¹⁶ CURRALERO, C.; MESQUITA, D. Crônicas Rurais Femininas: a força da terra. In: MESQUITA, D.; ROCHA, M.; GOMES, T. (org.). **Escola de Educação Básica para Todos!** Volume XII. Goiânia: Cegraf UFG, 2024, p. 149-183. Acesso para leitura integral do artigo: https://forum.mescolaparatodos.com.br/wp-content/uploads/2024/09/Escola_de_Educacao_Basica_para_Todos_Vol._XII1.pdf

PUBLICAÇÕES

*“Darcy não fez outra coisa na vida senão “deseducar”,
o que, segundo ele, era a única maneira de desmontar
a errada visão que as classes dominantes incutiram na
mente do povo.”*
(Ferreira Gullar)

Nesta seção, disponibilizo as referências de acesso integral a alguns artigos, capítulos de livros e apresentações de obras organizadas por mim e/ou em coautoria, cujas publicações exemplificam os trabalhos de investigação e de prática que considero mais representativos de minha vida acadêmica, desde que ingressei no ensino superior, primeiro como professora universitária na UCG e depois como docente de educação básica no CEPAE/UFG.

Na parte A, encontram-se três artigos que foram publicados com o objetivo de descrever as metodologias das pesquisas e as análises dos dados coletados durante a minha Formação *Stricto Sensu*. Os textos que compõem as demais partes desta seção se apresentam como reflexo dessas três investigações, pois seus resultados seguem suscitando problematizações que provocam o desenvolvimento de novos estudos e inspiram a realização de ininterruptos projetos de ensino e de extensão.

Para exemplificar algumas das Atividades de Ensino realizadas (Parte B), selecionei artigos que apresentam o desenvolvimento de disciplinas ministradas no Núcleo Básico Regular de Ensino Fundamental, de forma interdisciplinar no Ensino Remoto Emergencial, como optativa no Núcleo Livre de graduação, e como obrigatória no PPGEEB/CEPAE/UFG.

Os artigos reunidos na Parte C expõem o resultado de uma monografia de Trabalho de Conclusão de Ensino Médio (TECEM) e de uma dissertação de mestrado, ambas orientadas por mim e relacionadas ao grupo de pesquisa sobre questões de inclusão escolar. Os que se seguem são as Apresentações de dois volumes da Coletânea Escola de Educação Básica para Todos!, organizados em coautoria, com o objetivo de divulgar os trabalhos realizados pela nossa equipe que pesquisa a produção científica em diferentes linguagens e as escolas plurais em Goiás, sob a minha coordenação.

A Parte D é dedicada a Vivências de Extensão que integram não somente atividades desenvolvidas em parceria com escolas de educação básica brasileiras, mas também com uma associação internacional que promove o cineclubismo escolar e apoia a produção de cinema estudantil. São textos de Apresentação de outros volumes da mesma Coletânea, organizados com o objetivo de divulgar as ações realizadas pelos participantes dos Projetos “Olhares Singulares sob/re Novos Cenários” e “Churinga, Memória e Produção Textual: resgate de histórias, mitos e lendas que compõem o coração de culturas”, também coordenados por mim.

FORMAÇÃO *STRICTO SENSU*

1. Mestrado: Educação Escolar Brasileira - PPGEEB/UFG

Dissertação: Inglês: língua franca na sociedade global

Orientação: Profa. Dra. Anita Cristina Azevedo Resende

Artigo publicado na Revista Polifonia, vol. 13. Cuiabá: UFMT, p. 45-58, 2007.

SOCIEDADE GLOBAL, ENGLISHES E BILINGUISMO GLOCAL

Deise Nanci de Castro Mesquita

Heloísa Augusta Brito de Mello

2. Doutorado: Letras e Linguística - PPGLL/UFG

Tese: Estágio e Ensino e Aprendizagem de Inglês na Licenciatura em Letras

Orientação: Profa. Dra. Maria Cristina Faria Dalacorte Ferreira

Coorientação: Profa. Dra. Silvia Lucia Bigonjal Braggio

Artigo publicado na Revista Signótica, v. 21, n. 2, jul./dez. Goiânia: PPGLL/UFG, p. 261-278, 2009.

ESTÁGIO CURRICULAR: A PESQUISA COMO CAMPO DE CONHECIMENTO E FORMAÇÃO DO-CENTE EM LÍNGUA ESTRANGEIRA

Deise Nanci de Castro Mesquita

3. Pós-doutorado: Letras Vernáculas - PPGLV/UFRJ

Pesquisa: Narrativas Moçambicanas e o Mundo do Trabalho: identificação de uma concepção sistêmica de formação profissional para jovens em situação de vulnerabilidade

Supervisão: Profa. Dra. Carnen Lucia Tindo Secco

Artigo publicado na Coletânea Escola de Educação Básica para Todos!, vol. 3. Goiânia: Espaço Acadêmico, p. 12-45, 2019.

LITERATURA, PEDAGOGIA DECOLONIAL E FORMAÇÃO PROFISSIONAL DE JOVENS EM AL-DEIAS DE MOÇAMBIQUE

Deise Nanci de Castro Mesquita

ATIVIDADES DE ENSINO

1. Disciplina Regular do Núcleo Básico “Língua Portuguesa - 8º ano do Ensino Fundamental”

Artigo: MESQUITA, D. Projeto Acadêmico no Ensino Fundamental de Educação Básica: letramento em língua portuguesa. In: MESQUITA, D.; NETA, S. (org.) Escola de Educação Básica para todos! Vol. II. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, p. 187-201, 2018.

2. Disciplina Interdisciplinar no Ensino Remoto Emergencial “História e Língua Portuguesa”

Artigo: MESQUITA, D.; SANTOS, G. Etnocentrismo, Racismo, História e Cultura: uma perspectiva de educação básica para os direitos humanos. In: MESQUITA, D.; FERNANDES, F.; SANTOS, G. (org.). Escola de Educação Básica para Todos! Vol. XI. Goiânia: Cegraf UFG, p. 28-44, 2023.

3. Disciplina do Núcleo Livre “Saberes Audiovisuais Colaborativos”

Artigo: MESQUITA, D.; SATLER, L.; ROCHA, M. Divulgação Científica em Linguagem Audiovisual. In: MESQUITA, D.; SATLER, L.; FREIRE, S. (org.) Escola de Educação Básica para Todos!: vol. IX. Goiânia: Cegraf UFG, p. 11-27, 2022.

4. Disciplina Obrigatória PPGEEB/CEPAE/UFG: “Organização de Contextos de Educação Escolar”

Artigo: MESQUITA, D.; FARIA, K.; FREIRE, S. Saberes Silenciados e Lugar de Escuta. In: MESQUITA, D.; SATLER, L.; FREIRE, S. (org.). Escola de Educação Básica para Todos!: vol. IX. Goiânia: Cegraf UFG, p. 83-100, 2022.

PROJETOS DE PESQUISA

1. Projeto “Inclusão Escolar: questões teóricas e práticas de ensino aprendizagem do aluno com deficiência na educação básica”

Orientação: Trabalho de Conclusão do Ensino Médio

Título: A Tendência Educacional Positivista em Contraste com a Formação Humana

Artigo: D’ABREU, T.; MESQUITA, D. Visão Sistêmica na Educação Básica: uma proposta de inclusão escolar. In: Revista Polyphonia, v. 32/1, p. 273-292, 2021.

2. Projeto “Inclusão Escolar: questões teóricas e práticas de ensino aprendizagem do aluno com deficiência na educação básica”

Orientação: Dissertação de Mestrado

Título: O Ensino de Libras/Português Escrito na Educação Básica: vivências com professores intérpretes

Artigo: SILVA, M.; MESQUITA, D. Ensino Discursivo e Letramento na Educação Básica: Língua Brasileira de Sinais e Português Escrito In: Revista Electrónica Leer, Escribir y Descubrir, Vol. 1. Issue 7. International Literacy Association; Florida International University, p. 22-31, 2020.

3. Projeto “Imagem da Vida em Transição”

E-book: Coletânea Escola de Educação Básica para Todos! – volume VI

Acesso: <https://forumescolaparatodos.com.br/wp-content/uploads/2021/09/volume-6.pdf>

Artigo: MESQUITA, D.; ROCHA, M.; FEIRE, S. Recordação, Repetição e Montagem: um exercício de produção científica em linguagem audiovisual. In: MESQUITA, D.; ROCHA, M.; FREIRE, S. (org.) Escola de Educação Básica para Todos! – Vol. 6. Goiânia: Cegraf UFG, p. 11-42, 2021.
Silvana Matias Freire

4. Projeto “Imagem da Vida em Transição”

E-book: Coletânea Escola de Educação Básica para Todos! – volume X

Acesso: <https://forumescolaparatodos.com.br/wp-content/uploads/2023/01/Escola-de-Educacao-Basica-para-Todos-Volume-10.pdf>

Artigo: MESQUITA, D.; GALVÃO, F. In: Produção Científica em Linguagem Artística na Educação Básica. In: Escola de Educação Básica para Todos! - Volume X. MESQUITA, D.; GALVÃO, F. (org.). Goiânia: Editora Alta Performance, p. 69-83, 2023.

5. Projeto “Escolas de Educação Básica para Todos: etnias, culturas e saberes plurais”

E-book: Escola de Educação Básica para Todos! – Volume XIII

Acesso: <https://editoraaltaperformance.com.br/produto/escola-de-educacao-basica-para-todos-volume-xiii/>

Artigo: MESQUITA, D. Escolas Plurais – uma homenagem. In: MESQUITA, D. (org.) Escola de Educação Básica para Todos! Vol. XIII. Goiânia: Editora Alta Performance, p. 6-23, 2024.

VIVÊNCIAS DE EXTENSÃO

1. Projeto “Olhares Singulares sob/re Novos Cenários”

E-book: Escola de Educação Básica para Todos! – Volume VIII

Acesso: https://files.cercomp.ufg.br/webby/up/688/o/ebook_educacaobasicaparatodosVIII.pdf

Artigo: MESQUITA, D.; ROCHA, M.; SILVA, P. A Educação do Olhar: experimentação artística estudantil. In: MESQUITA, D.; ROCHA, M.; SILVA, P. (org.). Escola de educação básica para todos!: vol. VIII, Goiânia: Cegraf UFG, p. 13-28, 2022.

2. Projeto “Olhares singulares sob/re novos cenários”

E-book: Escola de Educação Básica para Todos! – Volume XII

Acesso: https://forumescolaparatodos.com.br/wp-content/uploads/2024/09/Escola_de_Educacao_Basica_para_Todos_Vol._XII1.pdf

Artigo: MESQUITA, D. *et al.* O Lugar de Mãe: representações femininas com arte e poesia. In: MESQUITA, D.; ROCHA, M.; GOMES, T. (org.). Escola de educação básica para todos! - volume XII. Goiânia, GO: Cegraf UFG, p. 10-30, 2024.

3. Projeto “Churinga, Memória e Produção Textual: resgate de histórias, mitos e lendas que compõem o coração de culturas”

E-book: Escola de Educação Básica para todos! - Volume XIV

Acesso: https://forumescolaparatodos.com.br/wp-content/uploads/2024/12/Volume-XIV-18_12_24.pdf

Artigo: MACIEL, D.; MESQUITA, D.; ROCHA, M. Churinga, Memória e Produção Textual: resgate de histórias, mitos e lendas que compõem o coração de culturas. In: MACIEL, D.; MESQUITA, D.; ROCHA, M. (org.). Escola de Educação Básica para Todos! – Volume XIV. Goiânia: Editora Alta Performance, p. 13-36, 2024.

ESPERANÇAR

A LIÇÃO DE ANÍSIO TEIXEIRA

Invoco, agora, o nome preclaro do meu querido mestre Anísio Teixeira, a consciência mais lúcida que conheci. Trabalhei muitos anos sob as vistas e sob as luzes de Anísio. Gosto de dizer que sou seu discípulo, com reconhecido orgulho de que ele também me tinha como tal. Juntos, dedicamos inumeráveis horas a tentar entender como o Brasil consegue a façanha de criar e manter uma escola pública tão desonesta que, repelindo a maioria do seu alunado, oriundo das camadas mais pobres, se incapacita para generalizar a alfabetização. Compele deste modo a maioria dos brasileiros à triste condição de marginalizados culturais de nossa civilização letrada. (...) Nas últimas décadas, nossa população que era majoritariamente rural passou a ser majoritariamente urbana. São compelidos a integrar a cultura urbana que é essencialmente letrada, mas encontram vedada a única porta de acesso a ela, que é a escola. Cria-se assim uma massa imensa de analfabetos que são inadaptados culturais e marginalizados sociais porque perderam sua cultura original sem ter acesso à cultura nova. Darcy Ribeiro (2008, p. 77; 80).

EXÉQUIAS A GLAUBER ROCHA

Sim, um dia floriu um gênio aqui. Aqui, neste país, ele viveu sua breve vida, sem pele, com a carne viva. Um dia ele me procurou e passou uma manhã inteira chorando. Glauber chorava a dor que todos nós devíamos chorar, a dor de todos os brasileiros. A dor de ver crianças com fome. A dor por este país que não deu certo. Glauber chorava a brutalidade, a violência, a estupidez, a mediocridade, a tortura. Chorava, chorava, chorava. Os filmes de Gluaber são isso. É um lamento, um grito, um berro. Essa é a herança que fica de Glauber para nós. Indignado com o mundo tal qual é. Indignado porque mais do que nós podia ver o mundo que vai ser, que há de ser. Glauber viveu entre a esperança e o desespero, frequentemente tido com um louco, como um pêndulo louco, porque era um pêndulo, a esperança desesperada, porque se agarrou a tudo que pudesse dar alguma coisa. (...) E aqui estamos hoje para dizer a você que sua herança nós tomamos com as duas mãos e o coração. Glauber, sua herança da indignação com o país que é, sua indignação total com toda a dor necessária, com toda fome dispensável, essa indignação, Glauber, nós herdamos para tentar passar esse mundo a limpo. Você me disse uma vez que não tinha importância tanto fracasso, tanta dor, porque havia muito tempo. Não houve tempo para você. Para nós, sobra um pouco, vamos usá-lo com a dignidade imensa como você usou o seu, sem a sua criatividade, Glauber, porque essa é única e é de hoje em diante o orgulho deste povo. Darcy Ribeiro (2008, p. 97-98).

ESPERANÇA

No canhoiro
um galagala hesita
a cabeça azul,

Nos roxos sótãos do crepúsculo
a aranha vai fiando

*sua capulana de teia.
E nós?
Ah, nós esperamos
na euforia das costas suadas
que o sol do vexame acumulado
deflagre.*
José Craveirinha (1982, p. 31)

- **Referência**

CRAVEIRINHA, J. **Karingana ua Karingana**. Lisboa: Edições 70, 1982.

RIBEIRO, D. **Utopia Brasil**. (organização Isa Grinspum Ferraz). São Paulo: Hedra, 2008.

REFERÊNCIAS

CURRALERO, C.; MESQUITA, D. Crônicas Rurais Femininas: a força da terra. In: MESQUITA, D.; ROCHA, M.; GOMES, T. (org.). **Escola de Educação Básica para Todos!** - volume XII. Goiânia: Cegraf UFG, 2024.

D'ABREU, T.; MESQUITA, D. Visão Sistêmica na Educação Básica: uma proposta de inclusão escolar. **Revista Polyphonía**, v. 32/1, p. 273-292, 2021.

MACIEL, D.; MESQUITA, D.; ROCHA, M. Churinga, Memória e Produção Textual: resgate de histórias, mitos e lendas que compõem o coração de culturas. In: MACIEL, D.; MESQUITA, D.; ROCHA, M. (org.). **Escola de Educação Básica para Todos!** – Volume XIV. Goiânia: Editora Alta Performance, 2024.

MESQUITA, D. Inglês: língua franca na sociedade global. In: **INTER-AÇÃO**, da Revista da Faculdade de Educação, UFG, v. 1, n. 1, 1975. Goiânia: Editora da UFG, 1975, v. 21, n. 1/2, p. 163-188, jan./dez. 1997.

MESQUITA, D. Estágio Curricular: a pesquisa como campo de conhecimento e formação docente em língua estrangeira. **Revista Signótica**, Goiânia: PPGLL/UFG, v. 21, n. 2, p. 261-278, jul./dez. 2009.

MESQUITA, D. Teoria, Prática, Estágio Supervisionado e Formação Docente. **Polyphonía**, v. 21/1, p. 21-37, 2010.

MESQUITA, D. Mediação Pedagógica, Leitura e Escrita na Escolarização Básica. In: BORTONI-RICARDO, S. (org.). **Leitura e Mediação Pedagógica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

MESQUITA, D. Projeto Acadêmico no Ensino Fundamental de Educação Básica: letramento em língua portuguesa. In: MESQUITA, D. (org.) **Escola de Educação Básica para todos!** Vol. II. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2018.

MESQUITA, D. (org.). **CEPAE/UFG** - 50 anos de história. Goiânia: Gráfica UFG, 2018.

MESQUITA, D. Literatura, Pedagogia Decolonial e Formação Profissional de Jovens em Aldeias de Moçambique. In: MESQUITA, D.; NETA, S. (org.) **Escola de Educação Básica para Todos!** vol. III. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2019.

MESQUITA, D. Escolas Plurais – uma homenagem. In: MESQUITA, D. (org.) **Escola de Educação Básica para Todos!** Vol. XIII. Goiânia: Editora Alta Performance, 2024.

MESQUITA, D. *et al.* Dossiê "Inclusão: todos na escola de educação básica! **Revista Polyphonía**, v. 28 n. 1, 2017.

MESQUITA, D. *et al.* O Lugar de Mãe: representações femininas com arte e poesia. In: MESQUITA, D.; ROCHA, M.; GOMES, T. (org.). **Escola de educação básica para todos!** - volume XII. Goiânia, GO: Cegraf UFG, 2024.

MESQUITA, D.; FARIA, K.; FREIRE, S. Saberes Silenciados e Lugar de Escuta. In: MESQUITA, D.; SATLER, L.; FREIRE, S. (org.). **Escola de Educação Básica para Todos!**: vol. IX. Goiânia: Cegraf UFG, 2022.

MESQUITA, D.; FONSECA, G. (org.). Mestrado Profissional, Pesquisa Aplicada e Educação Básica: uma relação intrinsecamente social. **Polyphonía**, Goiânia, v. 24, n. 2, 2013.

MESQUITA, D.; FREIRE, S. (org.) Inclusão escolar: olhares especiais. **Revista Polyphonía**, Goiânia, v. 22, n. 1, 2012.

MESQUITA, D.; GALVÃO, F. Produção Científica em Linguagem Artística na Educação Básica. In: MESQUITA, D.; GALVÃO, F. (org.). **Escola de Educação Básica para Todos!** - Volume X. Goiânia: Editora Alta Performance, 2023.

MESQUITA, D.; MELLO, H. Sociedade Global, Englishes e Bilinguismo Glocal. **Revista Polifonia**, Cuiabá: UFMT, v. 13, p. 45-58, 2007.

MESQUITA, D., OLIVEIRA, I.; FARIA, V. (org.). Produtos da Pesquisa Acadêmica e Aplicada do Mestrado Profissional da Área de Ensino: cenário atual. **Polyphonía**, Goiânia, v. 25, n. 2, 2014.

MESQUITA, D.; ROCHA, M.; FREIRE, S. Recordação, Repetição e Montagem: um exercício de produção científica em linguagem audiovisual. In: MESQUITA, D.; ROCHA, M.; FREIRE, S. (org.). **Escola de Educação Básica para Todos!** – Vol. 6. Goiânia: Cegraf UFG, 2021.

MESQUITA, D.; ROCHA, M.; SILVA, P. A Educação do Olhar: experimentação artística estudantil. In: MESQUITA, D.; ROCHA, M.; SILVA, P. (org.). **Escola de educação básica para todos!**: vol. VIII, Goiânia: Cegraf UFG, 2022.

MESQUITA, D.; SANTOS, G. Etnocentrismo, Racismo, História e Cultura: uma perspectiva de educação básica para os direitos humanos. In: MESQUITA, D.; FERNANDES, F.; SANTOS, G. (org.). **Escola de Educação Básica para Todos!** Vol. XI. Goiânia: Cegraf UFG, 2023.

MESQUITA, D.; SATLER, L.; ROCHA, M. Divulgação Científica em Linguagem Audiovisual. In: MESQUITA, D., SATLER, L.; FREIRE, S. (org.) **Escola de Educação Básica para Todos!**: vol. IX. Goiânia: Cegraf UFG, 2022.

NASCIMENTO, D. Pesquisa-ação integral e sistêmica: estágio supervisionado e ensino-aprendizagem de inglês na Licenciatura em Letras da UCG. In: RODRIGUES, M. A. *et al.* **Pesquisa em Linguagem I: métodos de abordagem linguísticas e literárias**. Goiânia: Editora UCG, 2009.

SILVA, M.; MESQUITA, D. Ensino Discursivo e Letramento na Educação Básica: Língua Brasileira de Sinais e Português Escrito. **Revista Electrónica Leer, Escribir y Descubrir**. Vol. 1. Issue 7. International Literacy Association; Florida International University, 2020, p. 22-31.

SOUZA, A.; MESQUITA, D. Trissomia, Leitura, Escrita e Inclusão na Escolarização Básica. **Rivelli**, v. 2, n. 2, p. 103-112, 2010.

Parte II

EDUCAÇÃO, PARA QUÊ?

Presidir a banca de Titularidade da colega Maria Alice de Sousa Carvalho Rocha, composta pelos professores Janaína dos Reis Rosado, José da Silva Ribeiro e Luciana Soares Muniz, foi uma grande honra. Mas poder desfrutar de sua parceria em inúmeros trabalhos desenvolvidos no Cepae foi um privilégio ainda maior!

A vida profissional tem dessas coisas: junta pessoas com afinidades e faz com que, ao fim e ao cabo, pelas identificações, causas, objetivos, propósitos... elas se tornem amigas, irmãs de alma mesmo. É assim que me sinto em relação à querida companheira Maria Alice. Ela é uma pessoa ímpar, singular, de carne e osso, de verdade! E quem convive com ela pode facilmente entender toda essa minha admiração. Mas também uma pessoa que não a conhece bem, mas que lerá atentamente esse seu percurso acadêmico, perceberá a sua sensibilidade e grandeza!

A explicação, a exemplificação, a comprovação de seu percurso estão explícitas na própria proposta de articulação deste Memorial, a começar pela escolha que fez do título “A Causa da Educação”. É em função disso e para isso que Maria Alice se dedica, como professora, há quase quatro décadas: buscar suas próprias respostas sobre o para que educar? Afinal, a psicanálise freudiana desde sempre a alertou: Cautela! Não é para os outros, mas para si mesmo, que são feitas questões e buscadas respostas. E as que Maria Alice vem desvelando em sua trajetória encontram-se submersas, entrelaçadas em teias metaforonímicas, transvestidas em projetos de ensino, de pesquisa, de extensão... em dezenas de produções audiovisuais; apenas alguns expostos neste Memorial.

A minha sucintez nesta apresentação não é por falta de palavras, disposição ou argumentos. É, simplesmente, em função de algo que também aprendi com Maria Alice: não há muito o que acrescentar àquilo que já está no “não dito”. Melhor ouvir, refletir e, cada um a seu tempo, deixar-se abstrair e perceber a essência das coisas, sempre efêmeras. Afinal, ao óbvio, impreterivelmente, não cabe discussão. O sucesso, sempre, é ilusão. As respostas definitivas, indubitavelmente, são traiçoeiras. Até a hegemonia, supostamente preponderante, só existe em função das contradições.

Assim, penso que os hiatos de minha escrita poderão ser adequadamente recheados pelo poema Linha Reta, de Fernando Pessoa, pois de forma simbólica seus questionamentos são as respostas aos meus porquês do reconhecimento e da dileção por essa excepcional criatura humana, Maria Alice.

Linha Reta

Nunca conheci quem tivesse levado porrada

Todos os meus conhecidos têm sido campeões em tudo

E eu, tantas vezes reles, tantas vezes porco, tantas vezes vil

Eu tantas vezes irresponsavelmente parasita

Indesculpavelmente sujo

Eu, que tantas vezes não tenho tido paciência para tomar banho

Eu, que tantas vezes tenho sido ridículo, absurdo, absurdo

*Que tenho enrolado os pés publicamente nos tapetes das etiquetas
Que tenho sido grotesco, mesquinho, submisso e arrogante
Que tenho sofrido enxovalhos e calado
Que quando não tenho calado, tenho sido mais ridículo ainda
Eu, que tenho sido cômico às criadas de hotel
Eu, que tenho sentido o piscar de olhos dos moços de fretes
Eu, que tenho feito vergonhas financeiras, pedido emprestado sem pagar
Eu, que quando a hora do soco surgiu, me tenho agachado
Para fora da possibilidade do soco
Eu, que tenho sofrido a angústia das pequenas coisas ridículas
Eu verifico que não tenho par nisto tudo neste mundo
Toda a gente que eu conheço e que fala comigo
Nunca teve um ato ridículo, nunca sofreu enxovalho
Nunca foi senão príncipe - todos eles príncipes - na vida
Quem me dera ouvir de alguém a voz humana
Que confessasse não um pecado, mas uma infâmia
Que contasse, não uma violência, mas uma cobardia
Não, são todos o ideal, se os oiço e me falam
Quem há neste largo mundo que me confesse que uma vez foi vil
Ó príncipes, meus irmãos
Então sou só eu que é vil e errôneo nesta terra?
Poderão as mulheres não os terem amado
Poderão ter sido traídos - mas ridículos nunca!
E eu, que tenho sido ridículo sem ter sido traído
Como posso eu falar com os meus superiores sem titubear?
Eu, que venho sido vil, literalmente vil
Vil no sentido mesquinho e infame da vileza
Argh! Estou farto de semideuses
Argh! Onde é que há gente? Onde é que há gente no mundo?*

*Eu respondo, senhor poeta!
Eu encontrei! Primeiro, no trabalho; depois, no dia a dia.
Encontrei a esposa, a mãe, a filha, a irmã, a profissional...
Uma mulher autêntica!
Uma criatura sempre advir!
Então, educação para quê? Para a vida. Simples assim!
Obrigada, querida amiga, por me ensinar tanto!
E parabéns por encerrar esse ciclo e se abrir a tantos outros!*

*Deise Mesquita
Primavera de 2025.*

MEMORIAL A CAUSA DA EDUCAÇÃO

Com gratidão,

ao meu pai, Waldemar Batista de Carvalho (*in memoriam*) e à minha mãe, Maria de Souza Carvalho (*in memoriam*), que oportunizaram meus primeiros encontros;

à minha família, pelo incentivo, apoio e carinho constantes, especialmente a Wesley Rodrigues Rocha, Sofia Carvalho Rocha e Rubens Carvalho Rocha;

à Profa. Deise Nanci de Castro Mesquita e à Profa. Sonia Maria Rodrigues, companheiras no esperar;

à Banca, composta pelos professores Cristovão Giovani Burgarelli, Deise Nanci de Castro Mesquita, Janaina Rosado, José da Silva Ribeiro, Glacy Queirós de Roure e Luciana Muniz, que trará uma leitura crítica ao meu memorial e colaborará para a melhoria de meu percurso advir;

à comunidade da Universidade Federal de Goiás, por ter possibilitado uma experiência docente dialógica e comprometida com a Educação.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1 - Inscrição ao concurso para professor na UFG
- Figura 2 - Publicação no Jornal Diário da Manhã, lançamento de livro em 1997
- Figura 3 - Frame de Ric. (1 min. Cor. Digital. GO, 2015)
- Figura 4 - Foto da Mostra Internacional de Cinema Estudantil
- Figura 5 - Card de divulgação da Mostra de Cinema Novembro Negro
- Figura 6 - Publicação de divulgação da Mostra de Cinema Ambiental
- Figura 7 - Card de divulgação da Mostra de Curtas infantis – Mercosul Audiovisual
- Figura 8 - Foto da Exibição dos curtas realizados em Melgaço do Marajó, Pará
- Figura 9 - Frame de “Ritxòkò e as Mulheres do Povo Iny” (Experimental. Cor. Digital. 5 min. GO, 2021)
- Figura 10 - Frame de “Sem Sinal” (Experimental. Cor. Digital. 5 min. GO, 2022)
- Figura 11 - Frame de “Luedji” (Experimentação. Animação. Cor. Digital. 3 Min. GO, 2021)
- Figura 12 - Frame de “Noé das Artes” (Experimental. Cor. Digital. 13 min. GO, 2021)
- Figura 13 - Card de divulgação do “Podcast Memórias Poéticas”
- Figura 14 - Capa da obra “Perguntar para conhecer: Astronomia”
- Figura 15 - Capa da obra “Perguntar para conhecer: Macaco-prego-amarelo”
- Figura 16 - Capa da obra “Memórias em diálogo: uma receita para todos os tempos”
- Figura 17 - Capa da obra “Imagens de um cotidiano - Narrativas Fotográficas e Intervenções Literárias”
- Figura 18 - Cartaz do curta “Maternidades” (Experimental. Cor. Digital. 12 min. Brasília, 2024)
- Figura 19 - Frame de “Cepae, demais!” (Experimental. Filme-carta. Cor. Digital. 15 min. GO, 2018)
- Figura 20 - Cartaz de “A Espera de Ludy” (Experimental. Animação. Cor. Digital. 3 min. GO, 2021)
- Figura 21 - Frame de “Fotografia Falada com Maria Izabel Ramos Jubé” (Experimental. Documentário Cor. Digital. 10 min. GO, 2025)

A CAUSA DA EDUCAÇÃO

- **Inconsciente, Linguagem e Formação**

Este memorial pretende celebrar, principalmente, os encontros realizados durante o trabalho que venho desenvolvendo como docente de Educação Básica, na carreira de Magistério Superior, no Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (Cepae), na Universidade Federal de Goiás (UFG), desde 1993. O título foi inspirado pelo livro *A causa das crianças*, da psicanalista francesa Françoise Dolto (2005). Lançado com a preocupação de superar a tradição “adulto-centrista” em relação à criança, a partir de uma pesquisa com dados e análises históricas, sociológicas, etnográficas, literárias e científicas, a obra é dedicada a propor um novo olhar sobre o infante. Ancorada pela defesa incondicional do sujeito do Inconsciente, articulado no campo da linguagem, a autora esboça uma série de questões relacionadas ao destino do sujeito. Uma delas quero sublinhar aqui neste texto, aquela que diz respeito à educação quando evidencia seu papel na formação das crianças, jovens e adultos.

Dolto (2005, p. 62) escreve que “para que pouco a pouco a criança possa compreender que a realidade não é exatamente como ela imagina, é necessário introduzi-la na linguagem”. Está aí o ponto como tento compreender a educação e a responsabilidade que um adulto, na função de acolher uma criança, precisa ter, seja ele pai, mãe, professor... E como introduzi-la na linguagem? Com encontros em que se possa experimentar pela palavra, pelos gestos, pelas imagens, pela escrita, de modo a criar um sentimento de pertencimento e de responsabilidade, isto é, “o sentimento de fazer parte de um tecido social pelo qual somos responsáveis: no início é familiar, em seguida estende-se às pessoas amadas e, em seguida, aos demais da sociedade” (Dolto, 2005, p. 75).

Nesse sentido, as condições para essa experiência não estão dadas, é preciso construí-las e defendê-las continuamente. Na contemporaneidade, em que o estado neoliberal se solidifica, a educação, que parece ser apenas mais um operador de mercado, pouco nos dá notícias de sua conexão com a vida humana; ao contrário. Recentemente, um colega, parceiro de vários projetos, contava-me que seu papel na escola estava se restringindo a seguir uma apostila que preparava seus alunos para fazerem as provas das avaliações externas, uma política educacional que atravessa vários governos, iniciada nos anos 90.

Outro colega, da Secretaria Estadual de Educação de Goiás, por meio de uma carta publicada e compartilhada em sua rede social, denunciava a situação de precariedade vivida nos Centros de Ensino em Período Integral (Cepi’s) da rede oficial estadual de Goiás:

Nos Cepi’s, onde hoje atuo, não há poesia: há prisão. Como disseram os próprios estudantes; “isto aqui é um semiaberto, professor”. Você aguentaria ficar trancado das 7h30 às 17h, sem direito a escolha, sem pausa verdadeira, sendo cobrado por metas inalcançáveis, tendo sua socialização punida, sua voz podada, sua subjetividade esmagada? Não há espaço para o lúdico, o erro, a experimentação, a vida. A escola virou empresa. O professor virou número. O estudante virou dado (Ronei Vieira, acesso dia 31 de maio de 2025, Instagram roneiv).

Essa centralidade, no mercado, como dizem Pipano e Migliorin (2019, p. 16):

É antes um modo de organizar a vida dos estudantes do que uma preparação do indivíduo e da comunidade para o futuro. Na verdade, a centralidade do mercado na formação é parte do esvaziamento do futuro, uma vez que a educação não deveria abandonar a multiplicidade de futuros possíveis para os indivíduos e para as comunidades, e o mercado é apenas um deles. Essa preocupação não significa negar o mercado nem desconhecer a grande potência criadora que o movimenta.

Também o Manifesto em Defesa da Educação Pública e das/os Professoras/es, publicado em abril de 2025 pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped) e outras 60 entidades, denunciou as inúmeras maneiras como vários governos estaduais e municipais vêm atuando para descumprir a garantia constituinte do direito à Educação Básica. Para isso, utilizam de várias estratégias, como o da militarização das escolas públicas, instituição de *homeschooling*, fechamento de escolas quilombolas e turmas de educação de jovens e adultos, substituição das ações pedagógicas presenciais por plataformas digitais, contratação de professores temporários, nomeações de diretoras/es por indicação política e padronizações dos processos pedagógicos via ensino apostilado.

Ademais, os dados divulgados pelo Indicador de Alfabetismo Funcional (INAF), no dia 5 de maio de 2025, apresentam que 3 em cada 10 brasileiros, entre 15 e 64 anos, ou não sabem ler e escrever ou sabem muito pouco, dificultando, por exemplo, a compreensão de pequenos textos e/ou informações de preços ou números, contabilizando 29% da população brasileira. É um número assustador, mas que adverte e representa o quanto ainda há que ser feito para se garantir uma educação de qualidade. Por isso a minha insistência, neste memorial, em pontuar a causa da educação, inicialmente a partir do título escolhido.

Em seu livro *Pedagogia do oprimido* (1987), Paulo Freire discute o quanto uma educação baseada na dialogia pode representar uma pedagogia libertadora, que permite a consciência de si e do outro, promovendo um engajamento que combata as contradições sociais e as opressões. Oportunamente, acentuo a etimologia da palavra encontro, que vem do latim, “*incontrare*”, gerando uma gama de associações bem interessantes, como “ir ao encontro de, encontrar-se com”, representando o movimento de direção a algo ou alguém, de maneira intencional ou não (Ferreira, 2010, p. 787).

Em razão disso, no Cepae, não podemos ficar desatentos. Todo o tempo precisamos defender a nossa carreira docente e a proposta pedagógica. E isso acontece pela necessidade de evocar outros sentidos à escola, tentando trazer à tona as operações radicais que um “escolar” encerra, ou seja, ter um tempo e um espaço para explorar o mundo, habitando-o e criando outras maneiras de habitá-lo (Larrosa, 2021). De acordo com Coêlho (2012, p. 22):

No mundo neoliberal, no qual vivemos, a educação, o saber, os cursos e a formação são reduzidos a mercadorias, a capital humano, à lógica da competição, do comércio de bens e serviços. Não escapam, pois, à esfera dos negócios e não há uma distinção clara e precisa entre, de um lado o público, o direito, a cultura, a educação, a saúde e, de outro, o privado, os interesses, os negócios, o dinheiro e o poder.

Essa falta de distinção entre os interesses privados e os interesses públicos, da qual fala o autor, acompanha historicamente a escola no Brasil, desde o seu nascimento até os dias atuais, com avan-

ços e retrocessos, limites e contradições. Ainda assim, a escola precisa ser defendida por muitos e sonhada por outros, pois carrega na palavra, ainda que desconhecida para muitos, o traço do mundo helênico, a *skholê*, associação semântica a um tempo livre para o homem cultivar a liberdade:

O sentido da palavra *Skholê* é o cuidado pelo inútil e desnecessário. A existência do homem permanece servil enquanto ele é premido pela necessidade. Enquanto vive única e exclusivamente no domínio do útil e do necessário, em sentido mais amplo, o homem não se apropria, isto é, não faz sua plenamente dádiva maior de ser, a liberdade criativa. Ele precisa transcender este domínio, para vir a ser o que ele é. Por isso, nada lhe é mais desnecessário: o vigor libertador da liberdade criativa, da livre criação. O ócio, em todas as suas concreções, a brincadeira, o jogo, o esporte, o culto, as artes livres e as belas artes, a amizade e o amor, a filosofia, recorda ao homem, a importância e nobreza do inútil e a necessidade do desnecessário (Fernandes, 2012, p. 48).

Na contemporaneidade, se um tempo para o homem ser e alcançar sua humanidade é quase inconcebível, imaginem para a maioria das crianças que sofrem os efeitos de condições precárias de vida? Imputadas pelas políticas econômicas e espoliadas socialmente, em termos de políticas públicas de amparo social, elas estão excluídas justamente por efeito do imperativo atual “*time is money*”. Como bem observa Paulo Freire (1987), historicamente, a escola se adequa muito mais a esse *slogan*, servindo para a manutenção de um mundo que vive para o consumo e o capital, promovendo um ensino que colabora para a passividade e a domesticação.

O vigor da *Skholê* atualizado aos tempos contemporâneos precisa ser também relacionado a uma concepção de infância, de modo a reconhecer uma criança como tal, e não de forma abstrata. Ou seja, o prefixo negativo “in” contido na etimologia da palavra infância deve ser para o João, a Kamilly, a Maria, o Wanderson e tantas outras crianças que, embora não “falem”, necessitam de um tempo para se inventar e expressar a vida concreta com seus caminhos e descaminhos. E esse tempo pode ser vivido, em parte, na escola, desde que a criança seja acolhida e tenha garantida sua permanência qualitativamente:

Depois da elaboração freudiana sobre o Inconsciente e das implicações que daí derivam, uma operação deve ser apresentada, a de que um sujeito se constitui sob o efeito da linguagem. Essa constituição se realiza subjetivamente nas relações com o Outro, isto é, com aquele que acolhe a criança e lhe transmite o “tesouro do significante”, o sentimento de pertencimento a uma linguagem, assim como a possibilidade da descoberta, imaginação, criatividade, inteligência. É na troca com seus pares que se instituem as experiências e as oportunidades de inserir-se no mundo da linguagem, das leis universais que estruturam os laços sociais (Rocha; Rodrigues, 2014, p. 1010).

Assim, ao considerar o efeito desses encontros, em um tempo de liberdade e de assujeitamento instituídos no lócus de um centro que prioriza o ensino, a extensão, a pesquisa e a inovação, combateremos as ideias cristalizadas de um discurso psiconaturalista, base da pedagogia de competências aludida anteriormente. Esta sustenta a maioria dos programas educacionais que chegam e, em parte, materializam-se no campo escolar, capazes de “erradicar a vontade de saber, bem como mitigar o medo dos adultos perante os perigos e as vicissitudes da vida – escolar ou não – junto às crianças, à medida que formula prescrições, proibições e restrições sempre justificadas” (Lajonquière, 1999, p. 37).

De acordo com Leandro Lajonquière (1999), esse discurso cria a ilusão de homogeneidade construída basicamente por uma pedagogia centrada em uma concepção biologicista e desenvolvimentista, que idealiza uma centralidade na/no criança/aluno. Com isso, minimiza as diferenças que constituem uma alteridade entre a criança e o adulto e passa a barganhar com um possível controle impedindo o ato pedagógico. De certa forma, é semelhante à discussão sobre a educação como transmissão abordada na obra de Hannah Arendt (2000). Segundo essa autora, o declínio da autoridade dos adultos, pais, mestres e alunos no mundo moderno, por exemplo, é relacionado à suposta existência de uma pretensa igualdade entre eles.

A diferença, nessas relações, ressalta a autora, é constitutiva, é ela que impulsiona a descoberta, enfim, o ato educativo, pois pressupõe a transmissão de tradições e princípios. Sem essa base, não há a construção do novo. Sobre o papel do educador, adulto, pai, professor, ela diz: “Face à criança, é como se ele fosse um representante de todos os habitantes adultos, apontando os detalhes e dizendo à criança: - Isso é o nosso mundo” (Arendt, 2000, p. 239). A autora ressalta o compromisso ético e de responsabilidade que o educador deve assumir ante essa tarefa que nada tem de natural e simples, ainda mais se considerarmos a sociedade cada vez mais informatizada, globalizada e voltada para a individualidade, como a que temos atualmente.

Assim, cada sujeito vai singularizar esses encontros no e pelo campo da cultura, pelas diferentes vias da linguagem que tenha acesso. Cada estudante da Educação Básica, Graduação, Educação Continuada, Mestrado e/ou Doutorado vai constituir esses encontros, vai dizer de sua experiência, investigar, aprender, escrever, relatar, cantar, desenhar, pintar, jogar, analisar, sistematizar, representar e criar. Enfim, irá utilizar dos dispositivos linguageiros apresentados e experienciados nos projetos educativos que terá a oportunidade de participar.

É essa compreensão de que a educação se tece na experiência com o outro, constituída pela e na linguagem, que me inspira para realizar a docência nas instituições por onde atuei: Secretaria Estadual de Educação de Goiás, Colégio Santa Clara, Secretaria Municipal de Educação de Goiânia e, nos últimos anos, no Cepae. Nesses lugares, campos privilegiados para que esses encontros aconteçam, venho colaborando para promover tal experiência.

• **Responsabilidade, Encontros e Participação**

A discussão sobre “a causa da educação” se destacou na formação que recebi, em casa, como filha de uma professora dedicada e um pai leitor que defendia a justiça social, bem como membro de uma família que valoriza a cultura e a memória. Ela se estendeu quando cursei o magistério, realizado no Instituto de Educação de Goiás, nos anos 80, e continua sendo atualizada, tensionando a realidade vivida durante todo o tempo em que estou na UFG, como estudante e como docente (Figura 1). Com ela, pude instituir os movimentos de responsabilidade, de encontros e de participação nos espaços para aprender, refletir e elaborar tanto as atividades de ensino, de pesquisa, de inovação quanto as acadêmicas e administrativas (coordenações, comissões, reuniões, bancas avaliadoras, curadorias, entre outras).

Figura 1 - Inscrição ao concurso para professor na UFG



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

INSCRIÇÃO AO CONCURSO PÚBLICO PARA PROFESSOR Auxiliar
REGIME DE DEPARTAMENTO DEAE
ÁREA/DISCIPLINA 1ª fase do Em Fun. Nº 014/92
CANDIDATO Maria Clise de Sousa Carvalho
DATA: 25/9/92 FUNCIONÁRIO: [assinatura]

Observações: 1 - Conferir dia 16/10/92 a relação das inscrições
aceitas para o concurso e tomar conhecimento do calen
dário de provas.
2 - Trazer esta Ficha de Identificação nos dias das
provas.

Fonte: Arquivo pessoal.

Foi assim que, no mesmo ano em que entrei na UFG para atuar como docente no Departamento de Estudos Aplicados à Educação, na Faculdade de Educação, composto pelos membros do *Colégio de Aplicação*, em setembro de 1993, participei ativamente do grupo de estudo, das discussões internas e dos Fóruns de Licenciatura para a criação do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (Cepae), instituído em 1994. Nesse período, havia um movimento para tornar o Departamento em um centro independente para permitir, de fato, uma ação docente baseada na aliança entre ensino, pesquisa, extensão e inovação.

Colaborei na construção do novo projeto pedagógico, o que considero uma experiência inspiradora por estimular um trabalho docente atrelado à pesquisa, visando à experimentação pedagógica e à inovação. Assumi inicialmente as disciplinas de Língua Portuguesa, História e Geografia nos Anos Iniciais e as atividades administrativas exigidas na época (comissões, reuniões de departamento, de planejamento, de estudo, de conselhos educacionais e de reuniões com a comunidade escolar). Atuei também como professora dos cursos de formação continuada realizados nas Secretarias de Educação do Estado de Goiás (Goiânia, Trindade e Córrego do Ouro), e da Cooperativa Mista Rural Vale do Javaé, no estado do Tocantins. Os cursos eram oferecidos pelo projeto *Cepae e a comunidade escolar: um diálogo entre professores*, uma ação política de incentivo à qualificação docente e à melhoria do ensino ofertado por essas instituições.

No ano de 1996, fui eleita coordenadora dos Anos Iniciais e trabalhei na equipe executiva até 1997. Esse foi o trabalho administrativo mais desafiador que assumi, pois tornava-se necessário viabilizar um processo integrador das ações do novo Cepae. Para isso, articulei e dei continuidade às várias ações para estudo, extensão, estágio e incentivo à pesquisa. Coordenei a elaboração do novo projeto político-pedagógico dos Anos Iniciais, iniciado em 1995, referenciado por uma perspectiva de ensino dialógico e interdisciplinar, de modo a favorecer a reflexão e a ação. Atuei junto à reitoria para obter a vaga para a disciplina de Artes nos Anos Iniciais e promovi a articulação com os programas de estágio, visitando e apresentando às unidades de licenciatura da UFG a potencialidade do Cepae como campo de estágio e de pesquisas participativas, voltadas à Educação Básica.

Nesse período, me dediquei à especialização *Língua Portuguesa: a palavra no contexto: leitura e produção de texto*, oferecida pela Faculdade de Letras da UFG (1995-1997). Os estudos realizados durante esse curso permitiram a escrita da monografia *O Outro na escrita da criança*, apresentada em 1997. Nela discuti sobre o papel do Outro, enquanto universo linguístico-discursivo, que orienta e produz os textos das crianças. Analisei essas produções a partir do conceito de especularidade apontado por trabalhos filiados às concepções psicanalíticas de linguagem e sujeito. O material utilizado para a análise tinha sido produzido na turma do 1º ano dos Anos Iniciais, onde atuei como professora, em 1995.

Em seguida, participei do *Projeto Escrita: Ressignificando a produção de textos*, para uma intervenção planejada no 2º ano dos Anos Iniciais, em 1997, com o objetivo de investigar o papel do texto na aquisição e desenvolvimento da escrita. Foi uma pesquisa participativa entre a Faculdade de Educação e o Cepae, com a coordenação geral da professora Sonia Xavier de Almeida Borges, e envolveu uma intervenção direta na sala de aula – o que fez com que eu deixasse a coordenação para assumir a turma do 2º ano dos Anos Iniciais. Seu objetivo era intensificar a imersão em textos orais e escritos para analisar as possibilidades de aquisição da língua padrão e as possibilidades de criação. Para isso, desenvolvemos um projeto de ensino interdisciplinar que foi finalizado com o lançamento do livro *Terra, planeta mágico*, com produções estudantis de vários gêneros textuais (Figura 2).

Em 2000, também sob orientação da professora Sonia Borges e utilizando os dados coletados desse projeto, defendi a dissertação *Sob(re) o texto: o domínio do signifiante*, na Pós-Graduação em Educação da FE/UFG. A leitura atenta dos textos freudianos, assim como as teses discutidas no campo da linguagem, pôde constituir esse trabalho e ressaltar que o encontro em sala de aula, entre professor, aluno e objeto de estudo, é submetido às leis da linguagem, sem perder de vista sua ordem imprevisível e subjetiva.

O grupo que participava dessa pesquisa continuou trabalhando em parceria e iniciou um trabalho contínuo, sob a coordenação do professor Cristóvão Giovani Burgarelli (FE/UFG), com a pesquisa *Implicações da noção de sujeito nos estudos sobre a discursividade*, com o intuito de avançar na discussão teórico-prática sobre a linguagem e seu ensino na escola. Nela, colaborei para estabelecer um programa de estudo sobre linguagem, educação e psicanálise, aberto à comunidade e promovendo por várias edições o Colóquio Linguagem e Psicanálise (fui coordenadora em 2003, 2006, 2007 e 2008). Seu objetivo principal era partilhar o que era produzido por esse grupo e convidados de outras instituições para estabelecer interlocuções com a comunidade interessada, com apresentações de trabalhos e debates.

Figura 2 - Publicação no Jornal Diário da Manhã, lançamento de livro em 1997

DIÁRIO DA MANHÃ

DMRevista

Goiânia, sábado, 22 de novembro de 1997

ANO XVIII - Nº 3705 <http://www.dm.com.br>

Estudantes lançam livro infantil

Terra, Planeta Mágico foi produzido pelos alunos do colégio e editado pela UFG

Um livro inteiramente escrito por alunos da 2ª série primária, cheio de histórias, poesias, diários, relatórios, comentários avulsos e textos informativos. Esse é o conteúdo de *Terra, Planeta Mágico*, publicação que foi lançada na II Mostra de Trabalhos Culturais e Científicos, do Colégio de Aplicação da UFG, que teve início quarta-feira e terminou ontem.

O livro é a segunda produção do projeto de pesquisa Escrita, de quatro professores da Faculdade de Educação da Universidade Federal e três universitários bolsistas. Segundo Maria Alice de Sousa Carvalho, uma das integrantes do projeto e professora da sala em que está sendo realizada a pesquisa, o objetivo é resgatar o prazer na leitura e na produção de textos nos alunos. "Pretendemos que a criança vivencie o processo da escrita sem nenhuma obrigação", explicou.

Publicado pelo Cegraf (Centro Editorial e Gráfico da UFG), *Terra, Planeta Mágico* conta com três textos de cada um dos 19 alunos da turma.

A produção teve pouquíssima interferência dos pesquisadores, que ainda estão na fase de coleta de dados. "Nos textos informativos e narrativos, o aluno era sempre quem revisava, reescrevia e dava a palavra final, os outros publicamos como vieram", disse Maria Alice. O grupo também produziu um livro artesanal chamado *Terra, terra*, só com poesias dessas crianças.

A II Mostra de Trabalhos Culturais e Científicos, além da apresentação de estandes dos alunos, ofereceu minicursos, oficinas, debates, palestras para a discussão de temas educacionais entre estudantes, professores e profissionais da área.



Livro Terra, Planeta Mágico foi produzido pelos alunos do colégio e editado pela UFG

AGORA A NOITE COMEÇA E TERMINA AQUI



O MAIOR
COMPLEXO BAR
DO CENTRO-OESTE

Palladium

Av. T-10 - próx. à Av. Mutirão

Serviço

Lançamento: *Terra, Planeta Mágico*

Autores: Alunos da 2ª Série do 1º Grau do Colégio de Aplicação da UFG

Preço: R\$ 5,00

Fonte: Arquivo pessoal.

Em seguida, outra pesquisa realizada foi o projeto integrado *Em torno da letra: escrita, leitura e transmissão*, também coordenada pelo professor Cristóvão Giovani Burgarelli (FE/UFG). Como parte da investigação desenvolvida, defendi a tese *Escrita, repetição e elaboração*, em 2011. Mais uma vez, o campo psicanalítico estudado amparou o trabalho, agora tentando tirar maiores consequências do processo de subjetivação via Inconsciente na produção escrita das crianças no ambiente escolar.

Assim sendo, após a defesa, comecei a colaborar com o Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica, ministrando as disciplinas “Fundamentos teórico-metodológicos do ensino em educação escolar”, “Organização de contextos escolares” e “Fundamentos teóricos e metodológicos do ensino na perspectiva da Psicanálise”. Essas disciplinas foram ministradas com outros colegas, priorizando o estudo de conceitos que visassem a uma análise crítica do contexto educacional, instigando novas condutas e experimentações no campo da Educação Básica. Integrei várias bancas de qualificação e defesa de dissertações e teses, seminários e acadêmicas do programa (reuniões e processos de seleção de candidatos).

Em 2014, levei ao programa o projeto interinstitucional *Arte, psicanálise e educação: procedimentos estéticos do cinema e as vicissitudes da infância*, envolvendo professores e estudantes da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Universidade Federal de Goiás, Universidade Estadual de Goiás e Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul. Inicialmente, ele foi coordenado pela professora Glacy Queirós de Roure (Pontifícia Universidade Católica de Goiás), assumindo-o eu posteriormente. Seu objetivo é refletir sobre os dispositivos estéticos do cinema/audiovisual que revelam uma representação sobre a infância para fomentar novos estudos e pesquisadores, produzir curadorias, análises, material audiovisual e disponibilizá-los à comunidade interessada. A primeira produção audiovisual foi *Ric* (Figura 3), lançada em 2015. Nela, um menino, Ric, anda pela cidade, acompanhado de seu pai. Esse curta integra o catálogo da Rede Minuto.

Figura 3 - Frame de *Ric*. (Experimental. Cor. Digital. 1 min. GO, 2015)



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=0dfQSMP79Jo>

Nesse contexto, ao considerar a perspectiva do pensamento psicanalítico para aprofundar a articulação entre arte/cinema/audiovisual, infância e educação, pode-se pensar que a imagem produzida no cinema/audiovisual também pode ser marcada pelo furo e pela opacidade, já que a “arte para permanecer arte deve permanecer um fermento de anarquia, de escândalo, de desordem. A arte é por definição um elemento perturbador dentro da instituição” (Bergala, 2008, p. 30).

Essa ideia me encorajou, bem como o grupo, a dar início ao trabalho com o cinema/audiovisual na escola, uma vez percebida a necessidade de explorar essa linguagem com os estudantes. Observamos que a maioria deles, tanto na Educação Básica quanto nas etapas posteriores, não tinham acesso às produções audiovisuais, tampouco participavam de encontros para refletirem e produzirem sobre essas formas de representação e criação.

Nascia, assim, o projeto de extensão *Sessão Corujinha: infância e audiovisual* (Figura 4), em ação desde 2013, atualmente sob minha coordenação. Seu objetivo principal é apresentar o cinema e o audiovisual aos estudantes, promovendo a reflexão e a experimentação. Ele conta atualmente com a participação de professores da Educação Básica, estudantes da graduação e da pós-graduação, membros externos e bolsistas voluntários da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Escola Municipal Cidade Satélite São Luiz e Escola Caraíbas de Aparecida de Goiânia, Centro Municipal de Educação Infantil Alto da Glória e Centro Municipal de Educação Infantil Maria José dos Santos, em Goiânia, Escola Espírita Pedro de Camargo e uma Escola Municipal de Goiandira.

O projeto realiza sessões de cinema, mostras, curadorias, projetos de ensino e oficinas de iniciação à produção cinematográfica estudantil. O *Sessão Corujinha* tem colaborado na discussão e viabilização da instituição de um Programa Nacional de Cinema na Escola (<https://cinenaescola.org/2024/05/08/programa-nacional-de-cinema-na-escola/>). Nesse contexto, participa de eventos com essa pauta, como o curso de formação *Cinemas e educação* (Laboratório de Educação, Cinema e Audiovisual da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 2024) e o *Encontro de Educação* na 19ª Mostra de Ouro Preto, em 2024. Mais recentemente pude participar com representantes do Brasil, Portugal, Chile e Espanha da *Mesa-Redonda Plano Aberto: Cinema, Educação e Cultura*, sob a coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática e Tecnológica da Universidade Federal de Pernambuco.

Dentre as ações anuais do *Sessão Corujinha*, cito as sessões mensais no Cine UFG, no próprio Cepae e nas escolas parceiras, com exibição de filmes, debate e conversas com os realizadores do filme; além das mostras com curadorias temáticas e em parcerias com outros projetos: Mostra Internacional de Cinema Estudantil (Figura 4), Mostra Cinema Negro (Figura 5), Mostra Ambiental (Figura 6) e Mostra Mercosul (Figura 7). Essas ações são realizadas com exibição, exposição, debate, oficina e outras atividades complementares, organizadas pelos professores, convidados e escolas participantes.

Figura 4 - Card da Mostra Internacional de Cinema Estudantil - 2025

VI MOSTRA NACIONAL
IV MOSTRA INTERNACIONAL

21 DE MAIO

QUARTA
CINEMA
ESTU
DAN
TIL

19H30

Venha participar com a gente desse momento especial, teremos filmes e rodas de conversa com os realizadores!

COLÉGIO ESTADUAL GOIANY PRATES



Logo do Rio Norte

Logo do Polígrafo

Logo do CEPI Gracinda de Lourdes

Logo da Escola Casa Verde

Logo da Escola Aldeia

Logo do CEPAE UFG

Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 5 - Card de divulgação da Mostra de Cinema Novembro Negro



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 6 - Publicação de divulgação da Mostra de Cinema Ambiental



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 7 - Card de divulgação da Mostra de Curtas Infantis – Mercosul Audiovisual



Fonte: Arquivo pessoal.

Com a intenção de qualificar essas atividades, comecei a participar das experiências realizadas pelo professor visitante no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual da Faculdade de Artes Visuais da UFG José da Silva Ribeiro. Lá ele realizava uma disciplina com temáticas voltadas para a exploração de narrativas audiovisuais, com exercícios e produções colaborativas. Inspirada por seu trabalho, organizei com os colegas de trabalho Juliana Marra e Santiago Lemos a primeira disciplina eletiva do Ensino Médio, voltada para a produção audiovisual estudantil, *História e cinema*. Foi um desafio realizá-la, mas, como mostra o *making off* dos alunos sobre a apresentação dos trabalhos, foi um exemplo de como o cinema é potente na escola (link: <https://www.youtube.com/watch?v=5SIQO5IGGm0>. Link dos filmes (<https://www.youtube.com/playlist?list=PLypEu-9dvMI2V-S5IU2HI0WCAjPII1pDEH>).

Vale destacar que essa experiência gerou parcerias que atravessaram o estado e chegaram a outros países, como com a *Ao Norte: Associação de Produção e Animação Audiovisual* (www.aonorte.com), sediada em Viana do Castelo, em Portugal, representada aqui pelo professor José da Silva Ribeiro, orientador do meu projeto de pós-doutoramento *Escola e cinema: diálogos possíveis*. Esse pro-

jeto pretendeu contribuir no campo investigativo do cinema na escola, ao promover encontros para exibições e discussões sobre as produções audiovisuais estudantis, bem como incentivar essas experiências no contexto escolar.

Para isso, realizei um estágio na Ao Norte, acompanhando suas atividades com o cinema no ambiente escolar (<https://www.ao-norte.com/formacao.php>). Coordenei a Primeira Mostra Internacional de Cinema Estudantil do Cepae (já foram realizadas seis edições) e participei da realização de curadoria para o Festival do Vídeo Escolar (Evento Internacional da Ao Norte), do Festival do Filme Etnográfico do Pará (durante duas edições), de cursos de pequena duração e mesas-redondas para formação de professores e estudantes interessados em desenvolver produções audiovisuais.

Com esse trabalho, foi possível participar do projeto institucional *Do Minho ao Amazonas, um salto a Melgaço do Pará* (<https://grupovisagem.org/projetos/melgaco-entre-o-minho-e-o-amazonas/>) (Figura 8), uma realização entre a Universidade Federal do Pará, a Ao Norte: Associação de Animação e Produção Audiovisual de Viana do Castelo/Portugal, a Prefeitura Municipal de Melgaço do Marajó e a Universidade Federal de Goiás, em 2018, 2019 e 2020. Ele teve como objetivo principal aproximar as duas cidades irmãs, Melgaço do Minho (Portugal) e Melgaço do arquipélago marajoara (Brasil), a partir de Mostras de Cinema e oficinas de produção audiovisual participativas com crianças, jovens e professores, inspirados pela etnografia baseada na interlocução participativa e reflexiva.

Figura 8 - Foto da Exibição dos curtas realizados em Melgaço do Marajó, Pará, em 2019



Fonte: Arquivo pessoal.

Esse foi um dentre outros projetos dos quais até hoje sentimos os efeitos. Recentemente, mais um filme, *O mundo feliz* (<https://www.youtube.com/watch?v=TV1ZGFNlL6o>), realizado colaborativamente com as crianças e jovens de Melgaço do Pará, foi selecionado para a mostra Cine-Educação do Festival Internacional de Ouro Preto, edição 2025. Em 2024, compôs esse mesmo festival o curta *A praia de Jambre* (<https://www.youtube.com/watch?v=Xx9P2XiFsq8&t=7s>), também produzido em Melgaço. Em 2022, esse filme também foi exibido na 21ª Mostra de Cinema Infantil de Florianópolis. Ambos integram o catálogo da Plataforma Cine na Escola, do Laboratório de Educação, Cinema e Audiovisual da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, bem como o Catálogo Internacional da Mostra Cuiabá 153, um evento coligado ao *Les Fenêtres qui Parlent* (França).

Outro projeto de pesquisa relacionado ao de *Arte, psicanálise e educação...*, ao qual me associei, foi realizado entre 2019 e 2021, coordenado pela professora Deise Nanci de Castro Mesquita e denominado *Imagens da vida em transição*. Essa investigação, que privilegiou a linguagem audiovisual tomando-a como linguagem também acadêmica, tratou de uma experiência inspirada na obra freiriana, que permitiu explorar conceitos psicanalíticos fundamentais (linguagem, imagem, representação, signifiante, repetição e montagem) e conseguiu que todo o grupo envolvido (estudantes da Educação Básica, da Graduação e do Mestrado) atravessasse o período da pandemia com apoio, esperança e criação, realizando exercícios visuais e audiovisuais.

Como exemplo, trago alguns deles: *Ritxòko e as mulheres do povo Iny* (Figura 9), que aborda a relação constitutiva do povo Iny com a água; *Sem sinal* (Figura 10), que denuncia a falta de recursos tecnológicos e a impossibilidade de acesso às redes virtuais de alunos e professores de escolas públicas brasileiras; *Luedji* (Figura 11), que apresenta uma narrativa poética abordando questões étnico-raciais, tomando como mote inspirador a história de vida de mulheres pretas; *Noé das artes* (Figura 12), que traz o idealizador de um Centro de Arte problematizando o processo de aprender, mas não de ensinar, da produção criativa e estética das artes.

Figura 9 - Frame de *Ritxòko e as Mulheres do Povo Iny* (Experimental. Cor. Digital. 5 min. GO, 2021).



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=1B4mwjGLZCw&t=17s>

Figura 10 - *Frame de Sem Sinal* (Experimental. Cor. Digital. 5 min. GO, 2022).



Fonte: <https://youtu.be/9oCGa7DKw3U>

Figura 11 - *Frame de Luedji* (Experimentação. Cor. Digital. 3 min. GO, 2021).



Fonte: <https://youtu.be/e-SQuQR-bng>

Figura 12 - *Frame de Noé das Artes* (Experimental. Cor. Digital. 13 min. GO, 2021).



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=gvn-FulHOo8>

Cabe destacar que essas criativas produções foram apresentadas em mostras, festivais e em algumas edições do *Fórum Nacional Escola de Educação Básica para Todos!*, e estarão presentes, com outras produções audiovisuais, no Catálogo que está sendo preparado para ser lançado na edição de 2025 desse mesmo evento. Juntamente com Deise Nanci de Castro Mesquita, tenho me dedicado à organização e à realização anual desse projeto de extensão e da publicação de sua coletânea, *Escola de Educação Básica para Todos!* (<https://forumescolaparatodos.com.br>), que se constituem como uma das mais importantes realizações acadêmicas no Cepae.

Desde a sua primeira edição, em 2017, esse Fórum e os quatorze volumes de sua coletânea representam um importante espaço dialógico, congregador de uma comunidade sem fronteiras, cujo requisito básico é defender uma educação que visa à formação omnilateral do ser humano, no sentido freiriano do termo, em que todos os sujeitos, todas as singularidades, sem qualquer tipo de exclusão, ascendam ao pleno desenvolvimento social, cultural, intelectual e cognitivo, em suas diversificadas dimensões e condições objetivas e subjetivas. A partir de 2022, às suas ações foram integrados os Ciclos Internacionais de Debate, que servem de palco para as discussões sobre a educação básica também em nível mundial.

Nesses encontros, tenho buscado oportunizar a divulgação de vários projetos relacionados ao Cinema Estudantil, que vêm contribuindo para inspirar a criação de espaços escolares de produção audiovisual e de Cineclubes, em Goiás. Em sua última edição, em 2024, apresentei o trabalho *Churunga, memória e produção textual: resgate de histórias, mitos e lendas que compõem o coração das culturas* (https://forumescolaparatodos.com.br/wp-content/uploads/2025/05/Volume-XIV-18_12_24.pdf), realizado com a parceria de Daniel Martins Pinheiro Maciel, da Associação de Produção e Animação Audiovisual Ao Norte, e de outras colegas de escolas de Educação Básica Estaduais, Municipais e Particulares de Goiânia, Aparecida de Goiânia e Piracanjuba, em Goiás. A participação do Cepae envolveu estudantes dos anos iniciais, dos anos finais e do mestrado, bem como de estagiários e bolsistas de graduação da UFG.

O *Folhinha Aplicada* (www.folhinhaaplicada.com) é outro projeto de extensão vinculado à pesquisa. Iniciado em 2006, é um periódico de publicação bimestral com material produzido por estudantes da Educação Básica do Cepae e de outras escolas, inclusive de outros países. Organizado em um site próprio, de editorias fixas, com conselho editorial e ISSN, ele é um produto educacional do trabalho de mestrado sob minha orientação, intitulado *Folhinha Aplicada, um exercício em busca de autoria*, de Leonarley Rodrigo Barbosa (2018), que expõe o movimento de autoria operacionado pelas crianças e jovens no campo da linguagem, sob a orientação de seus professores.

Esses projetos de pesquisa e de extensão realizados no âmbito do Programa de Pós-Graduação do Cepae, mais precisamente no Mestrado Profissional em Ensino na Educação Básica, originaram vários outros subprojetos de pesquisa de mestrado, de iniciação científica e de estágio obrigatório sob minha orientação e colaboração. Dentre eles, destaco alguns.

O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: implicações teórico-metodológicas na formação do professor alfabetizador, de Elizete Xavier (2017), é uma dissertação que discute as concepções teórico-metodológicas para o ensino da leitura e da escrita na alfabetização e suas implicações na formação do professor alfabetizador, analisando os Cadernos de Linguagem do Programa do Ministério da Educação e Cultura (MEC) intitulado Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC).

O jogo virtual Dali-Ex: formação estética e ensino de Artes, de Santiago Lemos (2017), apresenta um aplicativo de fácil acesso, o jogo *Dalí e X*, com base referencial nos estudos sobre linguagem e subjetividade, além de educação estética, ensino de Artes Visuais e Cultura Visual. Tem como referência o gênero RPG - *Role Playing Game*, que em português significa “jogo de interpretação de personagens”, onde é possível vivenciar um mundo fictício. A produção artística de Salvador Dalí foi selecionada para compor sua narrativa. *Cineclubismo no Ensino Médio: formação e protagonismo estudantil*, de Thaisy de Carvalho Rocha Gomes (2023), relata a experiência realizada para criar um cineclubes estudantil com total protagonismo estudantil. *As relações étnico-raciais na experiência cineclubista escolar*, de Rosana de Almeida Porto (2024), investiga as questões étnico-raciais a partir da experiência cineclubista de estudantes dos anos finais da Educação Básica.

Cinema e infâncias, de Juliana Marra (2022), foi um projeto de estágio doutoral com o objetivo de realizar experiências audiovisuais com crianças em Pirenópolis, e que resultou no filme *Pirenópolis, a guardiã das águas* (https://www.youtube.com/watch?v=9w_RTc9B_Sc). Esse filme foi selecionado em vários festivais e foi vencedor do Festival Curta Canedo, edição 2023. O projeto de Trabalho de Conclusão do Ensino Médio *Fãsim: vida e obra de Lana Del Rey*, de Lucas Naves (2023), é uma pesquisa bibliográfica sobre o impacto da artista Lana Del Rey junto aos adolescentes, organizada em formato de um fanzine.

Tenho dado destaque à perspectiva de um trabalho docente centrado na via estética, com o cinema e o audiovisual. A exploração desse gênero, baseado na tecnologia de imagens e sons, enriqueceu e provocou muitos encontros, e inclusive permitiu tratar de temas das várias disciplinas de forma interdisciplinar e colaborativa. Ela possibilitou ver, falar, ler, escrever e produzir aquilo que estava fora de um enquadramento, considerando as experiências, como foi atestado na fala de muitos estudantes que participaram dessas iniciativas. Com eles, foi possível explorar a intersecção da arte com a educação. Sobre ela, trago a fala de Paulo Freire:

A educação é em si, artística. E a arte, quando ela desafia a curiosidade estética, o gosto da beleza, ela é altamente pedagógica, entende? É interessante porque há umas relações, precisamente porque são relações que se realizam no corpo da natureza, do ser, da prática educativa e que fazem com que as duas coisas que se relacionam sejam, ora um caminho da educação, ora um caminho de si mesma, A educação vira caminho também. (TV Senado, série documental Paulo Freire, um homem do mundo, acesso dia 30 de junho de 2025).

Essa compreensão tem conduzido minhas práticas educativas, bem como o conceito de elaboração, processo psíquico que reelabora experiências conforme a Psicanálise, discutido na minha tese de doutoramento. Ela também se aproxima de uma *escrevivência*, termo cunhado por Conceição Evaristo (2020) ao chamar atenção para as experiências étnicas e de gêneros ligadas à ancestralidade, à coletividade e à própria interrogação sobre si e o mundo. Esses conceitos remetem às ideias de pertencimento, memória, criação e transformação para realçar a potência de uma narrativa. Assim fazendo, espero contribuir para acolher os vários saberes e constituir as experiências nos projetos das diferentes etapas que participei (Anos Iniciais, Ensino Médio, Estágios, Pós-Graduação e Cursos de Formação Continuada).

Dentre eles, cito também o *Cá entre nós*, o *Podcast Memórias Poéticas*, *Perguntar para conhecer: Astronomia*, *Perguntar para conhecer: Macaco-prego-amarelo*, e o *Memórias em diálogo: uma receita para todos os tempos*. O *Cá entre nós* (https://www.youtube.com/live/1_GwtOsFT7s) foi um projeto de ensino, realizado com as crianças de 6 a 8 anos de idade, cursando o 2º ano dos Anos Iniciais da Educação Básica, de agosto de 2020 a maio de 2021. Foi desenvolvido a partir de uma série de exercícios audiovisuais que provocassem o olhar, sua produção e reflexão, a fim de garantir o enlace educativo durante o Ensino Remoto Emergencial.

Já o *Podcast Memórias Poéticas* (Figura 13), iniciado em 2020, lança a pergunta “qual poema inspira sua memória?” para celebrar a poesia e oportunizar a elaboração de uma narrativa autobiográfica. Com um formato descontraído pelo roteiro simples e direto, o ouvinte conhece e/ou reconhece um poema apresentado por um convidado que o relaciona aos acontecimentos cotidianos de sua vida. Até o momento foram produzidos mais de 10 episódios e vários deles estão publicados no site do Projeto de Extensão Pipoesia (<https://sites.google.com/ufg.br/pipoesia>). Apresento alguns deles:

Links para os Podcasts:

<https://soundcloud.com/sirley-aparecida-de-souza-de-souza/via-lactea-soneto-xiii-1?si=d010bd75141e454bb3ba8649ca8043d2>

<https://castbox.fm/episode/Cidadezinha-qualquer-id3423000-id433524738?country=br>

<https://castbox.fm/episode/Can%C3%A7%C3%A3o-amiga-id3423000-id432953899?country=br>

Figura 13 - Card de divulgação do Podcast *Memórias Poéticas*



Fonte: Arquivo pessoal.

O terceiro, *Perguntar para conhecer: Astronomia* (Figura 14), foi realizado durante o Ensino Remoto Emergencial, devido à situação pandêmica da Covid-19, em 2020 e 2021, com os estudantes do 2º ano dos Anos Iniciais do Cepae/UFG. Com representações imaginárias e tridimensionais do Sistema Solar, os estudantes foram incentivados a elaborar e a responder a muitas perguntas. Parte desse estudo está registrado nesse livro que teve como colaborador principal o professor Paulo Sobreira, na época, diretor do Planetário da UFG.

Figura 14 - Capa da obra *Perguntar para conhecer: Astronomia*



Fonte: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/80/o/livro_Perguntar_para_conhecer-Astronomia.pdf

O quarto, *Perguntar para conhecer: macaco-prego-amarelo* (Figura 15), foi realizado com os estudantes do 2º ano dos Anos Iniciais em 2022 e 2023. Apresenta o estudo realizado sobre os “habitantes originários”, os macacos-prego do Campus II da Universidade Federal de Goiás, com a participação especial da bióloga Daniella Lisboa dos Reis.

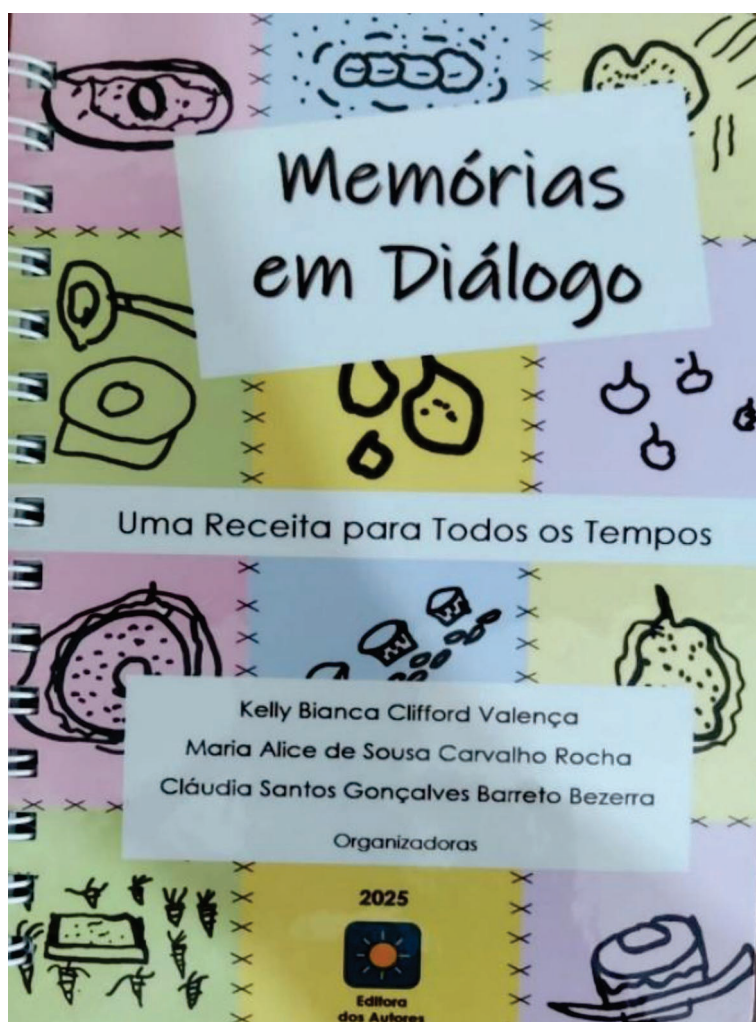
Figura 15 - Capa da obra *Perguntar para conhecer: Macaco-prego-amarelo*



Fonte: <https://portaldelivros.ufg.br/index.php/cegrafufg/catalog/book/651>

E, por último, o *Memórias em diálogo: uma receita para todos os tempos* (Figura 16) apresenta parte do trabalho interdisciplinar realizado no 2º ano dos Anos Iniciais do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação, no ano de 2024. Ele reúne receitas variadas, cheias de afeto e de história para celebrar o ato da partilha.

Figura 16 - Capa da obra *Memórias em diálogo: uma receita para todos os tempos*



Fonte: <https://portaldelivros.ufg.br/index.php/cegrafufg/catalog/book/667>

Ressalto que só foi possível desenvolver esses projetos porque foram precedidos de estudos e trocas constantes. Para exemplificar, cito o curso sobre fotografia vernacular, realizado em 2022, no Campus Comum – Universidade Livre. O curso foi organizado pela arquiteta, artista e fotógrafa brasileira Solange Valladão, e teve como resultado final o lançamento do livro *Imagens de um cotidiano - Narrativas Fotográficas e Intervenções Literárias* (Figura 17). Essa obra reúne quinze ensaios fotográficos feitos com celular, acompanhados de textos elaborados pelos próprios estudantes, participantes do curso.

Além disso, apresenta quatro ensaios literários, entre o conto, a crônica e a poesia, criados por artistas convidados exclusivamente para o livro. Os autores e autoras compõem um grupo de 19 pessoas, vivendo em 13 cidades e seis países diferentes. Por isso, o livro foi lançado em dois idiomas e é uma oportunidade única de conhecer aspectos culturais do cotidiano de pessoas que se dispuseram a enfrentar o desafio de criar imagens, poesias, contos, crônicas e ensaios fotográficos inspiradas em seu cotidiano.

Figura 17 - Capa da obra *Imagens de um cotidiano - Narrativas Fotográficas e Intervenções Literárias*



Fonte: <https://drive.google.com/file/d/1zOMuM97RpM37FrKEfRS8bJpa-HD7SDA0/view>

Outra formação da qual participei foi o curso de documentários, realizado entre 2023 e 2024, pelo projeto de extensão *Cinedelas*, da Universidade de Brasília e ONG P de Potência (Portugal). Seu

objetivo principal era capacitar mulheres para a produção audiovisual, sob a orientação da cineasta Alice Andrade. Desta experiência, produzi com colegas o filme *Maternidades* (Figura 18), um documentário experimental que integra o Por Aí Festival de Cinema Itinerante, edição 2025.

Figura 18 - Cartaz do curta *Maternidades* (Experimental. Cor. Digital. 12 min. Brasília, 2024).



Fonte: https://youtu.be/35tC_VvOzRo

Considero que as narrativas audiovisuais seguintes estão relacionadas ao argumento que sustentou minha prática como docente nesses 32 anos no Cepae, ao promover e defender a causa da educação. É com elas que encerro esta seção, convidando o(a) leitor(a) deste memorial a testemunhar isso, assistindo aos filmes *Cepae é demais*, *A espera de Ludy* e a *Fotografia Falada com Isabel Ramos Jubé*. Esses filmes integraram mostras, festivais nacionais e internacionais, estudantis e profissionais.

O primeiro filme, *Cepae, demais!* (Figura 19), aborda o impacto da apreciação das crianças ao assistirem ao filme *Osiba Kangamuke: vamos lá criança da!*, de Haya Kalapalo, Tawana Kalapalo, Thomaz Pedro e Veronica Monachini de Carvalho, lançado em 2016. Ele provocou muitos encontros, muitas aprendizagens, promovendo enlaces sociais que desencadearam a produção do filme-carta destinada às crianças Kalapalos do Alto Xingu. Foi realizado em 2018, com a participação das estudantes do 1º ano dos Anos Iniciais e contou com a participação das estagiárias do curso de Pedagogia da UFG desenvolvendo o projeto de ensino que explorou as culturas indígenas.

Figura 19 - Frame de *Cepae, demais!* (Experimental. Filme-carta. Cor. Digital. 15 min. GO, 2018)



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=uKpK3N55htg>

O segundo, *A espera de Ludy* (Figura 20), lançado em 2021, narra a história de Ludy, uma garota de 7 anos que, durante a pandemia de Covid-19, participa do Ensino Remoto Emergencial. Esse curta foi realizado coletivamente com as crianças do 2º ano dos Anos Iniciais do Cepae e com a participação de Santiago Lemos, ex-orientando e parceiro de vários projetos de cinema e educação. Nele, as crianças participantes revisitaram a memória visual que tinham da escola, selecionando as imagens de arquivos produzidos por elas antes da pandemia. Esse curta foi selecionado para compor a Mostra Educação da 19ª Mostra de Cinema de Ouro Preto, em 2024, e a I Mostra Audiovisual Espaçostempos das infâncias, no VI Simpósio Luso Brasileiro em Estudos da Criança e I Simpósio Luso-Afro-Brasileiro em Estudos da Criança, em 2024. Venceu como melhor cartaz no 15º Curta Taquary. Também integra o catálogo da Plataforma Cine na escola, do Laboratório de Educação, Cinema e Audiovisual da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro e o catálogo do Por Aí Festival de Cinema Itinerante, edição 2025.

Figura 20 - Cartaz de *A Espera de Ludy* (Experimental. Animação. Cor. Digital. 3 min. GO, 2021)



Fonte: <https://youtu.be/MOxdhushh70>

Por último, o *Fotografia Falada com Maria Izabel Ramos Jubé* (Figura 21) apresenta o relato de uma das professoras que participaram do Projeto das Escolas Radiofônicas de Goiânia, inaugurado em 1961. É uma memória da campanha nacional pela causa da alfabetização, realizada pela Igreja Católica e o Estado, interrompida em 1966. O *frame* reproduzido abaixo é do primeiro episódio, realizado na licença-capacitação, sob a orientação de Gregório de Albuquerque (Fiocruz) e da formação do curso de Autobiografias, Antropologia, Cinema e Educação do Grupo de Pesquisa Cinema e Narrativas Digitais, da Ao Norte - Associação de Animação e Produção Audiovisual, de Viana do Castelo, em Portugal. Ele integra o Projeto Professoras Radialistas, uma ação audiovisual idealizada por mim, pelo Kaio Régis, ex-aluno da disciplina História e Cinema, e com a colaboração do Grupo de Pesquisa Audiovisual Nacional: Educação, pesquisa, trabalho e produção (Fiocruz), que passei a integrar neste

ano de 2025. O projeto pretende construir narrativas audiovisuais autobiográficas colaborativas realizadas pelas professoras radialistas.

Figura 21 - Frame de *Fotografia Falada* com Maria Izabel Ramos Jubé
(Experimental. Documentário. Cor. Digital. 10 min. GO, 2025)



Fonte: <https://drive.google.com/file/d/1AWFTD-0cfnplwr9hrFHYmVBOLIIMkpbl/view>

A seguir, apresento algumas das publicações realizadas por mim e, também, em coautoria, resultantes dos trabalhos de formação, ensino, pesquisa, extensão e inovação.

PUBLICAÇÕES

Nesta seção, divulgo alguns artigos, capítulos, livros, podcast, site e filmes realizados por mim e/ou em coautoria, para exemplificar as atividades de formação, ensino, pesquisa, extensão e inovação, desde o meu ingresso como docente do Ensino Superior no Cepae/UFG.

Na parte 2.1, encontram-se artigos relacionados à formação, do mestrado ao pós-doutoramento. Eles refletem os estudos realizados, bem como problematizam temáticas que atravessaram as minhas investigações e o meu cotidiano docente.

Na parte 2.2, Projetos de Ensino, encontram-se relatos publicados que versam sobre a docência realizada nos Anos Iniciais, com as disciplinas obrigatórias de Ciências, Língua Portuguesa e História; no Ensino Médio, na disciplina optativa História e Cinema; no Núcleo Livre de Graduação, com a disciplina Saberes Audiovisuais Colaborativos; e no Programa de Pós-Graduação do Mestrado em Ensino na Educação Básica, com a disciplina optativa Fundamentos Teóricos e Metodológicos do Ensino na Perspectiva da Psicanálise.

Os capítulos de livros, na Parte 2.3, Projetos de Pesquisa, descrevem os estudos realizados nas pesquisas atuais, uma em que coordeno e outra da qual participo, sob a coordenação do professor José da Silva Ribeiro. Esta última congrega vários países em torno da temática da Educação, da Antropologia e do Audiovisual, no grupo constituído na Ao Norte: Associação de Animação e Produção Audiovisual, de Viana do Castelo, Portugal.

Na parte 2.4, Projetos de Extensão, apresento as publicações referentes aos projetos de extensão que coordeno e outros com os quais colaboro no seu desenvolvimento. Todos eles em parcerias com escolas brasileiras, mas também com a Ao Norte: Associação de Animação e Produção Audiovisual, de Viana do Castelo, Portugal.

Essas publicações demonstram as dimensões da formação, do ensino, da extensão, da pesquisa e da inovação e, de modo geral, apontam para as questões fundamentais que compõem a causa da educação e a sua defesa: encontro, formação, experiência, memória e transformação.

• Atividades de Formação

2.1.1 Pós-doutorado – Pós-Graduação em Artes e Cultura Visual – Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Artes da Universidade Federal de Goiás

Pesquisa: Cinema e escola: diálogos possíveis.

Supervisão: Prof. Dr. José da Silva Ribeiro.

Artigo: ROCHA, M. A. de S. C.; RIBEIRO, J. da S. Cinemas e escola: diálogos possíveis. In: MESQUITA, D. N, de C.; NETA, S. S. da S. **Coletânea Escola de Educação Básica Para Todos**. v. 4. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2019.

2.1.2 Doutorado em Educação – Pós-Graduação da Faculdade de Educação – Universidade Federal de Goiás

Tese: Escrita, repetição e elaboração.

Orientador: Cristovão Giovanni Burgarelli.

Artigo: CARVALHO, M. A. de S.; COSTA, Sonia S. Avaliação na Educação Infantil: tendências e desafios. In: **Confederação Nacional de Trabalhadores em Educação - Retratos da escola/Escola de Formação da Confederação Nacional de Trabalhadores em Educação**, v. 7, n. 12, jan./jun. Brasília, CNTE, 2013.

2.1.3 Mestrado em Educação – Pós-Graduação da Faculdade de Educação – Universidade Federal de Goiás

Dissertação: Sob(re) o texto: o domínio do significante.

Orientação: Profa. Dra. Sonia Borges.

Artigo: CARVALHO, M. A. de S. Sob(re) o texto: o domínio do significante. In: **Revista Inter-Ação**, Revista da Faculdade de Educação, UFG, v. 1, 1975. Goiânia: Editora da UFG, v. 30, n. 2, jul./dez., p. 267-278, 2012.

• Atividades de Ensino

2.2.1 Disciplinas nos Anos Iniciais: Ciências, Língua Portuguesa e História. – 1º e 2º anos

Capítulo: ALMEIDA, R.; MORAIS, P.; MOURA, M.; SANTANA, B.; SOUZA, A.; RIBEIRO, M. E.; ROCHA, M. A.; VIEIRA, T. A bênção. In: FREIRE, S.; MESQUITA, D.; SATLER, L. **Coletânea Escola de Educação Básica Para Todos!**: v. IX. Goiânia: Cegraf UFG, 2022.

2.2.2 Disciplina Eletiva: História e Cinema – Ensino Médio

Capítulo: CARVALHO, M. A. S.; LEMOS, S.; MARRA, J. Cinema na escola: o fazer como prática curricular. In: MACIEL, Daniel; NOGUEIRA, Patrícia (org.). **Encontros de Cinema**. 1. ed. Viana do Castelo/Portugal: Ao Norte, v. 7, p. 64-75, 2020.

2.2.3 Disciplina de Núcleo Livre Saberes Audiovisuais Colaborativo

Artigo: MESQUITA, D.; SATLER, L.; ROCHA, M. Divulgação Científica em Linguagem Audiovisual. In: MESQUITA, D.; SATLER, L.; FREIRE, S. (org.) **Escola de Educação Básica para Todos!**: v. IX. Goiânia: Cegraf UFG, p. 11-27, 2022.

2.2.4 Disciplina na Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica – Mestrado Profissional: Fundamentos Teóricos e Metodológicos do ensino na Perspectiva da Psicanálise

Artigo: FREIRE, S.; ROCHA, M. A. Do Édipo um saber possível. In: MESQUITA, D. **Escola de Educação Básica Para Todos!**: v. II. Goiânia: Gráfica UFG, p. 19-39, 2018.

2.2.5 Projeto de Estágio Obrigatório- Doutorado em História do Programa de Pós-Graduação em História - Faculdade de História/UFG

Orientanda: Juliana Ribeiro Marra.

Resumo Expandido: JUNIOR, R.; LINO, A.; MARRA, J.; ROCHA, M. A. Pirenópolis, A Guardiã Das Águas: O que é o filme produzido com estudantes no Projeto de Pesquisa Ensino e Extensão *Sessão Corujinha & Cine Arandu?* In: ENCONTRO INTERNACIONAL HISTÓRIA & PARCERIAS, 4., 2023, Web. Rio de Janeiro - RJ. **Caderno de Resumos do 4º Encontro Internacional História & Parcerias.** Rio de Janeiro-RJ: ANPUH-RJ, p. 220-220, 2023.

• Projetos de Pesquisa

2.3.1 Arte, psicanálise e educação: procedimentos estéticos do cinema e as vicissitudes da infância

Capítulo: CARVALHO, M.A. de S.; RODRIGUES, S. M.; ROURE, G. Q. O cinema e as crianças: algumas considerações. In: SUANNO, Marilza; SILVA, Rusvênia B. de R.; FARIA, Vivianne F. (org.). **Veredas escolares II, partilhando experiências criativas de ensino e aprendizagem do Cepae/UFG.** 489 p. Goiânia: Espaço Acadêmico, v. II, p. 301-318, 2016.

2.3.2 Cinema e narrativas digitais - Ao Norte - Associação de Animação e Produção Audiovisual - Viana do Castelo - Portugal, Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação/UFG, Universidade Federal do Pará e Universidade Federal de Pernambuco

Capítulo: RIBEIRO, J. S.; ROCHA, M. A. de S. Pensar o ver: que diálogos podemos estabelecer entre antropologia, psicanálise e cinema? In: FURTADO, Rita Márcia Magalhães (org.). **Pensar o ver.** 1. ed. Campinas/SP: Mercado de Letras, v. 1, p. 183-200, 2021.

• Projetos de Extensão

2.4.1 Folhinha Aplicada

Capítulo: BARBOSA, L.; ROCHA, M. A. O Site Folhinha Aplicada como Exercício de Autoria. In: JÚNIOR, M. A. G.; PORTO, M. B. D. da S. (org.). **Experiências na educação básica:** Práticas de formação e metodologias de ensino. Goiânia: Ciar UFG, v. 4, p. 67-73, 2022.

2.4.2 Sessão Corujinha: Infância e Audiovisual

Capítulo: CARVALHO, M. A. S.; RODRIGUES, S. M. Sessão Corujinha: memória, tempo e narrativas. In: QUEIROZ, Fabrício David de *et al.* (org.). **Cinema e formação:** concepções estéticas e pedagógicas. 1. ed. Campinas/SP: Alínea Editora, v. 1, p. 145-156, 2021.

2.4.3 Fórum Nacional de Educação Básica para Todos

Artigo: MESQUITA, D.; ROCHA, M. A. de S. C.; GOMES, T. *et al.* O Lugar de Mãe: representações femininas com arte e poesia. In: MESQUITA, D.; ROCHA, M.; GOMES, T. (org.). **Escola de educação básica para todos!** – v. XII. Goiânia, GO: Cegraf UFG, p. 10-30, 2024.

2.4.4 Projeto “Churinga, Memória e Produção Textual: Resgate de Histórias, Mitos e Lendas que Compõem o Coração de Culturas”

E-book: Escola de Educação Básica para todos! - Volume XIV

Acesso: https://forumescolaparatodos.com.br/wpcontent/uploads/2024/12/Volume-XIV-18_12_24.pdf

E-book: MACIEL, D.; MESQUITA, D.; ROCHA, M. Churinga, Memória e Produção Textual: resgate de histórias, mitos e lendas que compõem o coração de culturas. In: MACIEL, D.; MESQUITA, D.; ROCHA, M. (org.). **Escola de Educação Básica para Todos!** – v. XIV. Goiânia: Editora Alta Performance, p. 13-36, 2024.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R.; MORAIS, P.; MOURA, M.; SANTANA, B.; SOUZA, A.; RIBEIRO, M. E.; ROCHA, M. A.; VIEIRA, T. A bênção. In: FREIRE, S.; MESQUITA, D.; SATLER, L. **Coletânea Escola de Educação Básica Para Todos!** v. IX. Goiânia: Cegraf UFG, 2022.

BARBOSA, L.; ROCHA, M. A. O Site Folhinha Aplicada como Exercício de Autoria. In: JÚNIOR, M. A. G.; PORTO, M. B. D. da S. (org.). **Experiências na educação básica:** Práticas de formação e metodologias de ensino. 4. ed. Goiânia: Ciar UFG, 2022. v. 4.

CARVALHO, M. A. de S. Sob(re) o texto: o domínio do significante. In: **Revista Inter-Ação**, Revista da Faculdade de Educação, UFG, v. 1, 1975. Goiânia: Editora da UFG, v. 30, n. 2, p. 267-278, jul./dez. 2012.

CARVALHO, M. A. de S.; COSTA, Sonia S. Avaliação na Educação Infantil: tendências e desafios. In: **Confederação Nacional de Trabalhadores em Educação** - Retratos da escola/Escola de Formação da Confederação Nacional de Trabalhadores em Educação, Brasília, CNTE, v. 7, n. 12, p. 179-190, jan./jun. 2013.

CARVALHO, M. A. S.; LEMOS, S.; MARRA, J. Cinema na escola: o fazer como prática curricular. In: MACIEL, Daniel; NOGUEIRA, Patrícia (org.). **Encontros de Cinema**. 1. ed. Viana do Castelo/Portugal: Ao Norte, 2020. v. 7.

CARVALHO, M. A. de S.; RODRIGUES, S. M.; ROURE, G. Q. O cinema e as crianças: algumas considerações. In: SUANNO, Marilza; SILVA, Rusvênia B. de R.; FARIA, Vivianne F. (org.). **Veredas escolares II**, partilhando experiências criativas de ensino e aprendizagem do Cepae/UFG. 489 ed. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2016. v. II.

CARVALHO, M. A. S.; RODRIGUES, S. M. Sessão Corujinha: memória, tempo e narrativas. In: QUEIROZ, Fabrício David de et al. (org.). **Cinema e formação:** concepções estéticas e pedagógicas. 1. ed. Campinas/SP: Alínea Editora, 2021. v. 1.

EVARISTO, C. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. **Escrevivência: a escrita de nós:** reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FERREIRA, A. B. de H. **Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2010.

FREIRE, S.; ROCHA, M. A. Do Édipo um saber possível. In: MESQUITA, D. **Escola de Educação Básica Para Todos!** v. II. Goiânia: Gráfica UFG, 2018.

JUNIOR, R. L. A.; MARRA, J.; ROCHA, M. A. Pirenópolis, A Guardiã das Águas: O que é o filme produzido com estudantes no Projeto de Pesquisa Ensino e Extensão *Sessão Corujinha & Cine Arandu?* In: ENCONTRO INTERNACIONAL HISTÓRIA & PARCERIAS, 4., 2023, Web. Rio de Janeiro - RJ. **Caderno de Resumos do 4º Encontro Internacional História & Parcerias**. Rio de Janeiro-RJ: ANPUH-RJ, 2023.

MACIEL, D.; MESQUITA, D.; ROCHA, M. Churinga, Memória e Produção Textual: resgate de histórias, mitos e lendas que compõem o coração de culturas. In: MACIEL, D.; MESQUITA, D.; ROCHA, M. (org.). **Escola de Educação Básica para Todos!** – v. XIV. Goiânia: Editora Alta Performance, 2024.

MESQUITA, D.; ROCHA, M. A. de S. C.; GOMES, T. *et al.* O Lugar de Mãe: representações femininas com arte e poesia. In: MESQUITA, D.; ROCHA, M.; GOMES, T. (org.). **Escola de educação básica para todos!** v. XII. Goiânia, GO: Cegraf UFG, 2024.

MESQUITA, D.; SATLER, L.; ROCHA, M. Divulgação Científica em Linguagem Audiovisual. In: MESQUITA, D.; SATLER, L.; FREIRE, S. (org.) **Escola de Educação Básica para Todos!** v. IX. Goiânia: Cegraf UFG, 2022.

RIBEIRO, J. S.; ROCHA, M. A. de S. Pensar o ver: que diálogos podemos estabelecer entre antropologia, psicanálise e cinema? In: FURTADO, Rita Márcia Magalhães (org.). **Pensar o ver**. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2021. v. 1.

ROCHA, M. A. de S. C.; RIBEIRO, J. da S. Cinema e escola: diálogos possíveis. In: **Coletânea Escola de Educação Básica Para Todos!** v. IV. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2019.